



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

KAROLINE ESPÍNDOLA

O FALAR SULISTA DE NASCENTES (1953) E O PROJETO ALiB:
ASPECTOS FONÉTICOS E MORFOSSINTÁTICOS
(Volume 1)

FLORIANÓPOLIS
2025

KAROLINE ESPÍNDOLA

**O FALAR SULISTA DE NASCENTES (1953) E O PROJETO ALiB:
ASPECTOS FONÉTICOS E MORFOSSINTÁTICOS
(Volume 1)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística, da Universidade Federal de Santa
Catarina, como requisito à obtenção do título de
Doutora em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

FLORIANÓPOLIS

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Espíndola, Karoline

O FALAR SULISTA DE NASCENTES (1953) E O PROJETO ALiB :
ASPECTOS FONÉTICOS E MORFOSSINTÁTICOS (Volume 1) /
Karoline Espíndola ; orientador, Valter Pereira Romano,
2025.

112 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de
Pós-Graduação em Linguística, Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Falar Sulista. 3. Variação fonético-
fonológica. 4. Variação morfofossintática. 5. ALiB. I.
Romano, Valter Pereira. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Linguística. III.
Título.

KAROLINE ESPÍNDOLA

**O FALAR SULISTA DE NASCENTES (1953) E O PROJETO ALiB:
ASPECTOS FONÉTICOS E MORFOSSINTÁTICOS
(Volume 1)**

O presente trabalho em nível de doutorado foi avaliado e aprovado, em 25 de junho de 2025, pela banca avaliadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Felício Wessling Margotti
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dra. Izete Lehmkuhl Coelho
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Vanderci de Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina

Profa. Dra. Hélen Cristina da Silva
Universidade Federal do Pampa

Certificamos que esta é a versão original e final do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de doutora em Linguística.



Documento assinado digitalmente
Daniel do Nascimento e Silva
Data: 18/12/2025 12:54:12-0300
CPF: ***.274.923-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Programa de Pós-Graduação



Documento assinado digitalmente
VALTER PEREIRA ROMANO
Data: 17/12/2025 18:03:16-0300
CPF: ***.916.288-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Dr. Valter Pereira Romano
Orientador

Florianópolis, 25 de junho de 2025.

Dedico esta tese à memória dos meus pais, Jane e José,
cujos ensinamentos continuam a guiar meus passos
e a inspirar minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Cursar um doutorado é um percurso longo e desafiador, que demanda muita dedicação, perseverança e esforço constante. Esse caminho não é trilhado sozinho, depende do apoio e da colaboração de inúmeras pessoas e instituições. Por isso, sou profundamente grata a todos que, de diferentes maneiras, estiveram presentes nessa trajetória e tornaram possível a conclusão deste trabalho.

Agradeço à minha família, especialmente às minhas irmãs Cristina, Andreza e Juliana, que sempre me apoiaram e incentivaram em cada etapa da vida. Ser irmã de vocês é um presente pelo qual sou grata todos os dias!

Ao meu amor, Cleison, não existem palavras para agradecer. Sua parceria e apoio foram fundamentais para que eu concluísse esta etapa. Caminhar ao seu lado durante esses quatro anos tornou tudo mais leve, mais fácil e infinitamente mais feliz. Sua presença, cuidado e incentivo fizeram toda a diferença em cada desafio e conquista. A vida é muito melhor com você ao meu lado!

Aos amigos, Daniela, Carlos e André, agradeço pela compreensão e companheirismo. Mesmo quando não pude estar presente para um café ou uma conversa, vocês sempre entenderam. Agora, podemos marcar!

À Universidade Federal de Santa Catarina, minha segunda casa durante a graduação, o mestrado e o doutorado, pela estrutura, acolhimento e oportunidades que proporcionaram a minha formação. Agradeço especialmente ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC pelo suporte acadêmico e administrativo, fundamentais para a realização deste trabalho.

Agradeço a todos os professores que estiveram presentes ao longo da minha trajetória, da infância à pós-graduação. Cada ensinamento contribuiu para o meu desenvolvimento e minha forma de enxergar o mundo.

À equipe do Projeto ALiB, meu profundo agradecimento pelo trabalho de cada um e pela concessão dos dados que tornaram possível a realização desta pesquisa. Agradeço também aos informantes que participaram das entrevistas e aos pesquisadores e colaboradores cujo empenho foi essencial para o desenvolvimento deste projeto tão significativo para a linguística no Brasil.

Ao meu orientador, professor Dr. Valter Pereira Romano, registro minha sincera gratidão. Sua orientação criteriosa, paciência e dedicação foram indispensáveis ao desenvolvimento deste trabalho. Sempre atento e disposto a compartilhar seu

conhecimento, acompanhou cada etapa do processo com seriedade e comprometimento, contribuindo significativamente para que este projeto fosse concluído.

Ao professor Dr. Felício Wessling Margotti, minha eterna gratidão e reconhecimento. Em 2017, concedeu-me a oportunidade de iniciar na pesquisa com uma bolsa de iniciação científica. Desde então, acompanhou minha trajetória acadêmica, orientando meu TCC, meu mestrado e participando das bancas de qualificação e defesa do doutorado. Sua paciência, gentileza e compromisso foram essenciais em cada etapa da minha formação.

À professora Dra. Izete Lehmkuhl Coelho, referência de competência, elegância e gentileza. Tive o privilégio de ser sua aluna durante o mestrado e guardo com carinho as memórias de suas aulas sempre inspiradoras. Agradeço sua disponibilidade em participar da banca de defesa e pelas valiosas contribuições que aperfeiçoaram este trabalho.

À professora Dra. Vanderci de Andrade Aguilera, minha mais profunda gratidão e respeito. Sua sabedoria e generosidade são inspirações para todos que têm a honra de conhecê-la. Foi um privilégio contar com sua participação tanto na qualificação quanto na banca de defesa deste trabalho. Suas contribuições significativas enriqueceram esta pesquisa e serão sempre lembradas com grande admiração.

À professora Dra. Hélen Cristina da Silva, expresso minha gratidão pelas valiosas contribuições oferecidas durante as bancas de qualificação e defesa. Suas observações precisas e pertinentes enriqueceram o trabalho, proporcionando reflexões e aprimoramentos indispensáveis ao desenvolvimento desta pesquisa.

À professora Dra. Fabiane Cristina Altino, por aceitar ser suplente das bancas de qualificação e defesa, e à professora Dra. Edair Maria Görski, por ser suplente da banca de defesa, minha gratidão pelo apoio.

Aos colegas de curso, deixo minha gratidão pelas trocas de experiências, pelo incentivo e pela convivência ao longo desta jornada. Foi um privilégio compartilhar este caminho com vocês!

À UNIEDU/FUMDES, pelo suporte financeiro essencial à concretização deste trabalho.

A todos que, de diferentes formas, contribuíram para esta jornada, meu sincero e profundo agradecimento!

RESUMO

Este estudo busca analisar dois fenômenos do português brasileiro (PB): (i) o fenômeno fonético-fonológico da palatalização nas consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/; e (ii) o fenômeno morfossintático, especificamente o uso dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* na posição de sujeito para, assim, identificar, com base na metodologia da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998; Cardoso, 2010) diferentes falares e subfalares no espaço geográfico delimitado e denominado por Nascentes (1953) como subfalar sulista. O *corpus* examinado, fornecido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), abrange dados de 472 informantes, representando 118 municípios localizados nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, bem como partes dos territórios do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Esta pesquisa tem como objetivos específicos: (i) verificar o comportamento diatópico das variantes documentadas; (ii) correlacionar os resultados com aspectos sócio-históricos; e (iii) contribuir com o desenvolvimento do Projeto ALiB no que se refere à descrição e análise de dados parciais da rede de pontos do interior do país. Após o levantamento e análise dos dados, foi possível constatar que a ideia de um subfalar sulista homogêneo, atualmente, não se sustenta devido à complexidade geográfica, linguística e fatores históricos da região investigada, assim como já apontado por Aguilera (2009) e Romano (2015). A análise de fenômenos fonéticos e morfossintáticos indica que a área entre São Paulo e Rio Grande do Sul configura-se como um espaço de interação dialetal dinâmico, em que padrões linguísticos variados coexistem e se alternam, demonstrando que a divisão dos falares que compõem a área estudada é muito mais específica e complexa.

Palavras-chave: Falar sulista. Variação fonético-fonológica. Variação morfossintática. ALiB. Nascentes.

ABSTRACT

This study aims to analyze two phenomena of Brazilian Portuguese (BP): (i) the phonetic-phonological phenomenon of palatalization in the alveolar plosive consonants /t/ and /d/ before the vowels /e/ and /i/; and (ii) the morphosyntactic phenomenon, specifically the use of the second-person pronouns *tu* and *você* in the subject position, to, thus, identify, based on the methodology of Pluridimensional and Relational Dialectology (Thun, 1998; Cardoso, 2010) different dialects and sub-dialects in the geographical area delimited and named by Nascentes (1953) as the southern sub-dialect. The corpus examined, provided by the Linguistic Atlas of Brazil (ALiB) Project, covers data from 472 informants, representing 118 municipalities located in the states of Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, as well as parts of the territories of Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, and Mato Grosso. This research has as specific objectives: (i) to verify the diatopic behavior of the documented variants; (ii) to correlate the results with socio-historical aspects; and (iii) to contribute to the development of the ALiB Project regarding the description and analysis of partial data from the inland network of points in the country. After the data collection and analysis, it was possible to confirm that the idea of a homogeneous southern sub-dialect, currently, does not hold due to the geographical, linguistic, and historical complexity of the investigated region, as already pointed out by Aguilera (2009) and Romano (2015). The analysis of phonetic and morphosyntactic phenomena indicates that the area between São Paulo and Rio Grande do Sul is configured as a dynamic dialectal interaction space, where varied linguistic patterns coexist and alternate, demonstrating that the division of the dialects that compose the studied area is much more specific and complex.

Keywords: Speak Southern. Phonetic-phonological variation. Morphosyntactic variation. ALiB. Nascentes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta da divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922).....	41
Figura 2 – Proposta da divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933).....	42
Figura 3 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953).....	43
Figura 4 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascente (1955)	43
Figura 5 – Fluxo de Povoamento Conforme Antenor Nascentes	44
Figura 6 – Representação dos falares Paulista e Sulista	48
Figura 7 - Frequência global: africadas palato-alveolares e outras variantes.....	58
Figura 8 – Carta linguística da palatalização na Bahia.....	60
Figura 9 – Africadas e oclusivas no CE e RN	62
Figura 10 - Léxicos examinados na pesquisa	62
Figura 11 – Léxico I	63
Figura 12 – Léxico 2.....	63
Figura 13 – Léxico 3.....	64
Figura 14 – Distribuição dos informantes quanto à alternância de <i>tu/você</i>	66
Figura 15 – Alternância <i>tu/você</i> por localidade.....	67
Figura 16 – Distribuição Geral das variantes nas amostras.....	68
Figura 17 – Distribuição geral das variantes em função da localidade	69
Figura 18 – Produtividade das variantes para questão 24 do QMS nos dados da Região Sul.....	71
Figura 19 – Produtividade das variantes para questão 24 do QMS segundo o total de ocorrência em cada Estado Federativo	71
Figura 20 – Distribuição diatópica das variantes para o pronome-sujeito nos dados do ALiB – Região Sul	72
Figura 21 – Área de ocorrência do <i>pronome tu</i> com verbos 2ª e 3ª pessoa.....	73
Figura 22 – Área de ocorrência do pronome <i>você</i> com verbo em 3ª pessoa	74
Figura 23 – Distribuição das localidades na Região Sulista de Nascentes.....	75
Figura 24 – Áreas comuns de [di] e [ti] – Regiões Sul e Sudeste	84
Figura 25 – Levantamento fonético-fonológico para a questão: “O que é seu o irmão de seu pai ou de sua mãe?”.....	85
Figura 26 - Áreas comuns de [di] e [ti] – Região Centro-Oeste.....	86
Figura 27 – Semelhança entre os agrupamentos Postônica Final e Pretônica Medial ...	89
Figura 28 - Área de alta utilização de [ade].....	95

Figura 29 - Comparativo das variantes para a questão 24 do QMS nos dados da Região Sulista de Nascentes, considerando apenas as alternâncias.....	97
Figura 30 - Levantamento dos pronomes <i>tu e você</i> no tratamento do informante com seu irmão ou vizinho.....	101

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gráfico de Produtividade por Estados para Palatalização na Sílabas Pretônica Inicial.....	81
Gráfico 2 – Gráfico de Produtividade por Estado para Palatalização na Sílabas Tônica Medial.....	83
Gráfico 3 – Gráfico de Produtividade por Estado para Palatalização na Sílabas Postônica Final.....	88
Gráfico 4 – Gráfico de Produtividade por Estado para Pra(te)leira	90
Gráfico 5 – Gráfico de Produtividade por Estado para (Te)soura	91
Gráfico 6 – Gráfico de Produtividade por Estado para (Des)maio.....	92
Gráfico 7 – Gráfico de Produtividade por Estado para (Ad)vogado	94
Gráfico 8 - Produtividade das variantes para a questão 24 do QMS por Estados	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1) BREVES ASPECTOS HISTÓRICOS DA ÁREA ESTUDADA	21
1.1) Os Bandeirantes	21
1.2) A Colonização Açoriana Do Litoral Sul	22
1.3) A busca pelo ouro	23
1.4) O Tropeirismo	23
1.5) A Imigração Europeia No Século XIX E Suas Implicações Linguísticas	24
1.6) Os Embates Ibéricos E A Formação Das Fronteiras Linguísticas	25
1.7) A Economia Cafeeira	25
1.8) A Transição Da Escravidão Ao Trabalho Livre	26
1.9) Impactos Linguísticos E Formação Do Falar Caipira	26
2) OS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	28
2.1) O Surgimento Da Dialetologia	28
2.2) Dialetologia Monodimensional: Fundamentos, Métodos E Limitações	29
2.3) Sociolinguística Variacionista E Sua Ligação Com A Dialetologia	31
2.4) A Criação Da Dialetologia Pluridimensional E Relacional	33
2.5) A Geolinguística Na Dialetologia Pluridimensional E Relacional	35
2.6) A Cartografia Nos Estudos Das Línguas	37
2.7) Antenor Nascentes E O Projeto Alib	38
2.8) A Divisão Dialetal Proposta Por Nascentes	40
2.9) Romano (2015) – Centro-Sul Do Brasil: Falar Sulista Como Área Heterogênea	45
3) AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS ESTUDADAS: A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES VOZEADAS/DESVOZEADAS E A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA NA POSIÇÃO DE SUJEITO ORACIONAL	49

3.1) A Palatalização No Português Brasileiro	49
3.2) Africação	51
3.3) Pronomes E Formas De Tratamento No Português.....	51
3.4) A História Por Trás Do Você	52
3.5) Uso Dos Pronomes Sujeito Tu E Você E Os Impactos Gramaticais.....	54
3.6) Contribuições Para O Entendimento Do Português Brasileiro	55
4) PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES ANTES DE VOGAL ALTA ANTERIOR: ALGUNS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA NA PERSPECTIVA SOCIODIALETOLÓGICA.....	57
4.1) Dutra (2007)	57
4.2) Ribeiro (2018)	59
4.3) Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012)	61
5) PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA EM POSIÇÃO DE SUJEITO: ALGUNS ESTUDOS	66
5.1) Loregian-Penkal (2005).....	66
5.2) Deus (2009)	67
5.3) Romano E Margotti (2016)	70
6) METODOLOGIA	75
6.1) O Corpus.....	75
6.2) Os Informantes	76
6.3) Itens Pesquisados.....	77
6.4) Tratamento Dos Dados	78
7) DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	80
7.1) Análise Dos Dados Fonético-Fonológicos	80
7.2) Palatalização Na Sílabas Tônicas Iniciais.....	81
7.3) Palatalização Na Sílabas Tônicas Mediais.....	82
7.4) Palatalização Na Sílabas Pós-tônicas Finais	87
7.5) Palatalização Na Sílabas Pretônicas Mediais.....	88

7.6) Palatalização Na Sílabas Pretônica Inicial	90
7.7) Palatalização Na Sílabas Pretônica Com Epêntese Vocálica.....	93
7.8) Análise Dos Dados Morfossintáticos	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS	107

INTRODUÇÃO

A linguagem é um fenômeno de extraordinária complexidade e riqueza, manifestando-se de maneira singular em diversas comunidades e contextos geográficos. A variação linguística desempenha um papel fundamental na compreensão das diversidades e da dinâmica das línguas naturais. Isso posto, o presente estudo visa a analisar dois fenômenos do português brasileiro (PB): (i) o fenômeno fonético-fonológico da palatalização nas consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/, como nos vocábulos *tia/dia*; e (ii) o fenômeno morfossintático, especificamente o emprego variável do uso dos pronomes *tu/você* na função de sujeito gramatical, permitindo identificar, com base na metodologia da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, diferentes falares e subfalares no espaço geográfico denominado subfalar sulista por Nascentes (1953). Já os objetivos específicos buscam: (i) descrever o comportamento diatópico das variantes documentadas; (ii) correlacionar os resultados com aspectos sócio-históricos; e (iii) contribuir com o desenvolvimento do ALiB no que se refere à análise e descrição do *corpus* referente a localidades do interior do país.

Esses fenômenos são de grande importância na caracterização das variedades linguísticas - uma vez que refletem a complexa interação entre fatores geográficos, históricos, sociais e culturais que moldam a linguagem em diferentes comunidades de falantes. Vários estudos já foram realizados a respeito da temática da palatalização das oclusivas e realização dos pronomes *tu* e *você* (enquanto sujeito), porém todos embasados nos postulados teóricos e metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 1972)¹, os quais visam demonstrar os dados de forma mais pontuais, focando os estudos em *corpus* mais densos e concentrados em áreas específicas.

De forma inédita, embasou-se a análise deste estudo na abordagem metodológica fundamentada no quadro teórico da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, proposta por Thun (1998) e da Geolinguística brasileira (Cardoso, 2010), fornecendo uma base sólida para a investigação da variação linguística sob diversas dimensões, incluindo a geográfica, a social e a histórica. Essa abordagem multidimensional permite uma compreensão mais abrangente das variações linguísticas, considerando múltiplos fatores inter-relacionados. Conforme Krug e Horst (2022, p.15), o que “[...] nos interessa na

¹Para estudos sobre palatalização, veja: Abaurre; Pagotto (2002); Bassi (2016); Battisti (2011), entre outros. Para os estudos sobre *tu* e *você*: Coelho (2019); Martins (2010); Andrade; Alves; Scherre (2022) etc.

nossa dialetologia pluridimensional é cobrir o espaço todo com as cidades, mas também com as regiões rurais que estão entre as cidades”.

Além disso, este estudo utilizou o *corpus* fornecido pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), com dados provenientes de 472 informantes, representando 118 municípios, distribuídos pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul, bem como partes dos territórios do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

Para guiar as análises, fez-se necessária a elaboração de algumas perguntas de pesquisa, que serão retomadas e respondidas na conclusão deste trabalho. São elas:

- 1) Os dados do ALiB referentes às variáveis controladas nesta pesquisa corroboram a heterogeneidade dialetal na região do subfalar sulista?
- 2) As variantes fonéticas atestam as áreas dialetais eventualmente apontadas por outros estudos realizados sobre variantes lexicais?
- 3) As variantes morfossintáticas validam a formação de áreas dialetais sobrepostas às áreas indicadas pelas variantes lexicais e fonéticas?
- 4) No comparativo das análises fonéticas e morfossintáticas podem ser identificadas novas áreas dialetais do falar sulista?

Partindo-se desses questionamentos, buscou-se desenvolver um estudo que servirá de base comparativa com outros trabalhos dialetais e sociolinguísticos desenvolvidos na área geográfica em questão, que envolve toda a Região Sul do país e grande parte das regiões Sudeste e Centro-Oeste, tratando-se, portanto, de um estudo macroanalítico sobre as variações fonética e morfossintática observadas na fala dos informantes de nível fundamental do ALiB.

A hipótese principal da pesquisa é de que a área estudada não apresenta homogeneidade linguística quanto ao uso das variantes em pauta, revelando diferentes padrões e áreas linguísticas no território investigado.

Por fim, esta tese está organizada em dois volumes: o volume 1 apresenta-se da seguinte maneira: (i) contextualização histórica da área estudada, abordando fatores de colonização, migração e imigração; (ii) embasamentos teóricos e metodológicos sobre Dialetologia, Sociolinguística e a especificação da área dialetal a ser estudada, bem como um breve resumo da pesquisa de Romano (2015) sobre o falar sulista como área heterogênea; (iii) definições e aprofundamentos dos fenômenos linguísticos estudados; (iv) estudos sobre palatalização das oclusivas alveolares antes de vogal alta anterior; (v) estudos sobre a utilização dos pronomes de segunda pessoa em posição de sujeito; (vi)

descrição da metodologia empregada neste trabalho; (vii) descrição e análise dos dados fonético-fonológicos e dos morfossintáticos; seguidos das considerações finais e das referências utilizadas na pesquisa.

Já o volume 2 (Cartas Linguísticas e Relatórios) é composto por 74 cartas e 31 relatórios, numerados de 1 a 17 e subdivididos em letras do alfabeto, por exemplo, 1a, 1b, 1c e, assim, sucessivamente. Cada número corresponde a uma questão e cada letra é referente a um tipo de carta ou de relatório e estão dispostos conforme a ordem dos itens analisados. Isso significa que cada questão analisada de forma agrupada terá suas cartas e relatórios individuais numerados seguindo a ordem de sua apresentação. Como exemplo, nas análises das questões agrupadas do QFF 056 (dia) e QFF 131 (tio), as cartas 1, 1a, e 1b são respectivas apenas à primeira questão (QFF 056), as denominadas 2, 2a, e 2b correspondem à questão QFF 131 e, por fim, as cartas com a numeração 3, 3a, 3b, 3c e, assim, sucessivamente estão relacionadas aos estudos do agrupamento de ambas. O mesmo ocorre para todos os relatórios e compreendem todas as demais questões analisadas.

1) BREVES ASPECTOS HISTÓRICOS DA ÁREA ESTUDADA

Este capítulo tem por finalidade fazer uma breve contextualização histórica da área geográfica estudada nesta tese, abordando os movimentos antigos de povoação e ocupação do território, como o bandeirismo, e os fluxos luso-brasileiros na porção meridional do país. Comenta-se também o movimento gerado pela busca de ouro e o tropeirismo que, como importantes rotas econômicas e de povoamento, juntamente com a transição para a cultura cafeeira, contribuíram para a difusão e o estabelecimento de certos aspectos do português brasileiro (PB). Além disso, serão considerados os embates entre portugueses e espanhóis na definição das fronteiras, que influenciaram o contato com a língua espanhola, e as políticas de povoamento por meio da imigração de europeus, que marcaram significativamente a história da região.

Sabe-se que o entendimento do comportamento da língua está intrinsicamente ligado aos fatores históricos e culturais que compõem uma região. Fato esse que evidencia a necessidade de entender a evolução da sociedade para compreender as características dos seus falares.

Historicamente, a interiorização do território brasileiro a partir do litoral paulista, com a atuação dos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII, criou um eixo dialetal contínuo que liga o planalto paulista ao sul de Minas Gerais, ao norte do Paraná e à Região Centro-Oeste (Romano, 2015; Silva, 2016). Posteriormente, a economia tropeira, que movimentava gado e mercadorias entre o Rio Grande do Sul e o interior de São Paulo, consolidou laços linguísticos e culturais persistentes (Romano, 2015; Chofard, 2023). Esse cenário favoreceu a formação de uma região dialetal com traços fonológicos, morfossintáticos e lexicais comuns e distintos de outras regiões do país.

1.1) OS BANDEIRANTES

A organização dos bandeirantes, com o intuito de realizar expedições ao interior do Brasil, partindo de São Paulo, foi de extrema importância para interiorização do território colonial brasileiro. Essas expedições, conhecidas como “Bandeiras”, possuíam diversas motivações: a captura de indígenas para escravização, a busca por metais preciosos, a repressão a quilombos e a expansão do território português além dos limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas (Monteiro, 1994). Os bandeirantes eram compostos em sua maioria por mestiços de portugueses e indígenas (mamelucos) que possuíam vasto conhecimento do território geográfico, trilhas e línguas nativas locais. Além desses,

indígenas aliados, negros libertos ou escravizados criavam um complexo grupo étnico dessas forças expedicionárias.

A importância dos bandeirantes na formação do território nacional foi evidente, resultando no acréscimo de vastas porções do interior da colônia para a Coroa Portuguesa, como os atuais estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, além de áreas do Paraná, São Paulo e Rio Grande do Sul (Holanda, 1995). As trilhas criadas por estes desbravadores não apenas possibilitaram a descoberta de minas de metais e pedras preciosas, como permitiram a formação de núcleos urbanos duradouros.

Esses movimentos não se restringiram apenas ao que tange à geografia, mas também foram fundamentais para a difusão linguística no Brasil Meridional. Promovendo a mobilidade populacional e estabelecendo núcleos estáveis no interior, os bandeirantes disseminaram uma variedade do português com marcas fonológicas, morfossintáticas e lexicais características, com elementos linguísticos que se irradiam a partir do planalto paulista para áreas do Sul, Sudeste e Centro-Oeste, criando, de certa forma, uma unidade dialetal. Conforme Bortoni-Ricardo (2004), a propagação do português caipira não ocorreu apenas por isolamento rural, mas foi promovida por uma longa história de circulação humana, econômica e cultural entre as regiões ligadas por esses antigos caminhos das bandeiras.

Sendo assim, os bandeirantes não são somente personagens expansionistas, mas vetores de contatos linguísticos e de transformações socioculturais profundas.

1.2) A COLONIZAÇÃO AÇORIANA DO LITORAL SUL

Por outro lado, na porção sul da então colônia portuguesa, com o objetivo de povoar e consolidar o domínio lusitano em pontos estratégicos do Atlântico Sul, a Coroa Portuguesa promoveu, na segunda metade do século XVIII, a intensificação da colonização Açoriana para as capitanias de Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro (hoje Rio Grande do Sul). Esse povoamento visava à ocupação geográfica e também à defesa territorial de sociedades agrárias e áreas pesqueiras estáveis contra as investidas espanholas. Os açorianos foram assentados em terras previamente desabitadas, em áreas próximas a populações indígenas e luso-brasileiras já estabelecidas, o que gerou interações culturais e linguísticas significativas (Souza, 1996).

Os colonos açorianos trouxeram consigo uma cultura rural, católica e familiar, estruturada em torno de práticas comunitárias, festas religiosas, modos de cultivo e pesca, e organização de irmandades religiosas, que ainda hoje marcam a vida cultural de diversas

comunidades do litoral sul, assim como marcas profundas no português falado nessas regiões. Segundo Rüdiger (2007), os falares açorianos tiveram papel relevante na formação do dialeto sulista, especialmente no que se refere à entonação, ao léxico de origem marítima e agrícola e a fenômenos fonológicos como o fechamento vocálico pré-tônico e o uso arcaizante de certos tempos verbais. A fala do litoral de Santa Catarina e do sul do Rio Grande do Sul preserva até hoje traços que remontam ao português insular dos Açores do século XVIII.

1.3) A BUSCA PELO OURO

A mineração desempenhou um papel central na reorganização territorial e social do Brasil colonial. A partir da formação de arraiais ligados à extração aurífera, desenvolveram-se vilas que, com o aumento da riqueza local, ganharam estruturas administrativas, religiosas e residenciais mais complexas. Essa atividade promoveu mudanças profundas no modo de vida, estimulando a urbanização, a diversificação social e até a transferência da capital para o Rio de Janeiro. Paralelamente, surgiram conflitos, práticas de contrabando e movimentos de contestação ao domínio português, como a Inconfidência Mineira. No final do século XVIII, o declínio das jazidas provocou a estagnação e o abandono de muitos desses núcleos urbanos.

Com o esgotamento progressivo das minas, a exploração avançou para Goiás e Mato Grosso, regiões onde o povoamento ocorreu rapidamente, mas marcado pela instabilidade e pela constante busca por novas áreas produtivas. As dificuldades de acesso, os altos preços e a negligência da agricultura agravaram as condições de vida nessas localidades. A posterior decadência mineradora levou ao surgimento de novas atividades econômicas, como a pecuária e a extração de erva-mate. Além disso, a demanda gerada pela mineração contribuiu para a expansão do pastoreio no Nordeste e no Sul, favorecendo o desenvolvimento do tropeirismo, sistema que se consolidou como eixo essencial do transporte e do comércio no período colonial.

1.4) O TROPEIRISMO

O tropeirismo foi um dos mais relevantes movimentos de circulação interna na história do Brasil no século XVIII, desempenhando papel fundamental na integração econômica, social e cultural entre as regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do país. Os tropeiros seguiam em grandes grupos por meses a fio, atravessando longas distâncias e fundando, ao longo do caminho, vilas, freguesias e povoados. Esse movimento era

viabilizado por uma ampla rede de estradas e caminhos coloniais construídos para escoar alimentos por duas principais vias que ligam o Rio Grande do Sul a São Paulo: (i) o Caminho de Viamão, passando pelo Centro-Oeste de Santa Catarina; e (ii) o Caminho das Missões, cruzando o Extremo Oeste do estado catarinense (Chofard, 2023). O tropeirismo incentivou a ocupação do território e contribuiu para a formação de uma identidade regional sulista e interiorana, reforçando vínculos entre as comunidades da serra gaúcha, dos campos catarinenses, do planalto paranaense e do interior paulista e mineiro.

Os tropeiros eram, em geral, homens livres, mestiços, brancos pobres ou negros libertos, que se organizavam em grupos, dormiam ao relento ou em ranchos de apoio, e mantinham relações econômicas e afetivas por onde passavam, sendo considerados agentes de difusão de cultura, valores, sotaques e religiosidade. Do ponto de vista cultural, os tropeiros ajudaram a espalhar práticas como a culinária tropeira, a música rural, os modos de vestir, bem como fórmulas de polidez oral e expressões idiomáticas regionais.

O tropeirismo é frequentemente apontado como um dos principais vetores de expansão dialetal, responsável por promover o contato e a disseminação de variantes regionais do português. As rotas tropeiras funcionaram como verdadeiros corredores linguísticos, estabelecendo uma continuidade dialetal, o que explica a ocorrência de traços de fala comuns em localidades distantes.

1.5) A IMIGRAÇÃO EUROPEIA NO SÉCULO XIX E SUAS IMPLICAÇÕES LINGUÍSTICAS

Além dos movimentos de povoamento e ocupação do território, a diversidade linguística da área de estudo, delineada por Nascentes (1953), foi significativamente moldada pelas políticas de imigração do século XIX. A chegada de grandes contingentes de europeus, como italianos, alemães, eslavos e, em particular, de portugueses açorianos, que se fixaram em colônias rurais no Sul e no Sudeste do Brasil, alterou profundamente a paisagem cultural e linguística da região. Essa migração foi incentivada, em parte, pela necessidade de substituir a mão de obra escravizada nas lavouras de café e, posteriormente, para ocupar estrategicamente o território em zonas de fronteira. As comunidades de imigrantes, ao manterem suas línguas de origem, criaram verdadeiros enclaves linguísticos, ou "ilhas" de falares, onde a língua portuguesa coexistiu e interagiu de forma constante com o italiano, o alemão e outros idiomas.

Essa convivência gerou complexos fenômenos de contato linguístico que se manifestam até hoje nas variedades regionais. O contato entre as línguas, a partir de

meados do século XIX, deu origem a falas híbridas e a traços fonológicos, prosódicos e lexicais específicos, que se distinguem das variedades do português trazidas pelo povoamento luso-brasileiro. Por exemplo, a entonação da fala em áreas de colonização italiana e alemã no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina apresenta características distintas, resultado da influência dessas línguas no português local. A presença dessas comunidades reforça a visão de que a área investigada não é um espaço linguístico homogêneo, mas sim um complexo dinâmico onde diferentes camadas históricas e linguísticas se sobrepõem e interagem.

1.6) OS EMBATES IBÉRICOS E A FORMAÇÃO DAS FRONTEIRAS LINGUÍSTICAS

Paralelamente aos fluxos de imigração, os conflitos territoriais entre as Coroas de Portugal e Espanha foram cruciais na conformação das fronteiras políticas e, por extensão, das fronteiras dialetais. A longa disputa pelo território na América do Sul, que remonta ao Tratado de Tordesilhas de 1494, intensificou-se com a fundação da Colônia do Sacramento em 1680. Esses embates se manifestaram em uma série de conflitos e tratados, como o Tratado de Madri de 1750, que redefiniu os limites e causou a Guerra Guaranítica (1753-1756), e o Tratado de Santo Ildefonso de 1777, que buscou encerrar os conflitos fronteiriços na América. A instabilidade dessas fronteiras gerou zonas de contato prolongado onde o português e o espanhol se encontraram, criando espaço para o bilinguismo e o hibridismo linguístico.

A convivência moldou os falares locais, resultando em fenômenos de interlíngua, variação fonética, sintática e lexical, que são observáveis nas variedades de fronteira. A presença de termos de origem espanhola no português do Sul, por exemplo, é uma evidência clara de que a história territorial moldou de maneira indelével a paisagem linguística.

1.7) A ECONOMIA CAFEEIRA

O ciclo do café, consolidado entre os séculos XIX e XX, não apenas promoveu o declínio do tropeirismo, mas representou um ponto de inflexão para profundas transformações no Brasil imperial e, posteriormente, republicano. A substituição dos caminhos rurais pelas estradas de ferro foi apenas um dos reflexos da nova lógica econômica baseada na exportação em larga escala, que colocou o país em destaque no mercado internacional (Milliet, 1982).

A concentração da produção cafeeira no Vale do Paraíba, região que abrange São Paulo, Rio de Janeiro e parte de Minas Gerais, favoreceu o surgimento de uma oligarquia rural, formada pelos chamados barões do café, que passaram a dominar a política nacional durante o Império e a Primeira República (Fausto, 1995). Esse grupo foi responsável por impulsionar a modernização econômica e infraestrutura logística, e manter, por um período, a estrutura social baseada na escravidão.

1.8) A TRANSIÇÃO DA ESCRAVIDÃO AO TRABALHO LIVRE

A cafeicultura foi inicialmente sustentada pela mão de obra escravizada, mas a pressão interna e externa pelo fim da escravidão levou ao gradual processo de abolição, culminando na Lei Áurea em 1888. Para suprir essa força de trabalho, os grandes fazendeiros passaram a fomentar a vinda de imigrantes europeus, principalmente italianos, portugueses, espanhóis e alemães, por meio de políticas de colonização e incentivos governamentais (Holloway, 1980; Truzzi, 2000).

O imigrante substituiu o escravizado nas lavouras de café e trouxe consigo uma nova dinâmica cultural. A convivência entre ex-escravizados, brasileiros pobres e imigrantes de diversas nacionalidades provocou transformações sociais significativas, afetando as relações de trabalho, organização comunitária e até a configuração dos espaços urbanos e rurais (Lévi-Strauss, 1995).

1.9) IMPACTOS LINGÜÍSTICOS E FORMAÇÃO DO FALAR CAIPIRA

No plano linguístico, essas transformações tiveram consequências diretas na formação de dialetos regionais. A interação entre portugueses do interior (principalmente vindos do norte de Portugal), indígenas, africanos e, posteriormente, imigrantes europeus deu origem ao chamado falar caipira, amplamente difundido no interior de São Paulo, sul de Minas, norte do Paraná, partes de Goiás e Mato Grosso do Sul (Nascentes, 1953; Cardoso, 2010).

Além dos movimentos de povoamento e ocupação do território, a diversidade linguística da área de estudo, delineada por Nascentes (1953), foi significativamente moldada pelas políticas de imigração do século XIX. A chegada de grandes contingentes de europeus, como alemães (a partir de 1824), italianos (a partir de 1875), poloneses, ucranianos, austríacos e prussianos, transformou a paisagem cultural e linguística dos estados do Sul do Brasil. Essa imigração, incentivada pela necessidade de substituir a mão de obra escravizada e pela ocupação estratégica de áreas de fronteira, resultou na

formação de comunidades linguísticas, onde as línguas maternas eram mantidas por longos períodos. Essa coexistência gerou fenômenos de contato linguístico que se manifestam nos falares regionais. A interação entre o português e essas línguas de imigração criou falas híbridas e traços fonológicos, prosódicos e lexicais específicos que se distinguem das variedades do português trazidas pelo povoamento luso-brasileiro.

2) OS FUNDAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda as principais vertentes teóricas e metodológicas que fundamentam o presente estudo, traçando inicialmente um panorama da Dialetologia monodimensional, cuja ênfase recai sobre critérios isolados, como o fator geográfico, na análise de fenômenos dialetais. Em contraste, destaca-se a contribuição da Sociolinguística, que enriquece a investigação ao incorporar variáveis sociais ao estudo da variação. O texto avança para a perspectiva contemporânea da Dialetologia pluridimensional, caracterizada pela integração de múltiplos fatores na interpretação dos dialetos, e ressalta a relevância da Geolinguística, sobretudo na elaboração de atlas linguísticos. A discussão inclui ainda o papel da cartografia na representação e análise dos dados, a divisão dialetal proposta por Nascentes, um marco nos estudos dialetológicos brasileiros, encerrando com um breve resumo do estudo de Romano (2015).

2.1) O SURGIMENTO DA DIALETOLOGIA

O avanço da ciência linguística no século XIX acompanhou o fortalecimento de áreas especializadas no estudo da linguagem. Nesse cenário, a Dialetologia surgiu como um campo voltado à análise das variações que ocorrem dentro da mesma língua, com base em sua distribuição geográfica. Desde seus primeiros estudos, o principal objetivo da disciplina foi observar, descrever e registrar as diferentes formas de falar existentes em regiões distintas, buscando compreender como o espaço pode influenciar o uso da língua.

A Dialetologia tem suas raízes nos estudos comparativos e históricos das línguas, que ganharam destaque na Europa a partir da segunda metade do século XIX. Nessa fase inicial, o foco estava em identificar os traços que distinguiam uma variedade da outra, especialmente no que diz respeito à pronúncia, ao vocabulário e a certas formas gramaticais. O primeiro desenvolvimento dos estudos dialetológicos surgiu com o objetivo de traçar a genealogia das línguas, utilizando critérios fonéticos e lexicais para distinguir as diferentes variedades. Esse enfoque permitiu organizar e compreender melhor as relações entre as línguas e suas diversidades regionais.

Um dos marcos fundamentais para o desenvolvimento da Dialetologia foi a criação de atlas linguísticos, que serviram para reunir e organizar os dados coletados em campo. O *Atlas Linguistique de la France* (ALF), coordenado por Jules Gilliéron entre 1897 e 1901, é considerado o primeiro grande projeto nesse formato. Ele foi elaborado com base em entrevistas realizadas em diferentes localidades da França e seus resultados

foram representados por meio de mapas linguísticos. Segundo Thun (1998), essa proposta metodológica deu à Dialetologia um caráter científico, pois baseava suas conclusões na coleta direta de dados e na observação sistemática.

Durante sua fase inicial, conhecida como Dialetologia Tradicional, a disciplina concentrava-se quase exclusivamente nas diferenças geográficas da língua. As pesquisas eram realizadas, principalmente, em áreas rurais, com o argumento de que essas comunidades mantinham formas de fala mais estáveis, menos influenciadas pelas mudanças sociais e urbanas. Como afirmam Chambers e Trudgill (1994, p. 29), “os dialetólogos do século XIX estavam convencidos de que a pureza e a integridade da língua só podiam ser captadas nos rincões afastados da modernidade urbana”.

Esse modelo de análise, no entanto, começou a ser ampliado com o surgimento da Sociolinguística, a partir dos anos 1960. A nova abordagem passou a considerar, além da localização geográfica, fatores sociais que influenciam a fala, como idade, sexo, escolaridade e situação comunicativa. A integração entre essas duas áreas levou ao que se passou a chamar de Dialetologia Pluridimensional e Relacional, conceito que, segundo Krug e Horst (2022, p. 10), busca “combinar a dialetologia tradicional com a sociolinguística e, sobretudo, com a sociolinguística de Labov”.

O estudo das variações linguísticas, que no início era voltado apenas para os aspectos regionais, passou, então, a incluir também os contextos sociais. Essa mudança tornou a análise mais completa, permitindo entender com mais clareza por que certos grupos usam determinadas formas linguísticas. Além disso, essa nova visão contribuiu para que a Dialetologia deixasse de se restringir ao mapeamento e passasse a investigar o comportamento dos falantes em diferentes situações, faixas etárias e ambientes urbanos.

Em resumo, o surgimento da Dialetologia representou um passo importante na compreensão da diversidade linguística. Desde os primeiros registros feitos por meio de atlas até as abordagens mais recentes, a disciplina contribuiu para valorizar os diferentes modos de falar e para reconhecer que a língua é um fenômeno dinâmico, que varia tanto no espaço quanto nos grupos sociais. A junção com a Sociolinguística, portanto, ampliou as possibilidades de análise e fortaleceu ainda mais o papel da Dialetologia dentro dos estudos da linguagem.

2.2) DIALETOLOGIA MONODIMENSIONAL: FUNDAMENTOS, MÉTODOS E LIMITAÇÕES

Como visto anteriormente, a Dialetologia, enquanto campo de estudo voltado à análise das variações regionais da língua, apresentou, em sua fase inicial, um modelo

investigativo pautado por um único eixo de análise: o geográfico. Essa vertente, denominada Dialetoologia Monodimensional, consolidou-se a partir do final do século XIX, com o desenvolvimento dos primeiros atlas linguísticos e da sistematização de métodos de coleta de dados baseados na localização espacial dos falantes. Seu foco central era a identificação de variantes linguísticas conforme a distribuição territorial, desconsiderando, contudo, outros fatores que também influenciam o uso da língua, como classe social, idade ou contexto comunicativo.

Os fundamentos da Dialetoologia Monodimensional estão ancorados na tradição da geografia linguística, cujo objetivo primordial era representar graficamente, por meio de mapas linguísticos, as formas de realização fonética, morfológica, sintática ou lexical encontradas em diferentes localidades. Essa abordagem visava a preservar e descrever as variedades da língua consideradas mais “autênticas” ou “conservadoras”, geralmente associadas às zonas rurais. Como observa Thun (1998), essa orientação teórica baseava-se na ideia de que as comunidades do interior, por estarem mais isoladas, mantinham estruturas linguísticas menos afetadas pelas mudanças urbanas e, por isso, seriam mais adequadas à documentação científica.

Os métodos aplicados pela Dialetoologia Monodimensional seguiam um protocolo rigoroso de coleta e representação de dados. O pesquisador selecionava pontos geográficos definidos previamente e realizava entrevistas com moradores considerados “representativos” da fala local, geralmente homens, idosos, rurais e com pouca ou nenhuma escolarização, nascidos e criados na região. Esse perfil visava a garantir uma maior estabilidade linguística e evitar interferências de fatores considerados desviantes, como o contato com outras variedades urbanas ou o uso da língua em contextos formais. A seguir, os dados eram sistematizados em mapas que indicavam, por exemplo, como determinada palavra era pronunciada em cada ponto investigado.

A principal contribuição dessa abordagem está na consolidação de um banco de dados robusto sobre o português falado em diferentes regiões. Os atlas linguísticos derivados dessa metodologia possibilitaram importantes avanços na descrição e compreensão das variedades regionais do português, fornecendo subsídios tanto para a linguística histórica quanto para o ensino de línguas.

Contudo, as limitações da Dialetoologia Monodimensional começaram a ser evidenciadas a partir da década de 1960, com o surgimento da Sociolinguística e de novos paradigmas metodológicos. A crítica central dizia respeito à excessiva valorização da variável espacial em detrimento de outras dimensões igualmente relevantes. Como

observam Chambers e Trudgill (1994), ao restringir-se apenas ao fator geográfico, a Dialetoologia Tradicional ignorava a complexidade social que envolve o uso da língua e deixava de considerar que o mesmo espaço pode abrigar diferentes formas de falar, condicionadas por fatores como idade, sexo, grau de instrução e situação de fala.

Além disso, o perfil do “falante ideal” selecionado para os estudos monodimensionais foi posteriormente problematizado, por excluir, de forma sistemática, uma parcela significativa dos usuários da língua, especialmente mulheres, jovens e habitantes de centros urbanos. Esse recorte, embora metodologicamente justificado na época, levou a uma representação parcial da realidade linguística, comprometendo a análise de fenômenos que se manifestam em contextos sociais mais dinâmicos e heterogêneos.

Essas lacunas metodológicas abriram espaço para a ampliação do escopo da Dialetoologia e o desenvolvimento de abordagens mais abrangentes, como a Dialetoologia Pluridimensional, que incorpora, ao lado da dimensão geográfica, aspectos sociais, culturais e situacionais. A proposta pluridimensional nasce da necessidade de integrar a descrição espacial da língua com fatores sociolinguísticos que influenciam diretamente a variação linguística (Krug e Horst, 2022).

Portanto, embora a Dialetoologia Monodimensional tenha representado um avanço importante para os estudos linguísticos, oferecendo um modelo pioneiro de descrição da variação regional, sua visão limitada e excludente exigiu revisões teóricas e metodológicas. O reconhecimento dessas limitações não invalida suas contribuições, mas sim evidencia a necessidade constante de atualização dos métodos de pesquisa linguística, a fim de refletir com mais precisão a diversidade e complexidade do uso real da língua.

2.3) SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA E SUA LIGAÇÃO COM A DIALETOLÓGIA

O surgimento da Sociolinguística Variacionista, a partir da década de 1960, representou um marco na forma como a variação linguística passou a ser observada e analisada no campo das ciências da linguagem. Essa vertente teórica consolidou-se como alternativa crítica às abordagens estruturalistas, que tendiam a tratar a língua como um sistema homogêneo, estático e desvinculado de suas condições sociais de uso. A proposta variacionista buscou compreender a língua como fenômeno dinâmico, socialmente condicionado e permeado por padrões de variação que refletem a organização social dos falantes.

Embora o interesse por variedades linguísticas regionais já estivesse presente nos estudos dialetológicos desde o século XIX, a Dialetologia tradicional estava majoritariamente orientada pela descrição de traços linguísticos distribuídos em espaços geográficos específicos, com foco em comunidades rurais e informantes idealizados - geralmente homens mais velhos, pouco escolarizados e locais - (Chambers e Trudgill, 1994). Essa abordagem, conhecida como Dialetologia Monodimensional, priorizava a dimensão geográfica (diatópica), desconsiderando com frequência os fatores sociais que também influenciam a linguagem.

A Sociolinguística Variacionista, por sua vez, introduz uma metodologia voltada para o estudo da variação sistemática, incorporando variáveis sociais como classe social, faixa etária, sexo, nível de instrução e estilo de fala (Bortoni-Ricardo, 2004). A análise passa a considerar que a variação linguística não é aleatória, mas segue padrões regulares que podem ser investigados por meio de dados empíricos coletados em situações reais de fala. William Labov, um dos principais nomes dessa corrente, demonstrou que a variação é parte constitutiva da língua e que, ao estudá-la de forma quantitativa, é possível compreender mecanismos de mudança linguística em andamento (Labov, 2008).

Ao contrário da perspectiva da Dialetologia tradicional, que muitas vezes desvinculava a língua do contexto social, a Sociolinguística Variacionista enfatiza que a estrutura linguística e os comportamentos sociais estão profundamente interligados. Essa abordagem propõe um estudo relacional da linguagem, no qual o uso que os falantes fazem da língua é condicionado por suas práticas sociais, identidades e posições no espaço social. Desse modo, aspectos como mobilidade urbana, escolarização e contato entre grupos sociais tornam-se elementos fundamentais na análise linguística.

A ligação entre a Dialetologia e a Sociolinguística Variacionista se concretiza à medida que ambas compartilham o interesse pelo fenômeno da variação, mas a Sociolinguística amplia o escopo ao integrar diversas dimensões sociais à análise linguística. A partir dessa convergência teórico-metodológica, desenvolveu-se o conceito de Dialetologia Pluridimensional, que agrega à descrição geográfica os fatores sociais, estilísticos e situacionais da variação linguística (Krug e Horst, 2022).

Além disso, a Sociolinguística permitiu um deslocamento do foco de análise dos espaços rurais para os ambientes urbanos, reconhecendo a cidade como espaço privilegiado para a observação de mudanças linguísticas em curso. A urbanização intensificou os contatos linguísticos e a mobilidade social, gerando contextos favoráveis

à inovação e ao surgimento de novas formas linguísticas, fenômenos que a dialetologia tradicional tendia a negligenciar.

A contribuição da Sociolinguística Variacionista também se evidencia no campo metodológico. A introdução de técnicas estatísticas, como a análise de regressão múltipla, viabilizou o tratamento sistemático de grandes volumes de dados orais, permitindo maior precisão na identificação de fatores que condicionam a variação. Essa preocupação com a análise empírica e com a representatividade dos dados estabeleceu um novo padrão de cientificidade para os estudos linguísticos.

Por fim, vale destacar que a aproximação entre Dialetologia e Sociolinguística resultou em benefícios mútuos. A primeira passou a considerar com mais profundidade os fatores sociais, e a segunda ampliou seu alcance espacial, valorizando também as diferenças regionais da fala. Segundo Faraco (2008), esse diálogo disciplinar contribuiu para uma compreensão mais ampla e integrada da língua como prática social situada, em constante interação com o espaço e com a estrutura social.

2.4) A CRIAÇÃO DA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A Dialetologia Pluridimensional e Relacional emerge como uma resposta à necessidade de um modelo mais abrangente para estudar a variação linguística, incorporando as dimensões geográficas da língua e as variáveis sociais, estilísticas e situacionais que influenciam o uso da linguagem. Sua criação é um marco no campo dos estudos linguísticos, pois busca superar as limitações da Dialetologia Monodimensional que, por muito tempo, se concentrou predominantemente na descrição geográfica da língua, sem integrar aspectos sociais que também moldam a forma de falar dos indivíduos.

Essa proposta foi inicialmente desenvolvida a partir das contribuições da Sociolinguística Variacionista, especialmente pelo trabalho de William Labov, que já na década de 1960 redefiniu a forma como a variação linguística deveria ser abordada. A introdução de fatores sociais na análise linguística, como classe social, idade, sexo e estilo de fala, permitiu um olhar mais complexo e detalhado sobre a diversidade linguística, além de proporcionar uma metodologia mais precisa para a observação e descrição das variações (Labov, 1972).

Sua ideia central é considerar que a variação linguística não é apenas um reflexo da distribuição geográfica das comunidades de fala, mas que ela se dá também em função de diversos fatores sociais e situacionais que operam simultaneamente. Segundo Krug e Horst (2022), esse modelo visa a integrar as dimensões diatópica (geográfica), diastrática

(social), diafásica (relativa ao contexto de fala), diassexual (associada ao sexo) e a diageracional (faixa etária) na descrição e análise das variedades linguísticas. Isso significa que a língua é compreendida como um fenômeno multifacetado, que não pode ser reduzido a uma única dimensão, mas deve ser analisado em sua totalidade, levando em conta as relações dinâmicas entre os diversos fatores que a influenciam.

Krug (2004) enfatiza a importância de uma análise que combine tanto os dados de campo quanto a reflexão teórica, propondo que a variação linguística só pode ser compreendida em sua complexidade quando se consideram tanto os fatores geográficos quanto os sociais. Já Horst (2010), ao estudar os processos de mudança linguística em contextos urbanos, destaca a relevância da interação entre diferentes grupos sociais e como essas interações influenciam a variação e a mudança linguística. A Dialetoologia Pluridimensional e Relacional, portanto, busca integrar essas perspectivas, considerando a língua como um fenômeno que é ao mesmo tempo local e social, dinâmico e interativo.

Outro aspecto importante da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional é sua capacidade de lidar com as mudanças linguísticas em andamento. Ao contrário da Dialetoologia Monodimensional, a Dialetoologia Pluridimensional e Relacional vê a língua como algo em constante transformação, influenciada por processos sociais, históricos e culturais. Martins e Margotti (2012) destaca que esse enfoque permite uma análise mais precisa da maneira como as mudanças linguísticas se propagam dentro das comunidades de fala e como essas mudanças estão diretamente relacionadas a fatores sociais como prestígio, identidade e pertencimento a determinados grupos.

A Dialetoologia Pluridimensional e Relacional também se distingue por sua metodologia, que integra técnicas quantitativas e qualitativas de análise de dados. Romano (2015) discute como a combinação de abordagens qualitativas, como entrevistas e observações, com métodos quantitativos, como a análise estatística, possibilita uma descrição mais precisa da variação linguística, identificando padrões e tendências que, de outra forma, seriam difíceis de verificar. A utilização dessas ferramentas metodológicas é uma das principais inovações da Dialetoologia Pluridimensional, permitindo que o pesquisador não apenas observe a diversidade linguística, mas também compreenda as relações subjacentes entre os diferentes fatores que a determinam.

Além disso, a abordagem relacional, introduzida por essa vertente da Dialetoologia, propõe uma visão da língua como um sistema de relações, no qual os falantes não apenas utilizam a língua de maneira passiva, mas contribuem ativamente para a construção das variações linguísticas ao interagir com outros falantes e com seu ambiente social. Nesse

sentido, a língua é vista como um reflexo das relações sociais, um meio pelo qual os indivíduos afirmam suas identidades, negociam seu *status* e interagem com os outros. Cardoso (2002) argumenta que, ao integrar essa perspectiva relacional, a Dialetoлогия Pluridimensional não só expande a compreensão da variação linguística, mas também a enriquece ao considerar os significados e as funções sociais das variações.

Portanto, a Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional representa um avanço significativo na forma como a variação linguística é entendida e analisada. Ao integrar diferentes dimensões de análise e considerar a língua como um fenômeno socialmente construído, esse modelo oferece uma abordagem mais completa e dinâmica, capaz de descrever as complexidades da variação linguística nas sociedades contemporâneas. Esse avanço metodológico e teórico permitiu uma compreensão mais profunda da língua como prática social, refletindo as relações de poder, identidade e pertencimento que caracterizam as comunidades de fala.

2.5) A GEOLINGUÍSTICA NA DIALETOLOGIA PLURIDIMENSIONAL E RELACIONAL

A Geolinguística, tradicionalmente associada à análise espacial das variedades linguísticas, ocupa um lugar central nos estudos dialetológicos. Sua função primordial é cartografar a distribuição de traços linguísticos sobre um território, revelando padrões de variação diatópica. Contudo, com o desenvolvimento da Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional, esse campo passou a ser reinterpretado e expandido, de modo a incorporar outras dimensões da variação, como os aspectos sociais, estilísticos e comunicativos, ampliando, assim, a própria concepção de variação linguística.

Historicamente, a Geolinguística surgiu no contexto da Dialetoлогия Tradicional, com enfoque na coleta de dados predominantemente em áreas rurais e com informantes considerados conservadores em relação à norma da língua. Obras como o *Atlas Linguistique de la France*, de Gilliéron e Edmont (1902-1910), são marcos dessa abordagem, ao sistematizar a descrição geográfica da língua falada, porém, sem considerar as influências de fatores sociais na criação e manutenção dos dialetos.

Com o avanço da Sociolinguística, a variação linguística passou a ser compreendida como um fenômeno multidimensional, abrangendo fatores como classe social, idade, sexo e contexto de uso, além da geografia. Essa perspectiva impulsionou a reformulação da Geolinguística, que evoluiu para um modelo mais abrangente, conhecido como Dialetoлогия Pluridimensional e Relacional. Nesse novo paradigma, a Geolinguística deixa de ser apenas cartográfica e passa a investigar tanto a distribuição

especial dos traços linguísticos quanto sua relação com o comportamento sociolinguístico dos falantes. Krug (2004) ressalta que essa abordagem permite não apenas mapear a dispersão geográfica dos fenômenos linguísticos, mas também compreender como eles se mantêm, se transformam ou desaparecem em função das interações sociais e da mobilidade populacional.

Dessa forma, a cartografia linguística na Dialetologia Pluridimensional e Relacional não se restringe à representação estática de variantes, mas se configura como uma ferramenta dinâmica de análise. Os mapas linguísticos passam a ser interpretados como retratos da interação entre fatores sociais e regionais. Martins e Margotti (2012) afirmam que é justamente essa combinação de métodos — quantitativos e qualitativos — que torna a Geolinguística relacional mais eficaz na identificação de tendências de mudança linguística.

Além disso, a inclusão das dimensões diastrática, diafásica e diassexual permite que os dados geolinguísticos sejam mais representativos da realidade complexa das comunidades de fala. Horst (2010), ao investigar a variação linguística em ambientes urbanos, mostra como os fatores sociais influenciam diretamente na conservação ou substituição de determinadas variantes, indicando que a simples localização geográfica não é suficiente para explicar os padrões linguísticos observados.

Na mesma linha, Cardoso (2002) defende a importância de contextualizar a variação linguística dentro de um quadro social mais amplo, argumentando que a Geolinguística, ao se abrir para as contribuições da Sociolinguística, amplia seu escopo e sua relevância científica. Essa integração torna possível compreender não apenas onde determinadas formas linguísticas ocorrem, mas também por que ocorrem e como são mantidas ou alteradas ao longo do tempo.

Outro ponto importante é a evolução metodológica promovida por essa abordagem. Romano (2015) aponta que a Geolinguística, ao adotar os preceitos da Dialetologia Pluridimensional, passa a aplicar técnicas para o tratamento de dados linguísticos georreferenciados, o que permite análises mais precisas e cientificamente robustas. Essa inovação metodológica é particularmente relevante para estudos de grande escala, como os atlas linguísticos regionais e nacionais.

Em suma, a Geolinguística, no âmbito da Dialetologia Pluridimensional e Relacional, ganha uma nova configuração epistemológica. Ela deixa de ser apenas uma ferramenta descritiva para tornar-se um campo analítico complexo, que integra espaço e sociedade, variação e mudança, tradição e inovação, conforme Romano (2014). Com isso,

fortalece-se como um componente essencial nos estudos contemporâneos de variação linguística, permitindo uma leitura mais profunda e contextualizada da língua em uso.

2.6) A CARTOGRAFIA NOS ESTUDOS DAS LÍNGUAS

Na pesquisa linguística, a cartografia tem o papel de mapear os padrões linguísticos em espaços geográficos específicos possibilitando, dessa forma, a visualização e a análise das variações, permitindo identificar padrões regionais, fronteiras dialetais e áreas de contato linguístico. Com o mapeamento dos fenômenos fonéticos, morfológicos, sintáticos e lexicais, as análises das distribuições de certas características linguísticas no espaço geográfico, facilita o entendimento das interações das línguas em comunidades específicas, permitindo uma compreensão mais profunda da dinâmica da língua e sua diversidade.

O mapeamento de padrões linguísticos também permite verificar como as fronteiras dialetais espelham fronteiras socioculturais e étnicas, revelando identidades linguísticas. Padrões linguísticos podem ser mapeados para a identificação de línguas minoritárias ou ameaçadas, a fim de proverem o seu reconhecimento e preservação.

A cartografia linguística relacionada à Geolinguística, no cenário atual, apesar de sua grande evolução, ainda apresenta alguns desafios, mesmo com obras existentes, que tratem de aspectos metodológicos para o estudo da geolinguística², exemplificando as definições de rede de pontos, perfil de informantes, instrumento de coleta de dados e breves apontamentos sobre cartografia linguística, conforme Romano; Seabra; Oliveira (2014):

cada pesquisador que se propõe a elaborar atlas linguístico apresenta as cartas de modo diferenciado, seja por conta de aspectos metodológicos inerente à pesquisa, seja por falta de uma diretriz norteadora sobre o que representar cartograficamente e como fazer essa representação.

Apesar de uma metodologia concisa no que se refere à definição, coleta e análise dos dados, a sua representação gráfica ainda carece de regras que permitam uma representação simétrica para todos os pesquisadores. O desenvolvimento do *software* SGVClin (Romano, Seabra, Oliveira, 2014), utilizado nesta pesquisa, é um grande passo para a realização desta simetria.

² Ver Brandão (1991), Ferreira e Cardoso (1994) e Cardoso (2010).

2.7) ANTENOR NASCENTES E O PROJETO ALIB

A relação entre cartografia linguística e a Dialetologia é um dos grandes desafios já percebidos nos primeiros trabalhos de Dialetologia brasileira, como Amaral (1920). Mas foi com Antenor Nascentes (1953) que a proposta de mapeamento com a ideia de uma divisão dialetal do português brasileiro foi concretizada. Além disso, ele foi um dos incentivadores e idealizadores para a elaboração do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Com suas publicações *O Linguajar Carioca* (1922), reeditado em 1953, estabeleceu um parâmetro das divisões dialetais de todo o Brasil, assim como *Base para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958, 1962), que serviu de inspiração para vários estudiosos.

Tendo em vista a necessidade apontada por pesquisadores brasileiros sobre a importância da criação de um atlas linguístico nacional em virtude das adiantadas pesquisas sobre esse tema na Europa, em 20 de março de 1952, o governo brasileiro promulga o Decreto nº. 30.643, que traça como principal objetivo da Comissão de Filologia da Casa Rui Barbosa, a elaboração de um atlas linguístico do Brasil. Porém, apesar da demonstração de interesse do governo brasileiro e o esforço de alguns pesquisadores, várias dificuldades impediram a realização de tal obra.

Em 31 de julho de 1952, após ter sido nomeado presidente da Comissão de Filologia, Nascentes relata: “enquanto o Congresso não votava a verba pra os trabalhos iniciais do Atlas, aproveitei o tempo para apresentar à Comissão as bases que me parecem necessárias. E assim elaborei essas bases” (Nascentes 2003, p. 706).

Em sua publicação *Bases para elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958), Nascentes propõe uma divisão do país para a coleta dos dados. Essa divisão foi concretizada, com base no trabalho apresentado por Silva Neto e Celso Cunha em 1977, em sete áreas culturais que compreendem: Amazônica (Acre, Amazonas, Rio Branco, Pará e Amapá), Nordeste Litoral (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Fernando de Noronha, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe), Nordeste Mediterrâneo (Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Bahia), Planalto Central (Minas Gerais, sudoeste da Bahia), Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso)³, Centro-Leste (Rio de Janeiro, Distrito Federal, Espírito Santo, Sul de Minas e São Paulo) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). Essa divisão visava à criação de atlas regionais para

³ Em 1958, o território de Goiás compreendia os estados de Goiás e Tocantins, este último que teve sua criação apenas em 1º de janeiro de 1989.

que se pudesse acelerar o processo de criação de um atlas nacional. Além dessa divisão, Nascentes também sugeriu um questionário típico, de caráter geral, e uma lista de pontos onde as entrevistas deveriam acontecer. Apesar de não seguirem a divisão proposta por Nascentes, as criações de atlas regionais serviram de inspiração para vários pesquisadores. Em 1963, com a idealização de Nelson Rossi, e realizado com a colaboração de Dinah Isensee e Carlota Ferreira, foi publicado o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, dando início à Geolinguística brasileira. Até a criação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, já haviam sido publicados mais quatro atlas regionais, sendo eles: o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG)* – (Ribeiro; Passini; Gaio, 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)* – (Aragão; Menezes, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe (ALS)* – (Ferreira; Freitas; Andrade; Cardoso; Rollemberg; Mota, 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)* – (Aguilera, 1994), também se encontrava, à época, em andamento, o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)* – (Koch et al.) que seria publicado em 2002.

Por ocasião do seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, em novembro de 1996, no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, pesquisadores ligados à Dialetologia/Sociolinguística retomaram a ideia da elaboração de um atlas linguístico nacional. Com essa ideia aceita, formulou-se o primeiro Comitê Nacional do Projeto ALiB⁴, composto pelos autores de atlas já publicados.

Com o intuito de gerar dados empíricos, recolhidos e analisados sistematicamente para aumentar o conhecimento do português brasileiro, o projeto, em síntese⁵, propunha: (i) descrever a realidade linguística do país, com priorização da distribuição diatópica pela perspectiva da Geolinguística; (ii) tornar evidente a divisão dialetal do Brasil através de mapas linguísticos; (iii) fundamentar as teorias sobre a natureza de aquisição e desenvolvimento da língua; (iv) fornecer aos estudos linguísticos um volume de dados que permita o aprimoramento de suas análises e contribua para o entendimento do português no Brasil como instrumento de comunicação dotado de unidade semântica.

Utilizando os parâmetros metodológicos da Geolinguística pluridimensional contemporânea, além da variação diatópica, foram incluídas as dimensões diageracional, diagenérica, diasssexual, entre outras, ao perfil dos entrevistados. A rede de pontos,

⁴ Para mais informações sobre o Projeto ALiB, acesse: <https://alib.ufba.br/comite-nacional>

⁵ Os objetivos do ALiB vêm detalhados nos Questionários 2001 (Comitê Nacional do ALiB, 2001).

composta por 250 localidades, foi distribuída geograficamente por todo o país, levando em consideração a densidade demográfica de cada estado. Em cada localidade, foram escolhidos quatro informantes, dois de cada sexo, divididos em duas faixas etárias, todos com o Ensino Fundamental (completo ou não). Nas capitais, ocorreram mais quatro entrevistas, com indivíduos do mesmo perfil, exceto pela escolaridade visto que se exigia Ensino Universitário. O *corpus* foi formado por respostas a questões especificamente dirigidas, divididos em questionário fonético-fonológico (QFF), questionário semântico-lexical (QSL), questionário morfossintático (QSM), questões de pragmática (QP), questões de natureza metalinguística (QM), temas para discurso semidirigido (TDS) e texto para leitura. As entrevistas foram totalmente gravadas e suas cópias enviadas ao Arquivo Nacional do Projeto ALiB.

Por fim, o Projeto ALiB encontra-se na fase das análises de dados e publicação. Em 2014, no *III Congresso de Dialectologia e Sociolinguística* (III CIDS), em Londrina, foram lançados os dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil. Já o terceiro volume foi lançado em novembro de 2023, na *15ª edição do WorkALiB*, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS). Além desses, estão previstos novos volumes do *Atlas*, que contemplarão dados das capitais e do interior, atualmente em fase de desenvolvimento.

2.8) A DIVISÃO DIALETAL PROPOSTA POR NASCENTES

Diferentemente da realidade atual, em que o contato de falantes com outras regiões e a difusão das mídias digitais estão em constante e acelerada expansão, na época da elaboração da divisão dialetal proposta por Nascentes, em 1953, o contato com a língua falada em cada região era feita corpo a corpo. Propiciado por sua profissão e por seu apreço por viagens, Nascentes tornou-se um conhecedor das culturas, aspectos sociais e físicos das regiões que visitava. A partir dessa vivência, foi elaborada a proposta que fundamenta a divisão dialetal do Brasil.

Além de identificar as variações semântico-lexicais, Nascentes notava na língua as diferenças relacionadas aos fatores fonéticos-fonológicos. Após muito estudo, debates, reflexões e comentários sobre seus textos, Nascentes publicou sua primeira divisão dialetal em *O Linguajar Carioca* (1922). Posteriormente, publicaria *O Idioma Nacional* (1933), com uma nova reestruturação de sua divisão. A terceira revisão de sua proposta foi feita na segunda edição de *O Linguajar Carioca* (1953), reformulada em *Território Brasileiro* (1955), a sua quarta e última versão.

Na primeira edição de *O Linguajar Carioca* (1922), Nascentes propôs uma divisão dialetal baseada nos seus antecessores⁶, acrescida de critérios geográficos e históricos, resultando em uma divisão de quatro falares: Nortista, Fluminense, Sertanejo e Sulista, conforme Figura 1.

Figura 1 – Proposta da divisão dialetal de Antenor Nascentes (1922)

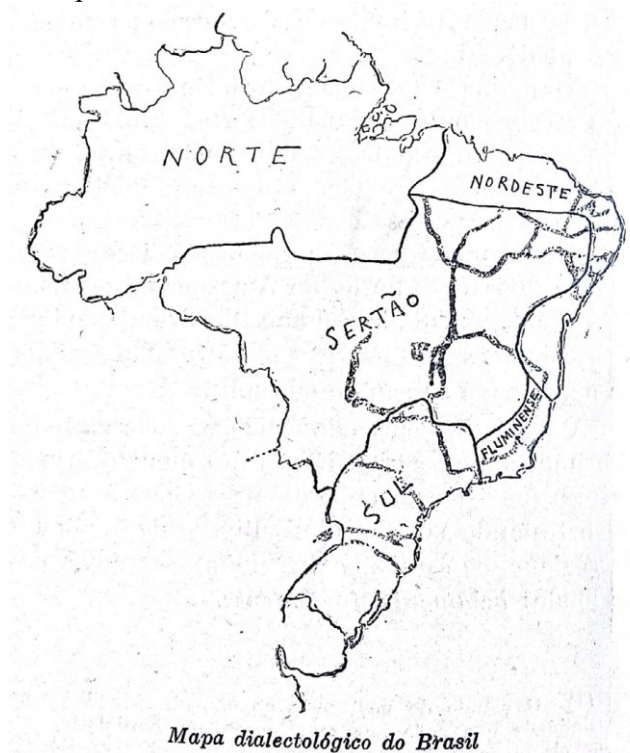


Fonte: Telles (2018, p. 104).

Após a análise das críticas à sua publicação e com base em mais dados referentes às suas experiências sobre as variações dialetais, Nascentes atende às críticas de Lindolfo Gomes e publica a sua nova divisão em *O Idioma Nacional* (1933), conforme Figura 2.

⁶Outros estudiosos já haviam contribuído em estudos acerca da divisão dialetal, a saber: Júlio Ribeiro (1880), João Ribeiro (1933), Rodolpho Garcia (1912), Renato Mendonça (1933), entre outros.

Figura 2 – Proposta da divisão dialetal de Antenor Nascentes (1933)



Fonte: Nascentes (1933, p. 244).

Após outra rodada de discussões e críticas a seu trabalho, bem como a análise e atenção aos critérios linguísticos, fruto de suas viagens, Nascentes publica a versão mais conhecida de sua divisão dialetal, na segunda edição de *O Linguajar Carioca* (1953), conforme Figura 3, posteriormente aprimorada em 1955 (Figura 4), e que foi utilizada como subsídio para a publicação de *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil* (1958), apesar de que, conforme Nascentes, esta não seria a divisão definitiva, mas sim, a mais próxima da verdade.

Figura 3 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953)



Fonte: Nascentes (1953, p.18).

Figura 4 – Proposta de divisão dialetal de Antenor Nascente (1955)

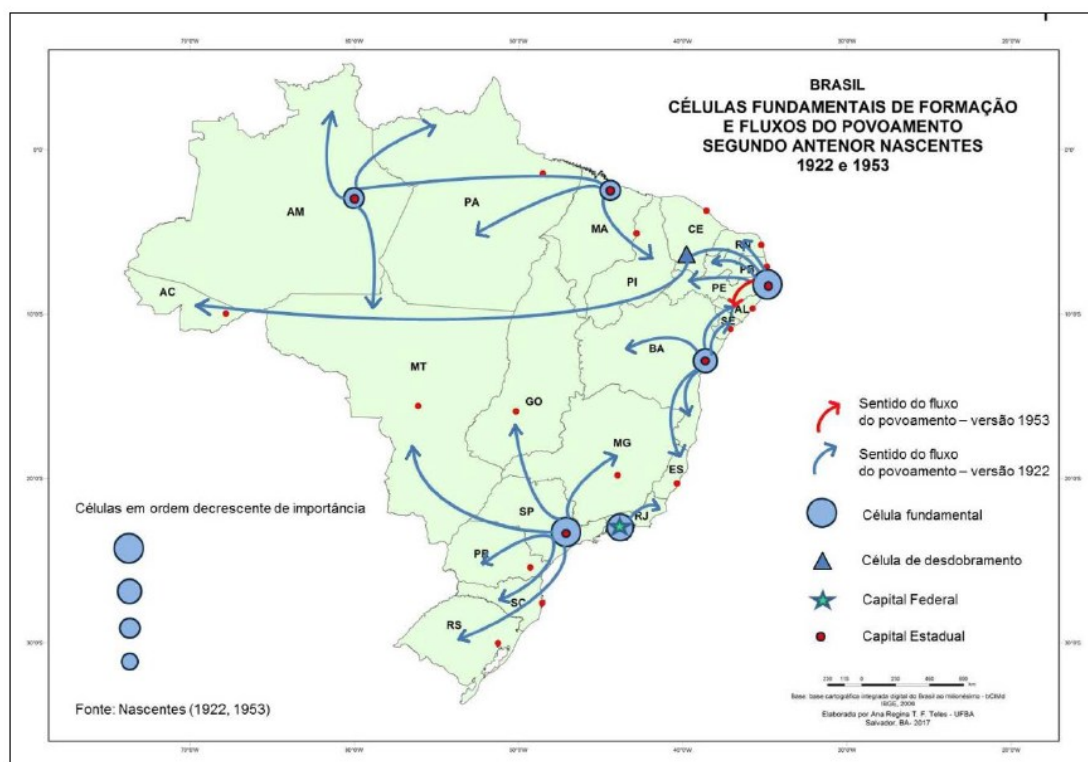


Fonte: Nascente (1955, p. 218).

Em sua última aprimoração da divisão dialetal, que viria a se tornar um dos nortes para o estudo da Dialetologia no Brasil, Nascentes propôs uma divisão macro, com uma linha cortando o país em duas partes, dessa forma, identificando o falar nortista e o falar sulista. O primeiro, subdividido em Amazônico, Nordestino, Baiano e uma área denominada Território Incaracterístico. E o segundo com duas pequenas divisões, o falar Mineiro e Fluminense.

Um dos fatores mais importantes, apontados por Nascentes, para essa divisão está na forma como ocorreu o povoamento dessas regiões. A Figura 5, elaborada por Teles (2018), demonstra como ele empreendeu a ideia baseado nas migrações regionais brasileiras.

Figura 5 – Fluxo de Povoamento Conforme Antenor Nascentes



Elaborado por Teles (2018, p. 100), com base em Nascentes ([1922] e 1953).

Em sua tese, Romano (2015) encontrou dificuldades para trabalhar com o mapa de Nascentes (1953) devido à “imprecisão e a falta de detalhes nos limites geográficos estabelecidos pelo autor para a delimitação de cada subfalar” (Romano, 2015, p. 135). Assim, após estudar o mapa e a rede de pontos do ALiB, Romano, com o auxílio de um geógrafo, reformulou o mapa de Nascentes, no que se refere à área geográfica do subfalar sulista.

Faz-se necessário ressaltar que, além dos pontos localizados no falar sulista, Romano (2015) acrescentou outros dez, denominados “pontos de controle”, são eles:

duas cidades fluminenses – ponto 205 (Barra Mansa) e 206 – Parati; quatro cidades mineiras: 130 (Unai), 132 (Pirapora), 141 (Formiga) e 145 (São João Del Rei); duas cidades goianas: pontos 118 (Porangatu) e 121 (Formosa) e, por fim, duas cidades mato-grossenses: 103 (Aripuanã) e 104 (São Félix do Araguaia) – (Romano, 2015, pp. 135-136).

O acréscimo dessas localidades deve-se ao fato de que “se considera importante verificar a fronteira deste falar com os outros falares (mineiro e fluminense) e também com o território incaracterístico, o que ajudará na definição dos limites dos “falares sulistas” (Romano, 2015, p. 135).

2.9) ROMANO (2015) – CENTRO-SUL DO BRASIL: FALAR SULISTA COMO ÁREA HETEROGÊNEA

Em sua tese intitulada *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul a partir de dados do ALiB* (2015), Romano buscou verificar se a divisão dialetal proposta por Antenor Nascentes (1953), cunhada como subfalar sulista, ainda era válida ou se era necessária uma reformulação, baseada na hipótese de que a área correspondente ao subfalar sulista atualmente não possui uma homogeneidade no que se refere ao léxico. Para empreender a análise, Romano utilizou como *corpus* dados coletados pelo *Projeto Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), referentes a 472 informantes de 118 municípios. Entre os objetivos que integram a tese de Romano, destaca-se a proposição de uma ferramenta computacional que, espera-se, seja capaz de viabilizar, de forma automatizada, a cartografia de um extenso *corpus* de dados geolinguísticos.

O autor utilizou dados de entrevistas, realizadas pela equipe do ALiB, com quatro informantes de ambos os sexos, naturais da região pesquisada, nas faixas etárias de 18 a 30 anos e de 50 a 65 e com Ensino Fundamental (completo ou não). A área geográfica a ser estudada, denominada “subfalar sulista” por Nascentes (1953), abrange os estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, sul de Minas Gerais, Triângulo Mineiro, sul de Goiás e Mato Grosso.

Após uma criteriosa análise referente ao mapa dialetal de Nascentes (1953) e os mapas de pontos da base cartográfica do ALiB, o autor, com a ajuda de um geógrafo, reformulou o mapa referente ao subfalar sulista a fim de atender aos critérios cartográficos

com pontos georreferenciados e um limite claro do posicionamento da divisão geográfica a ser estudada. Também foram acrescentados pontos de controle próximos ao limite da área. Assim, a área geográfica a ser estudada ficou definida com os seguintes pontos: nove municípios do Mato Grosso, oito de Goiás, dois do Rio de Janeiro, 11 de Minas Gerais, 38 em São Paulo, 10 de Santa Catarina e 17 no Rio Grande do Sul. As questões analisadas foram selecionadas de forma que, possivelmente, apresente variação diatópica, para possibilitar as definições de áreas lexicais. No total, foram analisados dados de cinco questões que compõem o Questionário Semântico Lexical (QSL) do Projeto ALiB, sendo elas:

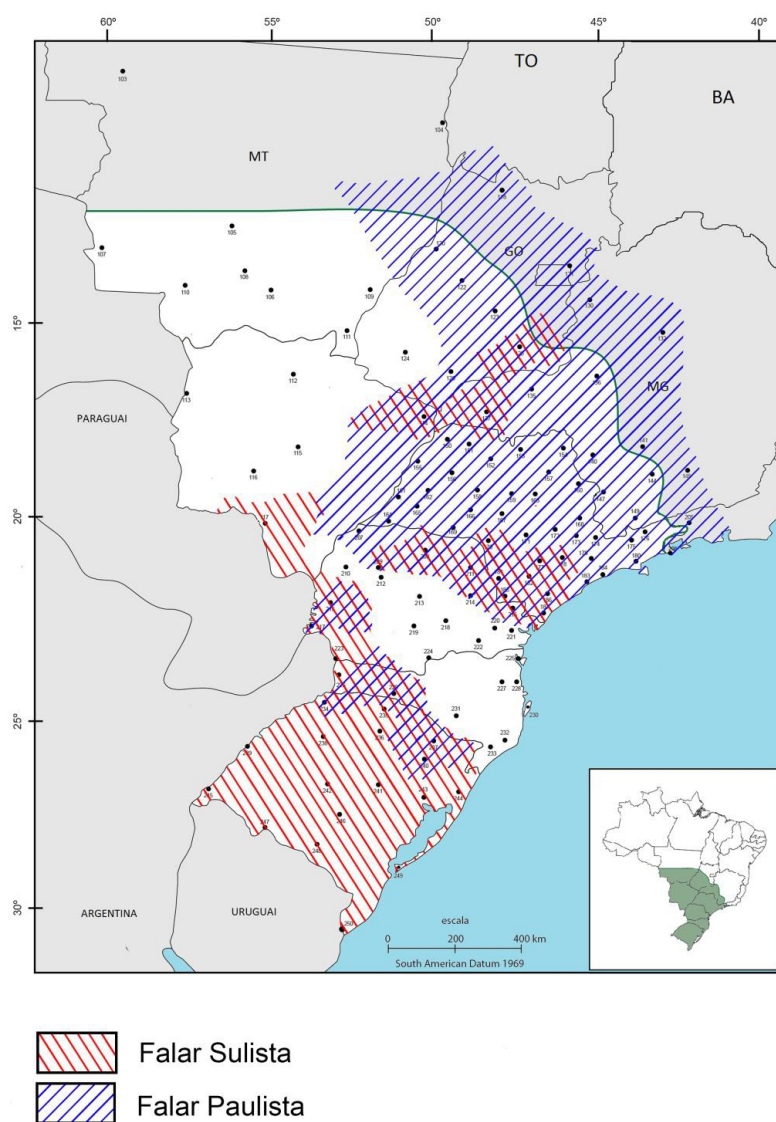
- Questão 001 – *Como se chama um rio pequeno, de uns dois metros de largura?*, pertencente ao campo semântico Acidentes Geográficos, com resposta sugerida *Córrego*;
- Questão 039 – *Como se chamam as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão?* pertencente ao campo semântico Atividades Agropastoris, com resposta sugerida *Tangerina*;
- Questão 132 – *Criança pequeninha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de cinco a dez anos, do sexo masculino?*, pertencente ao campo semântico Ciclos da Vida, com resposta sugerida *Menino*;
- Questão 156 – *Como se chamam as coisinhas redondas de vidro com que os meninos gostam de brincar?*, pertencente ao campo semântico Jogos e Diversões Infantis, com resposta sugerida *Bolinha de Gude*;
- Questão 177 – *Como se chama a pasta feita de frutas para passar no pão, biscoito?*, pertencente ao campo semântico Alimentação e Cozinha, com resposta sugerida *Geleia*.

Romano expôs que em suas análises, baseadas no comportamento lexical, a área proposta por Nascentes (1953) como o subfalar sulista, apresenta uma subdivisão em relação ao comportamento dos falantes nas escolhas lexicais. O autor distingue duas áreas linguísticas: uma de influência paulista e outra sulista de influência sul-riograndense. No que tange ao falar paulista, composto pelas Regiões Sudeste e Centro-Oeste, expandindo-se para o centro-norte do estado do Paraná, existe uma preferência dos falantes pelos léxicos convencionais, enquanto que, na parte meridional do território, principalmente no

Rio Grande do Sul e centro-oeste catarinense e oeste paranaense, os falantes optam por variantes mais regionalistas. Contudo, ainda existe uma flutuação dos limites que dividem esses dois falares apontados pelo autor, onde a subdivisão do falar paulista alcança a Região Centro-Oeste e adentra o PR, seguindo um corredor central em SC até o limite norte do RS. Das perguntas e hipóteses formuladas no estudo, o autor afirma que, por meio do léxico, é possível delinear áreas lexicais, contudo existe a necessidade de observação do contexto histórico envolvido, considerando os fatores de migração e imigração. A divisão dialetal de Antenor Nascentes (1953), cunhada de subfalar sulista no século XX, não é mais válida, pois as diferenças referentes às escolhas lexicais, considerando os estados alvos SP e RS, são muito distintas e apresentam características próprias. Dessa forma, a área pode ser dividida em dois grandes falares: o primeiro, ao norte, envolvendo os estados da Região Sudeste e Centro-Oeste, que pode ser denominado como falar paulista; e o segundo, compreendendo a Região Sul, falar sulista. O autor também evidencia a ligação entre as escolhas léxicas e o contexto histórico regional onde elas são realizadas. A Figura 6 é uma representação da divisão proposta por Romano:

Figura 6 – Representação dos falares Paulista e Sulista

Carta 6 - Localização dos falares Paulista e Sulista



Fonte: Romano (2015, v. 2, p.85).

3) AS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS ESTUDADAS: A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES VOZEADAS/DESVOZEADAS E A VARIAÇÃO PRONOMINAL DE SEGUNDA PESSOA NA POSIÇÃO DE SUJEITO ORACIONAL

A análise das variáveis gramaticais observadas na região Sul do Brasil evidencia traços significativos de variação diatópica, cuja compreensão demanda uma abordagem que articule aspectos históricos, sociais e espaciais. Os falares sulistas, formados a partir de complexos processos de colonização, migração e contato linguístico, apresentam configurações fonético-fonológicas e morfossintáticas particulares que se destacam no panorama dialetal brasileiro. Esses traços, quando examinados sob a perspectiva da geolinguística, revelam padrões de manutenção, inovação e difusão que ajudam a delimitar zonas linguísticas com identidades próprias. Nesse sentido, o estudo dessas realizações gramaticais contribui para a identificação de fronteiras dialetais e para a compreensão da dinâmica linguística resultante da interação entre território, cultura e história.

3.1) A PALATALIZAÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Para a Linguística, a palatalização é um fenômeno fonético-fonológico que se apresenta pela alteração da qualidade de um fonema, geralmente uma consoante, em virtude da influência do ponto de articulação adjacente ao palato. Segundo Câmara Junior (1977, p. 186), “a palatalização é uma mudança fonética que consiste na ampliação da zona articulatória para a produção de uma consoante, devido ao desdobramento da parte média da língua no palato médio”. A palatalização é uma resposta articulatória envolvendo a aproximação da língua ao palato, principalmente a região palatal. Explicado por Ribeiro (2018, p. 21):

a realização da coronal (/t/ ou /d/) pode se dar com a lâmina da língua se projetando em direção aos alvéolos, formando uma realização dentoalveolar ou alveolar ([tʲiʊ]), ou com a área anterior da língua tocando a região medial do palato duro, configurando uma realização palatoalveolar – ou simplesmente palatal ([tʲdʒiɐ]).

O processo desse fenômeno, variado e complexo, desempenha um papel significativo na diversidade fonética, manifestando-se de maneiras específicas em diferentes línguas e contextos linguísticos.

Mecanismos fonológicos, fatores condicionantes e contextos de ocorrências possibilitam um melhor entendimento da complexidade da palatalização e sua relevância. No português brasileiro (PB), a palatalização é frequentemente associada a consoantes oclusivas, em especial às oclusivas alveolares e dentoalveolares, cujo ponto de articulação, para obstruir temporariamente o fluxo de ar para gerar a liberação sonora, é próximo ao palato. Além desse fator condicionante, as vogais /i/ e /e/, que têm como característica a pronúncia com a língua próxima ao palato, podem induzir o fenômeno da palatalização. Essa palatalização é uma maneira de otimizar o movimento articulatório para uma transição mais suave entre os sons e resultar numa produção da fala mais eficiente. Conforme Hora (1997, p. 135), a palatalização das oclusivas alveolares e dentais /t/ e /d/ “é um processo assimilatório resultante do espraçamento do traço [coronal] da vogal /i/ e/ou do glide [y], provocando a mudança do traço [+anterior] da consoante para [-anterior]”. Isso demonstra como as vogais anteriores influenciam a articulação das oclusivas alveolares, promovendo a palatalização.

A palatalização com a vogal /i/ é uma das principais responsáveis por esse fenômeno no PB. Como uma vogal anterior e fechada, /i/ traz a língua para uma posição alta e próxima ao palato, o que induz as consoantes anteriores, como /t/ e /d/, a se palatalizarem. Assim, em palavras como "tio" e "dia", as consoantes /t/ e /d/ são pronunciadas como palatizadas desvozeadas e vozeadas, respectivamente: [tʃ] e [dʒ]. Esses sons palatais resultam da interação entre a oclusiva alveolar e a vogal. Já a vogal /e/ também induz a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, embora com uma intensidade ligeiramente inferior à da vogal /i/. Quando a vogal /e/ está presente, especialmente em sua variante fechada [e], as consoantes /t/ e /d/ podem sofrer uma modificação semelhante, produzindo sons palatais como [tʃ] e [dʒ].

Além disso, a palatalização das oclusivas /t/ e /d/ pode estar sujeita à variabilidade dialetal e contextos de fala. Em algumas regiões do Brasil, o fenômeno ocorre de forma mais marcada, enquanto em outras, especialmente em contextos mais formais ou em falas monitoradas, pode ser atenuado ou mesmo ausente. A variação dialetal é um fator importante que determina a presença ou ausência da palatalização, o que reforça a dinâmica linguística do PB.

O processo de palatalização de /t/ e /d/ tem implicações importantes para a fonologia da língua, especialmente no que diz respeito à diversidade fonética. Esse fenômeno não apenas altera a articulação das consoantes, mas também afeta o ritmo e a fluidez da fala, promovendo uma produção mais eficiente e uma transição mais suave entre os sons. A palatalização pode, ainda, ser um marcador de variação estilística, refletindo diferentes modos de fala em diversos contextos.

3.2) AFRICAÇÃO

A africacão é um processo fonológico em que uma consoante oclusiva se transforma em uma consoante africada, ou seja, uma consoante que combina características de uma oclusiva e uma fricativa. Esse fenômeno ocorre quando uma oclusiva, após uma breve interrupção do fluxo de ar, tem uma liberação fricativa, gerando um som mais complexo. Assim, a africada é um som que combina uma oclusiva (interrupção do fluxo de ar) seguida de uma fricativa (liberação do ar com fricção). Portanto, uma africada tem duas etapas de produção: a oclusão e a liberação fricativa⁷.

A africada aparece como resultado de processos históricos de mudança fonológica, em que uma oclusiva original se transforma em uma africada. Em português, por exemplo, em alguns dialetos, há a africacão de consoantes como /t/ e /d/ em contextos específicos (Hora, 1997).

No entanto, para fins de análise, não será considerada essa distinção entre palatalização e africacão, sendo todos os dados tratados como palatalização.

3.3) PRONOMES E FORMAS DE TRATAMENTO NO PORTUGUÊS

Através do tempo, a utilização das formas de tratamento e pronomes no português passou por diversas alterações, em parte para se adequar ao contexto histórico da época, mas também para se adequar às necessidades dos seus falantes. A contextualização dessas alterações se faz de suma importância para o entendimento do estudo em questão.

Sabe-se que, normativamente, as gramáticas da língua portuguesa dispõem de um paradigma pronominal composto por três pessoas do discurso (eu, tu e ele) e suas formas supletivas com variação de número (nós, vós e eles), assim como também dispõem de

⁷ A principal diferença entre a palatalização e a africacão está no ponto de articulação onde cada uma ocorre. Na palatalização, o som da consoante é produzido mais próximo do palato enquanto que a africacão não tem necessariamente o envolvimento da movimentação do ponto de articulação, mas a combinação de uma oclusiva e uma fricativa.

uma série de formas de tratamento para se referir a reis (Vossa Majestade), juízes (Vossa Excelência), entre outros. Sendo assim, compreende-se que os pronomes pessoais são, em uma análise mais superficial, uma forma de comunicação mais próxima entre os falantes. Apesar disso, ainda no português falado no século XIV existiam regras implícitas de aplicação, principalmente referente ao que se trata da segunda pessoa do plural (vós) a qual era empregada tanto para sua correspondência nominal (2ª pessoa do plural) como para um tratamento mais respeitoso para apenas um interlocutor, fosse essa formalidade por posição social, hierárquica ou por razões de idade. Em algumas línguas, até hoje, essa regra implícita é praticada, conforme Menon (1995 p. 92) “como acontece ainda hoje em línguas como o francês, em que a oposição *tu/vous* é produtiva: íntimo/formal ou respeitoso.”

Porém, no século XIV e XV, devido à mudança econômica e social que se desenvolvia em Portugal, a utilização do pronome pessoal da 2ª pessoa do plural (vós) como forma de tratamento respeitoso começou a ceder espaço para formas mais respeitadas de tratamento principalmente ao tratamento com o rei, como Vossa Mercê, Vossa Senhoria, Vossa Alteza, Vossa Majestade. A construção de tais pronomes de tratamento equivalem a uma locução substantiva em que *vossa* (que é o mesmo que *de vós*, forma respeitosa) era acrescida de uma denominação como em *Vossa Mercê*. Essa forma de construção do pronome de tratamento era utilizada com o verbo na 3ª pessoa.

3.4) A HISTÓRIA POR TRÁS DO VOCÊ

Desde o século XII, a Europa passava por um crescimento econômico impulsionado pelo artesanato e atividades comerciais. Tal desenvolvimento, focado nos centros urbanos, deu origem a uma nova classe social, a burguesia, a qual iria competir com a nobreza por poder político e econômico. Transformações como essas foram reduzindo o poder dos senhores feudais e aumentando a influência da corte. Essas alterações no sistema político e econômico provocaram alterações no sistema de tratamento utilizado na época. *Vossa Mercê* (à mercê do rei: que distribuía a justiça e proteção) e *Vossa Senhoria* (senhorio, representando o senhor feudal, proprietário de vastas terras e vassalos) passaram a ser utilizados como forma de tratamento não-íntimo entre os nobres. Tais expressões tornaram-se marcadores de *status* social e eram obrigatoriamente utilizadas na aristocracia, que exigia esse tipo de deferência por parte das pessoas de classes inferiores, como serviçais, subordinados e artesãos, conforme destacado por Faraco (2017).

Esse comportamento social em relação ao pronome de tratamento começou também a ser adotado pelas classes mais baixas, seguindo o mesmo preceito de respeito utilizado pelos nobres. Isso acabou descaracterizando o modelo de prestígio, principalmente em relação a *Vossa Mercê*, fazendo com que não fosse mais utilizado em relação ao rei e à nobreza.

A partir do século XV, depois de uma ampla expansão social e a perda de prestígio quanto ao tratamento do *status* social, a forma de tratamento *Vossa Mercê* seguiu duas vertentes socioestilísticas distintas. A primeira, ainda mantendo sua característica sintática e o seu valor como maneira de tratamento respeitosa e a segunda, abreviada, que ganhava força, sofria uma transformação no modo de utilização, como relata Menon (1995, p. 94):

No entanto, sempre foi uma forma de se dirigir ao interlocutor (a clássica segunda pessoa): primeiro numa relação de inferior para superior, em seguida numa relação de igual para igual e de superior para inferior, ou, em outras palavras, de um tratamento não-íntimo para um tratamento íntimo.

No contexto do português brasileiro, o uso do pronome como forma comum para tratamento íntimo *você* pode ser explicado pela colonização europeia do final do século XV. Nesse período, em Portugal, o pronome *vós* já era considerado arcaico e a forma mais utilizada entre a aristocracia era *Vossa Senhoria*. Já o restante da população, de classe social mais baixa, utilizava o *Vossa Mercê* e suas variações fonéticas. O processo de simplificação fonética de *Vossa Mercê*, em Portugal, nesse período, já estava adiantado e difundido entre a população que não era aristocrata. Foi exatamente parte dessa população que iniciou a colonização do Brasil, a partir da segunda metade do século XVI. O melhor exemplo da variedade linguística introduzida no país está no dialeto caipira (Amaral, 1920), uma variedade linguística utilizada pelos residentes caboclos do interior de São Paulo. Segundo Faraco (2017 p. 122), “nessa variedade, *vós* não ocorre; *tu* é raro (e, quando ocorre, se combina com a terceira pessoa do verbo); mas diferentes formas relacionadas com *Vossa Mercê* são usadas: *vosemecê*, *vossuncê*, *mecê*, *vancê*, *vacê*, *ocê* e *você*.”

Assim, pode-se supor que, desde a colonização, o Brasil tem como modo principal de tratamento do interlocutor as variantes de *Vossa Mercê*, visto que as formas de tratamento que vinham sofrendo alterações socioestilísticas (*Vossa Senhoria* e *Vossa*

Excelência) não chegaram a ser trazidas para o Brasil, pois eram socialmente utilizadas pelas classes alta e média alta. Já no período colonial, a divisão social era mais simples, sendo de um lado o proprietário da terra e de outro os trabalhadores braçais.

3.5) USO DOS PRONOMES SUJEITO TU E VOCÊ E OS IMPACTOS GRAMATICAIS

Como apresentado anteriormente, desde a colonização, o português brasileiro nasceu com o pronome *vocês* (que substituiu o arcaizado *vós*) e sua forma no singular, que ainda hoje concorre e coexiste com *tu* em certas regiões. Porém, ambos os novos verbetes são originados de uma locução nominal, o que requer o verbo na 3ª pessoa, e tiveram várias alterações fonéticas, sofrendo, dessa forma, uma “gramaticalização” que é a troca de categoria de locução nominal para pronome. Na regra do sistema de concordância verbal, o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, assim, os pronomes *você/vocês* não poderiam concordar com o verbo na terceira pessoa. Uma solução apontada por Menon (1995) seria:

O que a língua portuguesa passa a ter, em função da modificação do PSUJ, é uma reestruturação no seu paradigma verbal, em que a segunda pessoa do singular passa a ter duas formas (uma continua a ter o morfema tradicional, por exemplo: -s, para o presente do indicativo, e a outra apresenta um morfema $\emptyset$ de pessoa), segundo o pronome pessoal que o falante utiliza.

Já a utilização de *tu* com verbo na terceira pessoa seria, para Faraco (2017), um resquício da mudança na forma de tratamento entre iguais; já para Menon (1995), a variação não se daria na forma verbal, visto que essa já estaria internalizada pelos falantes como $\emptyset$, ou seja, a variação estaria situada na escolha do pronome ligada ao dialeto que o falante utiliza. Um reforço para essa hipótese de Menon é que falantes de dialetos em que existe a preferência pelo *tu* como segunda pessoa do singular utilizam *vocês* para referência da segunda pessoa no plural.

O que se pode definir, então, é que *você/vocês* tiveram sua introdução no PB desde o período da colonização, advindas das reduções fonéticas e mudanças do prestígio dos termos de tratamento herdadas de Portugal. A redução fonética do termo *Vossa Mercê* para *você* e ainda para *cê* está diretamente ligada à mudança do valor social empregado ao modo de tratamento.

3.6) CONTRIBUIÇÕES PARA O ENTENDIMENTO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul (ALERS)⁸ e o Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARISUL)⁹ oferecem um quadro robusto e revelador das múltiplas formas do português falado no país.

Desde 1996, o projeto ALiB reúne uma vasta documentação empírica acerca das variedades do português falado no território nacional, com especial atenção para as dinâmicas regionais e socioculturais. A publicação dos primeiros volumes, em 2014, marca um momento decisivo no estudo da variação linguística no Brasil, com a apresentação de 159 cartas linguísticas referentes às capitais estaduais do país. Trazendo recorte preciso da diversidade do português brasileiro em zonas urbanas, estruturando-se em três níveis de análise: fonético-fonológico, semântico-lexical e morfossintático.

Coelho (2001) investigou a realização do sujeito pronominal pleno no português do sul do país, utilizando dados do Projeto VARISUL. Sua análise diacrônica evidencia uma tendência crescente de preenchimento do sujeito, especialmente na primeira pessoa do singular, em contraste com o português europeu, em que a omissão do sujeito é mais comum. Este comportamento sinaliza uma mudança paramétrica no PB, alinhada ao seu desenvolvimento histórico e à reconfiguração de seus traços discursivos. Monguilhott (2009) destacou-se por suas contribuições ao estudo da concordância verbal no português, com base na comparação entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). Em sua tese de doutorado, ela desenvolveu uma análise sincrônica e diacrônica da marcação da terceira pessoa do plural, revelando padrões de variação sistemática. Seu trabalho evidencia que, no PB, a omissão do morfema de plural verbal não é aleatória, mas obedece a fatores linguísticos e discursivos, como a ordem dos constituintes e a proximidade entre sujeito e verbo.

⁸ O ALERS é um atlas linguístico e etnográfico voltado para a documentação e análise das variedades do português falado nos três estados do Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul). O projeto, desenvolvido a partir da década de 1980, registra aspectos fonéticos, lexicais, morfossintáticos e culturais, além de informações etnográficas que permitem compreender a diversidade sociolinguística da região.

⁹ Projeto VARISUL é um projeto de pesquisa linguística que visa a descrever o português falado e escrito na Região Sul do Brasil. Por meio da coleta e análise de entrevistas em diversas cidades e perfis sociais, o Projeto contribui para a descrição do português brasileiro, o desenvolvimento de teorias linguísticas e a formação de pesquisadores, além de fornecer subsídios para a educação.

O projeto ALERS também desempenhou um papel crucial no estudo do sujeito pronominal no português brasileiro ao fornecer um rico *corpus* de dados da fala da região Sul. Suas contribuições permitiram, em primeiro lugar, documentar a variação diatópica, evidenciando a concorrência e coexistência entre os pronomes *tu* e *você* e confirmando que a escolha do pronome é um fenômeno geograficamente condicionado, com a presença de zonas de transição, como Santa Catarina. Além disso, a pesquisa baseada no *corpus* do ALERS possibilitou uma análise aprofundada da alternância entre o sujeito expreso e o sujeito nulo (omisso). Isso permitiu aos linguistas investigar os fatores que influenciam essa variação, como a pessoa gramatical, o tempo verbal e o tipo de oração. Por fim, a abrangência do projeto permitiu correlacionar o comportamento linguístico com a história de povoamento da região, ligando a persistência do uso do *tu* em áreas de colonização açoriana e a difusão do *você* em contextos de maior inovação linguística e urbanização. Assim, o ALERS tornou-se uma fonte essencial para uma compreensão mais completa e multifacetada da dinâmica do sujeito pronominal no português brasileiro.

Scherre (1998), por sua vez, é referência nos estudos da variação morfossintática no PB, com especial destaque para a concordância nominal e verbal. Suas pesquisas mostram que a marcação do plural obedece a princípios linguísticos (como a posição e a classe gramatical do elemento) e sociais (como a escolaridade). Ainda que formas como “os menino chegaram” sejam estigmatizadas, Scherre demonstra que tais construções seguem padrões internos regulares, compondo uma gramática de uso efetiva. Em algumas investigações, ela explora a variação do imperativo verbal entre formas indicativas (ex.: “fala”) e formas do subjuntivo (ex.: “fale”), com distribuição geograficamente condicionada.

As evidências reunidas apontam para a existência de variação sistemática, sensível a fatores linguísticos e sociais. Ao contrário de representar falhas ou desvios, essa heterogeneidade revela o dinamismo do idioma e seus vínculos com a identidade cultural dos falantes. A compreensão e valorização dessa diversidade são fundamentais não apenas para a linguística teórica, mas também para o ensino da língua materna, de modo a promover práticas pedagógicas mais inclusivas e desprovidas de preconceito.

Embora se reconheça a vastidão da bibliografia sobre os temas abordados, limita-se, no próximo capítulo, a apresentar e descrever apenas alguns estudos. Inicialmente, Romano (2015), que estudou o espaço do subfalar sulista e propôs uma reformulação em duas áreas: a sulista e a paulista. Na sequência, apresentam-se os trabalhos que tratam sobre a variação fonética e a morfossintática, objetos desta investigação.

4) PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES ANTES DE VOGAL ALTA ANTERIOR: ALGUNS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA NA PERSPECTIVA SOCIODIALETOLÓGICA

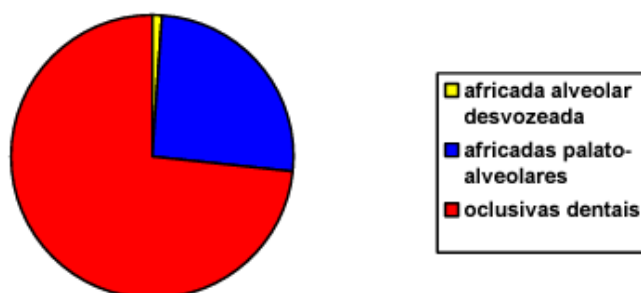
A temática da palatalização das oclusivas alveolares antes de vogal alta anterior é amplamente explorada na literatura linguística, contando com uma grande variedade de abordagens teóricas e empíricas. No entanto, neste trabalho, optou-se por apresentar e descrever especificamente os estudos de Dutra (2007), Ribeiro (2018) e Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012), devido à relevância e abrangência que esses autores conferem ao fenômeno em questão.

4.1) DUTRA (2007)

A dissertação de Dutra intitulada *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul* (2007) buscou investigar a regra variável da palatalização de /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior não arredondada [i] e da semivogal palatal alta [j] no português falado na cidade de Chuí, Rio Grande do Sul. Foram utilizadas amostras de 24 informantes, divididos em três faixas etárias: faixa I (16 a 25 anos), faixa II (26 a 49 anos) e faixa III (acima de 50 anos), destes 12 informantes são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. Também foram divididos pela escolaridade, de modo que 12 deles possuem Ensino Fundamental e 12, o Ensino Médio. Esse *corpus* é parte integrante do Banco de Dados BDS-Pampa, da Universidade Católica de Pelotas-UCPEL. Não foi determinado pelo autor se todos os informantes são bilíngues ativos ou passivos (português-espanhol).

Nas análises dos resultados, o autor constatou que a maioria dos informantes (73%) teve como predomínio da fala, as oclusivas [t,d], já as formas africadas palato-alveolares [tʃ,dʒ] apresentaram um total de 26% das ocorrências e com um valor pouco expressivo, sendo que a africana alveolar desvozeada [tʃ̥] obteve apenas 0,06%, conforme demonstrado na Figura 7.

Figura 7 - Frequência global: africadas palato-alveolares e outras variantes



Fonte: Dutra (2007, p. 90).

Foi possível observar que a baixa ocorrência da variante africada alveolar desvozeada [tʃ] esteve presente na fala de apenas um dos informantes, caracterizando que a variante não está em processo de aquisição na região estudada, portanto apenas um emprego peculiar.

No estudo, Dutra verificou também que os informantes com Ensino Fundamental obtiveram uma produção maior na palatalização de /t/ e /d/ em relação aos indivíduos com Ensino Médio. Porém, apenas essa observação não pode caracterizar as variantes como prestigiadas ou des prestigiadas, pois a regra variável parece ser parte dos fenômenos que escapam ao controle normativo das escolas, segundo o autor. Em relação à variável sexo, foi constatado que os homens tiveram maior frequência do que as mulheres em relação à utilização da palatalização na fala, o que caracteriza a utilização da forma mais convencional pelo sexo feminino. Em um contraste da escolaridade com o sexo dos informantes, foi possível observar que os falantes do sexo masculino, com menor escolaridade, optaram em maior número pela utilização da forma palatalizada, ao passo que as mulheres tiveram índices semelhantes em ambos os níveis de escolaridade. Quanto à variável faixa etária, o estudo demonstrou que os informantes mais jovens utilizaram com maior aplicação a regra de palatalização na fala, com 54%, já os falantes da faixa etária intermediária obtiveram 16%, e os informante mais velhos, apenas 2%, evidenciando, assim, uma possível mudança no comportamento da fala e o abandono das variantes conservadoras.

Dessa forma, o autor concluiu que o registro da palatalização de /t/ e /d/ no município de Chuí, no Rio Grande do Sul, em sua maioria, é feito por indivíduos do sexo

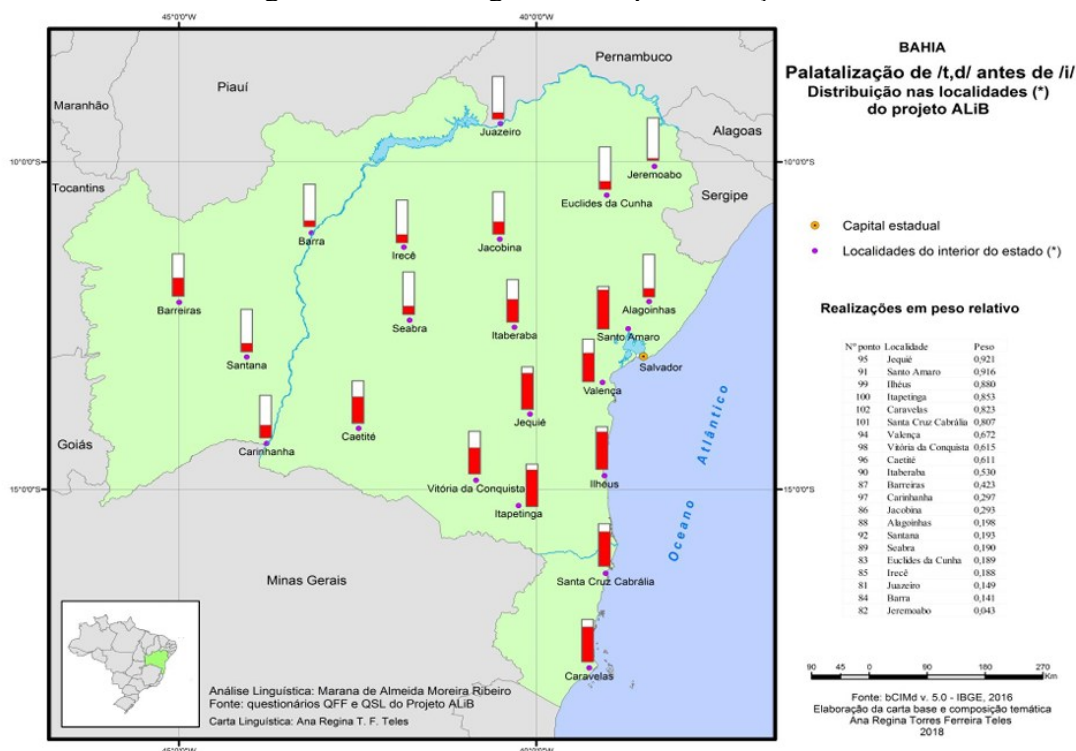
masculino, jovens e com menor escolaridade, o que, apesar de constatar uma baixa aplicação, reforça que não ocorre o enfraquecimento desse fenômeno.

4.2) RIBEIRO (2018)

Em sua dissertação *A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de /i/ no interior baiano* (2018), a autora buscou identificar, utilizando como regra a aplicação da palatalização, os fatores condicionantes do fenômeno, sendo eles linguísticos ou extralinguísticos. Foi analisada a realização variável das consoantes oclusivas dentoalveolares antes da vogal alta /i/ fonológica e, nos casos em que essa vogal resulta da neutralização do /e/ em posição átona. Esse estudo abrangeu 21 localidades do interior da Bahia, a partir do corpus do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Cada uma dessas localidades teve a fala de quatro informantes registradas, subdivididos em dois grupos de idades: o primeiro com dois indivíduos com idade de 18 a 30 anos, um de cada sexo, e o subsequente com idade entre 50 a 65 anos, estratificados segundo o sexo. Os dados foram retirados das respostas obtidas nos questionários fonético-fonológico (QFF) e semântico-lexical (QSL), resultando em 2970 ocorrências, incluindo as duas possibilidades de realização encontradas: a palatal e a dentoalveolar.

Em relação à distribuição diatópica, os resultados obtidos revelaram que a regra de palatalização de /t/, /d/ diante de /i/ é mais recorrente nas regiões Centro-Sul e sul do estado baiano com exceção de duas localidades que estão na região metropolitana de Salvador e outra no centro-norte, como demonstrado na Figura 8.

Figura 8 – Carta linguística da palatalização na Bahia



Fonte: Ribeiro (2018, p. 80)

Em relação à faixa etária, os dados revelaram uma prevalência da variante palatalizada entre os informantes mais jovens, sugerindo a hipótese de que o fenômeno, por se tratar de uma forma inovadora e ser mais recorrente entre os indivíduos da faixa etária mais jovem, pode ser relacionado à mudança do português falado nas regiões pesquisadas. Realizando o cruzamento dos dados referente à distribuição dos resultados das escolhas dos informantes por faixa etária, Ribeiro pôde observar que as localidades em que a palatalização não foi predominante, a realização do fenômeno entre os informantes da menor faixa etária foi mais relevante, afirmando o exposto sobre a hipótese relativa à mudança da variedade do português falado.

Nas análises dos dados referentes à variável sexo, a autora constatou que a escolha utilizada pelas mulheres em relação à variante palatalizada foi maior que entre os homens. Porém deve-se destacar que a diferença entre a utilização da variante entre ambos os sexos foi pequena, demonstrando que os homens não são totalmente contrários à utilização da forma inovadora. Em um contraste entre a distribuição diatópica e o sexo dos falantes, foi possível observar que, em apenas duas localidades, foi registrada uma diferença significativa nas escolhas das mulheres pela forma palatalizada e apenas em uma localidade, das 21 pesquisadas, ocorreu a prevalência da escolha pelos homens.

Comparando as duas variáveis sociais (faixa etária e sexo), Ribeiro verificou que, entre os indivíduos da faixa etária I (mais jovens), a escolha pela variante inovadora, apesar de ter sido maior entre o sexo feminino, manteve-se próxima da escolha do sexo masculino; já na faixa etária II (mais velhos), a escolha realizada pelos informantes do sexo feminino foi significativamente maior do que a realizada pelo sexo oposto.

Com isso, a autora concluiu que a palatalização no estado da Bahia é caracterizada como um fenômeno diatópico, gerado pela procedência geográfica dos falantes. O estudo também revelou que o fenômeno pode estar se dirigindo à mudança visto que existiu uma hegemonia dos resultados entre os informantes mais jovens, principalmente do sexo feminino.

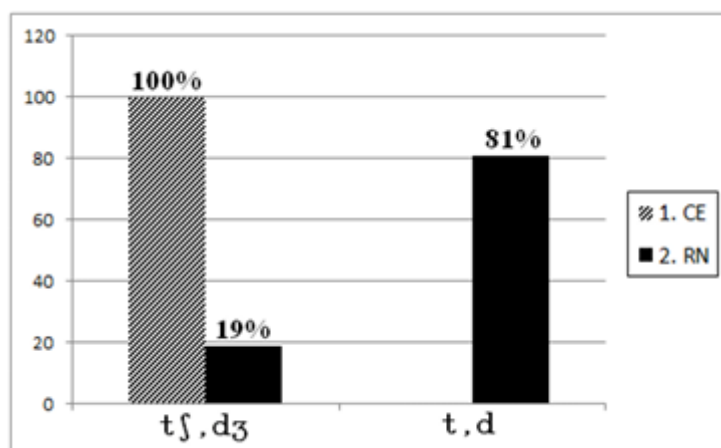
4.3) SILVA, BARBOZA, GUIMARÃES, NASCIMENTO (2012)

No artigo *Revisitando a palatalização no português brasileiro* (2012), os autores abordaram a palatalização das oclusivas alveolares no português brasileiro, focando sua análise na variedade palatalizante de Fortaleza (Ceará), capital do estado, e das variedades não palatalizantes de Afonso Bezerra e Guamaré (Rio Grande do Norte). Os autores consideraram que, inicialmente, o português teria apenas consoantes oclusivas alveolares e que as africadas surgiriam pelo processo de palatalização, fenômeno tal que contribuiu para a distinção entre o português brasileiro do português europeu, africano e asiático.

O *corpus* do estudo foi composto por oito informantes: quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino, agrupados em duas faixas etárias: a primeira com indivíduos com menos de 30 anos e a segunda com mais de 40 anos. Quanto à escolaridade, metade dos informantes possuía Ensino Médio completo e a outra metade superior completo.

Analisando os resultados, os autores tinham a expectativa de que os dados coletados em Fortaleza (CE) obtivessem totalidade das africadas ao passo que as localidades do RN, considerando variedades não palatalizantes, obtivesse resultado nulo. Porém, o que foi demonstrado na Figura 9 não condiz com o esperado pelos autores.

Figura 9 – Africadas e oclusivas no CE e RN



Fonte: Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012, p. 77)

Com esses dados, os autores teorizam que a ocorrência de africadas na fala dos informantes, classificados como variedades não palatalizantes, indica o surgimento de uma modificação no falar dos indivíduos das localidades do RN.

Com o intuito de aprimorar os resultados obtidos e entender o surgimento da variação na fala dos informantes do estado do RN, os autores analisaram individualmente cada um dos léxicos da Figura 10:

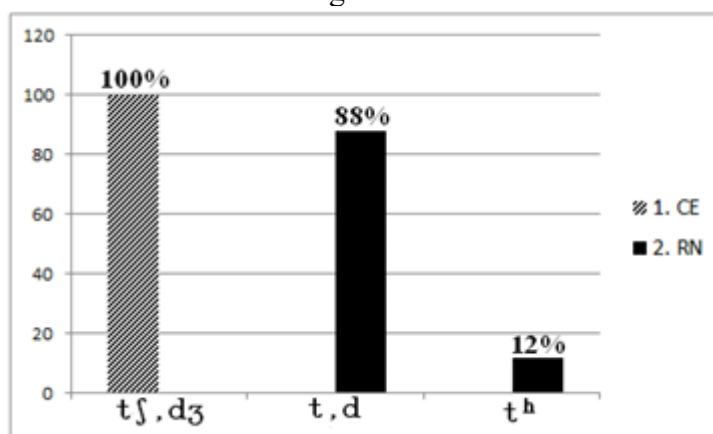
Figura 10 - Léxicos examinados na pesquisa

LÉXICOS	Padrões analisados	Exemplos
<i>Léxico-1</i> Vogal [i]	ti, t ^h i, tʃi di, dʒi	<i>tio</i> <i>cardinal</i>
<i>Léxico-2</i> Seguida de S	tis, tʃis, ts dis, dʒis, ds	<i>antes</i> <i>condições</i>
<i>Léxico-3</i> Precedida de S	ʃtʃi, ʃʃi, ʃi	<i>plástico</i>
<i>Léxico-4</i> Postônica + iu	tiu, t ^h iu, tʃu diu, dju, dʒu	<i>pátio</i> <i>rádio</i>

Fonte: Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012, p. 71).

Considerando a análise do denominado *Léxico-1*, os autores observaram que, na variedade palatalizante (CE), 100% das ocorrências foram africadas, para os dados do RN, 88% foram uma oclusiva plena, seguida da vogal [i] e em 12% ocorreu uma oclusiva aspirada, como demonstrado na Figura 11.

Figura 11 – Léxico I

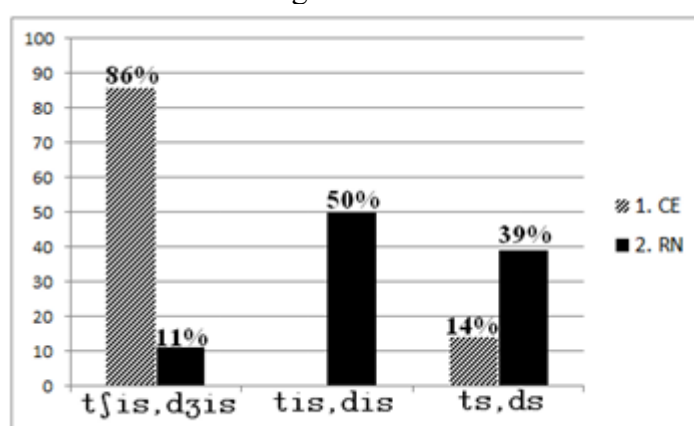


Fonte: Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012, p. 78).

Considerando os dados do *Léxico-1* fica implícita a diferença regional na fala de ambas as regiões visto que não existe um compartilhamento de variáveis entre elas, mas faz-se notar que os registros das oclusivas desvozeadas (12%) atestam o surgimento de africadas na variedade não palatalizante.

Para os dados do *Léxico-2*, constatou-se que a ocorrência de africadas na variedade palatalizante do Ceará não é totalitária, somando apenas 86%, assim como as oclusivas no Rio Grande do Norte, que somaram 50% dos casos. Já o padrão inovador [tʃ, dʒ] ocorre em ambas as localidades. Também é possível observar, pelo Gráfico 6, o compartilhamento dos falares de ambas as regiões para africadas seguidas de [i] e o padrão [tʃ, dʒ]:

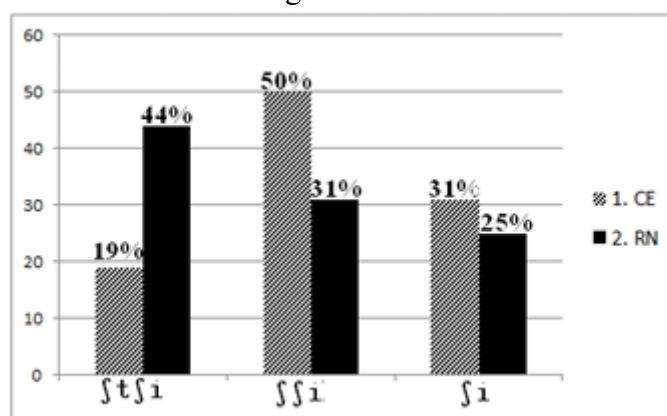
Figura 12 – Léxico 2



Fonte: Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012, p. 79).

Os dados analisados do *Léxico-3*, demonstraram a não ocorrência das oclusivas alveolares, dessa forma, as africadas [ʃt, ʃi] para este item não competem por espaço com as oclusivas, mas sim com as fricativas alveolares [ʃʃi] e [ʃi], como demonstra a Figura 13:

Figura 13 – Léxico 3



Fonte: Silva, Barboza, Guimarães, Nascimento (2012, p. 80).

Também é possível notar o compartilhamento de escolhas dos falantes de ambas as regiões por todas as variantes. A semelhança entre os índices indica que a competição pelo prestígio na fala das variantes ainda está em grau de semelhança para este caso, o que difere dos dois léxicos anteriormente analisados.

Para o *Léxico-4*, que compreende oclusivas/africadas em posição postônica final, como em *pátio* e *rádio*, foi constatado que, nos dados da região do CE, 100% dos casos foram de africadas seguidas da vogal [u]. Já a região do RN obteve 30% para oclusivas plenas e 30% para oclusivas aspiradas, porém 40% dos resultados apontaram para a escolha das africadas seguidas da vogal [u], indicando o surgimento de uma escolha inovadora na variante não palatalizante do RN. Os autores ainda coletaram dados referentes a três outros padrões relacionados a casos de palatalização de oclusivas alveolares, os dois primeiros eram referentes a palavras estrangeiras como *jeans*, *cappucino*, *shiatsu* e *tsunami*. Para todos estes contextos foi constatada a escolha por africada alveopalatal, constatando, dessa forma, que não há competição entre as escolhas dos falantes. Para o último caso, foi verificada a africada alveopalatal como *China* [ʃʃina] no intuito de serem constatadas as reduções segmentais encontradas nas análises do

Léxico-3, porém, em ambas as regiões, as escolhas dos falantes foram pela fricativa alveopalatal [ʃ].

Com isso, os autores concluíram, a partir dos dados e da revisão da literatura, que o fenômeno da palatalização de oclusivas alveolares está em expansão no português brasileiro, gerando um fenômeno sonoro inovador.

5) PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA EM POSIÇÃO DE SUJEITO: ALGUNS ESTUDOS

A temática dos pronomes de segunda pessoa em posição de sujeito tem sido amplamente investigada, com destaque para os estudos de Marta Scherre, que oferecem uma base sólida para a compreensão do fenômeno. No entanto, para este trabalho, foram analisados os estudos de Loregian-Penkall (2005), Deus (2009) e Romano e Margotti (2016), considerando a diversidade metodológica e o foco específico de cada pesquisa.

5.1) LOREGIAN-PENKAL (2005)

No artigo *Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista* (2005), Loregian-Penkall descreve sua pesquisa em relação à alternância dos pronomes *tu* e *você*, em dados analisados em Florianópolis, Chapecó, Blumenau e Lages, assim como na comunidade do Ribeirão da Ilha, em Florianópolis. Os dados pertencentes ao projeto VARSUL estão divididos em 12 informantes na localidade do Ribeirão da Ilha e 24 informantes para cada um dos outros municípios. Para a análise, a autora utilizou uma variável dependente e mais 10 independentes, sendo que destas, seis são linguísticas e quatro sociais: 1) Tipo de Interlocução; 2) Determinação do discurso; 3) Gênero do discurso; 4) Explicitação do pronome; 5) Alternância dos pronomes *tu/você* no mesmo período/turno; 6) Tempo verbal; 7) Localidade/etnia; 8) Escolaridade; 9) Faixa etária e 10) Gênero.

Conforme Figura 14, referente à distribuição dos informantes quanto ao uso do pronome de segunda pessoa apresentada pela autora, pode-se perceber que a utilização do pronome *tu*, sem a alternância com *você*, é maior na cidade de Florianópolis. Com o dobro de Chapecó, que é a segunda cidade com maior ocorrência, também se destaca a comunidade do Ribeirão da Ilha onde o índice de ocorrências do pronome *você* é nula.

Figura 14 – Distribuição dos informantes quanto à alternância de *tu/você*

Localidade	TU	VOCÊ	TU/VOCÊ	Total
Florianópolis	13	1	10	24
Chapecó	6	2	16	24
Blumenau	2	4	17	23
Lages	1	6	17	24
Ribeirão da Ilha	7	-	4	11
Total	29	13	60	106

Fonte: Loregian-Penkall (2005, p. 364).

Outro item destacado é referente ao município de Lages, onde os dados relativos à escolha do pronome *você* é maior do que em todas as outras. Somado aos informantes de Lages que utilizaram a alternância entre *tu/você*, percebe-se que *você* está praticamente presente em sua totalidade na fala dos informantes da localidade. Quanto à variável sexo, constatou-se que as mulheres tendem a utilizar mais o *tu* como escolha do pronome, visto que este tem mais prestígio nas localidades analisadas. Os dados estão representados na Figura 15.

Figura 15 – Alternância *tu/você* por localidade

Rodada com Florianópolis e Ribeirão da Ilha			
Gênero	Apl./Total	%	P.R.
Masculino	366/542	67%	0,20
Feminino	664/687	96%	0,84
Total	1030/1229	84%	
Rodada com Chapecó, Blumenau e Lages			
Gênero	Apl./Total	%	P.R.
Masculino	231/1315	18%	0,42
Feminino	353/919	38%	0,61
Total	584/2234	26%	

Fonte: Loregian-Penkal (2005, p; 365).

Em suas considerações finais, a autora afirma que, na busca pela resposta se o pronome *você* substituiu ou está substituindo o *tu* no PB é de que o *tu* ainda tem muita representatividade no Sul do país, conforme constatado pelos dados apresentados. Composto por três estados, o Sul do Brasil tem, ao norte, o Paraná com uma produtividade alta do pronome *você*, Santa Catarina é uma área heterogênea quanto a escolhas dos pronomes e o Rio Grande do Sul tem o maior número de falantes que usam o pronome *tu*. Dessa forma, com os dados apresentados, ela refuta a ideia inicial de que o *você* está substituindo o *tu* no PB. Assim como reforça a necessidade de as gramáticas tradicionais reverem seu quadro pronominal afim de refletir a realidade do PB.

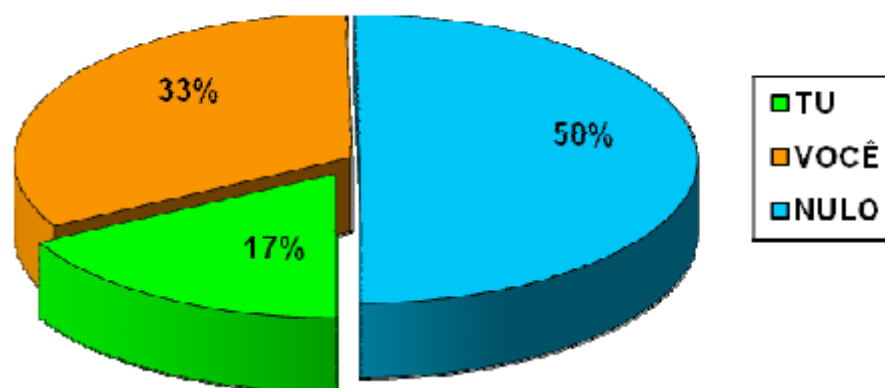
5.2) DEUS (2009)

Em relação ao tema no que tange a abordagens pautadas em *corpus* dialetológico, como o do ALiB, a dissertação de Deus (2009) intitulada *Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB* investiga o emprego de *tu* e *você* nas capitais da região Nordeste e Sul do Brasil. Para uma assimetria de dados, foram escolhidas três capitais das nove que compõem a Região do Nordeste, sendo elas Teresina, Recife e Salvador. Já para a Região Sul, as cidades

analisadas foram Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. Os dados utilizados fazem parte do banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), contendo oito entrevistas, realizadas em cada uma das seis cidades analisadas. Desses, quatro informantes possuem Ensino Fundamental e quatro Ensino Superior, divididos em dois grupos de faixa etária, a primeira com informantes de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65, de ambos os sexos.

Obteve-se, em suas análises, um total de 1980 ocorrências relacionadas à utilização dos pronomes *tu* e *você*, acrescidas da utilização do morfema, nos casos de o pronome estar implícito, denominado nulo, resultando nos dados apresentados na Figura 16.

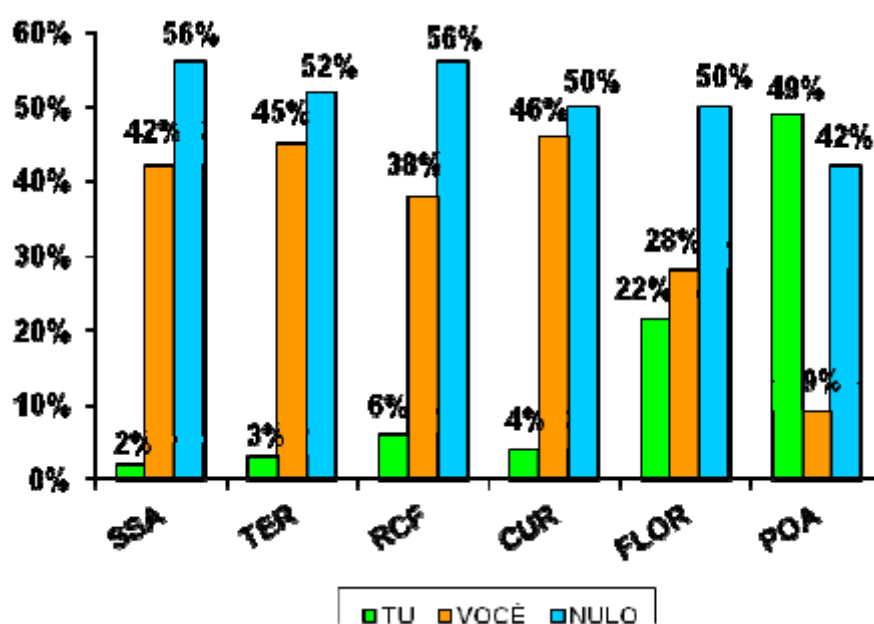
Figura 16 – Distribuição Geral das variantes nas amostras



Fonte: Deus (2009, p. 123).

Observa-se, pelo gráfico, que a forma nula obteve 50% das utilizações pelos falantes, seguido de *você* (33%) e *tu* (17%). Considerando a distribuição por localidades, a autora apresentou os dados com a Figura 17.

Figura 17 – Distribuição geral das variantes em função da localidade



Fonte: Deus (2009, p. 123).

Nesta figura, é nítida a utilização em maior número da variante nula nas capitais das regiões pesquisadas. Segue-se a utilização de *você*, com exceção de Porto Alegre onde os registros demonstraram uma preferência dos falantes pela utilização do pronome *tu* em relação ao pronome *você*. Com o objetivo de apurar a alternância entre o *tu* e o *você*, a autora realizou mais uma rodada de análises, excluindo a localidade de Salvador, local em que não ocorreu tal alternância. A autora também atestou que o paralelismo formal em todos os dados analisados demonstrou que, quando o interlocutor utiliza um verbo em terceira pessoa, tende a escolher em seguida o pronome *você* e o mesmo acontece para os verbos em segunda pessoa. No contexto da variável de relação entre os interlocutores, os dados demonstraram que a utilização do *você* é maior quando existe uma assimetria entre as relações, demonstrando a preferência de utilização do pronome *você* em contextos em que a fala do interlocutor é mais genérica.

Na análise das variáveis sociais, ao considerar a faixa etária, constatou-se que esta apresentou relevância significativa apenas nas localidades da Região Nordeste, onde a faixa II (indivíduos de idade mais avançada) demonstrou um uso mais frequente do pronome 'você' em comparação com a faixa I (jovens). A autora também constatou que a escolaridade, como uma variável isolada, não representou dados significativos para alternância do *tu* e *você*.

Dessa forma, concluiu-se que a variação diatópica se confirmou, evidenciando a dominância do *você* nas capitais do Nordeste em relação às capitais do Sul, indicando que a variável geográfica exerce um papel mais significativo do que as variáveis sociais. Além disso, verificou-se que a escolha dos interlocutores está ligada a aspectos semântico-pragmático-discursivos. Observou-se também que a forma nula, apesar de não ser o objeto da pesquisa, apresentou grande relevância em todas as localidades.

5.3) ROMANO E MARGOTTI (2016)

O artigo "*Você vai viajar?*" ou "*Tu vais viajar?*" *A arealidade do pronome-sujeito na região Sul do Brasil* (2016), de Romano e Margotti, aborda a distribuição espacial da utilização do pronome *tu/você* na função de sujeito na Região Sul do Brasil. A análise foi realizada com dados pertencentes à base do Projeto (ALiB), distribuídos em 44 localidades, sendo 17 delas no estado do Paraná, 10 no estado de Santa Catarina e 17 no Rio Grande do Sul. Em cada localidade foram entrevistados quatro informantes, totalizando 176 entrevistados. Desses, dois eram do sexo masculino e dois do sexo feminino, com nível fundamental de escolaridade, distribuídos igualmente em duas faixas etárias, a primeira de 18 a 30 anos e a segunda de 50 a 65 anos. Os registros utilizados referem-se à questão 24 do Questionário Morfossintático: "quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?".

Os autores analisaram a distribuição geográfica das escolhas dos falantes na utilização dos pronomes *tu*, *você* (variantes *ocê* e *cê*) e o pronome *nulo*. Após a apresentação dos dados, foi também realizada uma comparação com os dados resultantes do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS). Em seu levantamento de dados, foram documentados 192 registros para a questão supracitada nas localidades inferidas, em que foi revelada a predominância do pronome *nulo*, conforme a Figura 18.

Figura 18 – Produtividade das variantes para questão 24 do QMS nos dados da Região Sul

Variantes	Número de ocorrência	Porcentagem
0 (verbo na 3ª pessoa)	56	29,17%
tu (verbo na 3ª pessoa)	47	24,48%
você (verbo na 3ª pessoa)	40	20,83%
cê (verbo na 3ª pessoa)	36	18,75%
tu (verbo na 2ª pessoa)	5	2,60%
0 (verbo na 2ª pessoa)	4	2,08%
ocê (verbo na 3ª pessoa)	4	2,08%
TOTAL	192	

Fonte: Romano e Margotti (2016, p. 241).

Conforme se observa na Figura 18, a segunda forma mais produtiva foi o emprego do pronome *tu* sem concordância verbal na 2ª pessoa, precedido do pronome *você*. Porém, ao se considerar as formas variantes de *você* empregadas pelos falantes (*ocê* e *cê*), os dados demonstram que somados teriam 41,66% das ocorrências. Em relação à distribuição dos resultados por estados, pode-se observar a Figura 19.

Figura 19 – Produtividade das variantes para questão 24 do QMS segundo o total de ocorrência em cada Estado Federativo

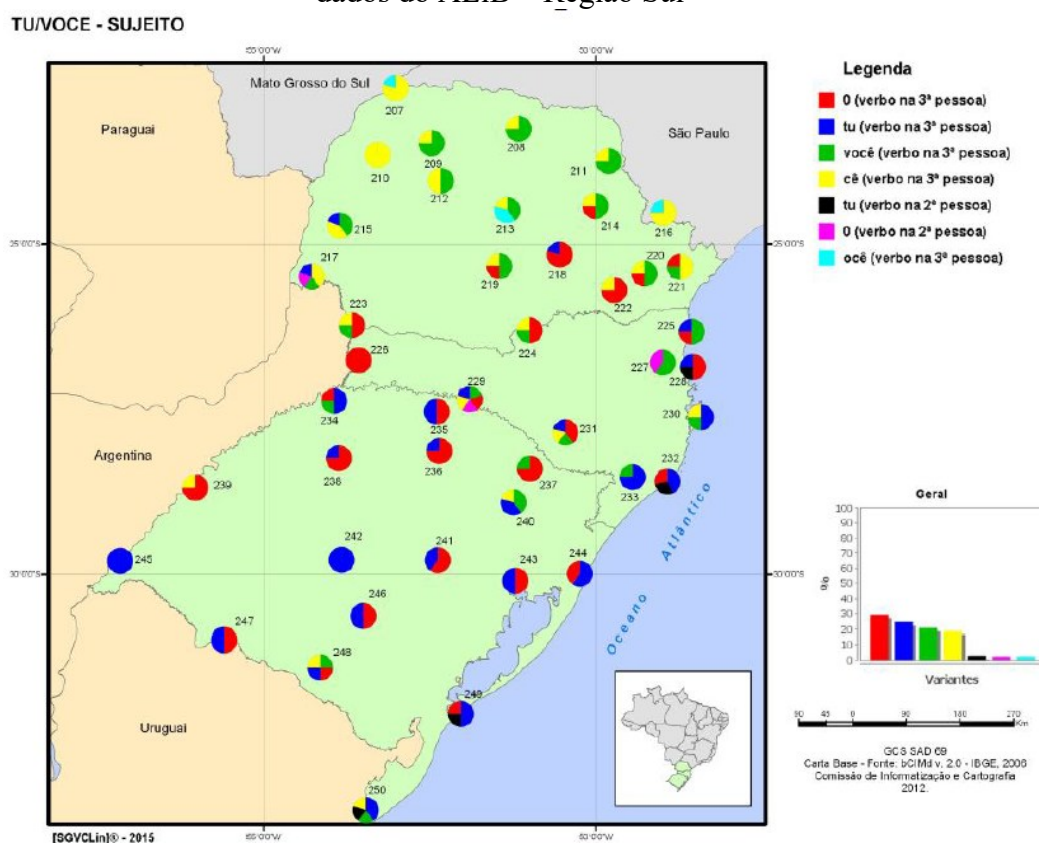
Variantes	Paraná	Santa Catarina	Rio Grande do Sul
0 (v. 3ª p.)	17,81%	30,43%	39,73%
tu (v. 3ª p.)	4,11%	26,09%	43,84%
você (v. 3ª p.)	32,88%	21,74%	8,22%
cê (v. 3ª p.)	38,36%	8,70%	5,48%
tu (v. 2ª p.)	-	6,52%	2,74%
0 (v. 2ª p.)	1,37%	6,52%	-
ocê (v. 3ª p.)	5,48%	-	-

Fonte: Romano e Margotti (2016, p. 242).

Os dados demonstram que, no Paraná, a escolha do pronome *você* e sua variante *cê* obtiveram o maior número de registros, somados totalizaram 71,24% do total de dados para o estado. Em oposição, a escolha do pronome *tu* com a concordância verbal em segunda pessoa não ocorreu nesse estado. Em Santa Catarina, a escolha do pronome *nulo* concordando com o verbo na terceira pessoa, obteve o maior índice, porém, as escolhas dos pronomes *tu* (tanto com concordância do verbo em 2ª e 3ª pessoa) e o pronome *você* (com sua variante *cê*) obtiveram índices relativamente similares. Não foi registrada em Santa Catarina a escolha pela variante *ocê*. Para o Rio Grande do Sul, a escolha pelo pronome *tu* em concordância com o verbo na terceira pessoa foi maioria, seguido da

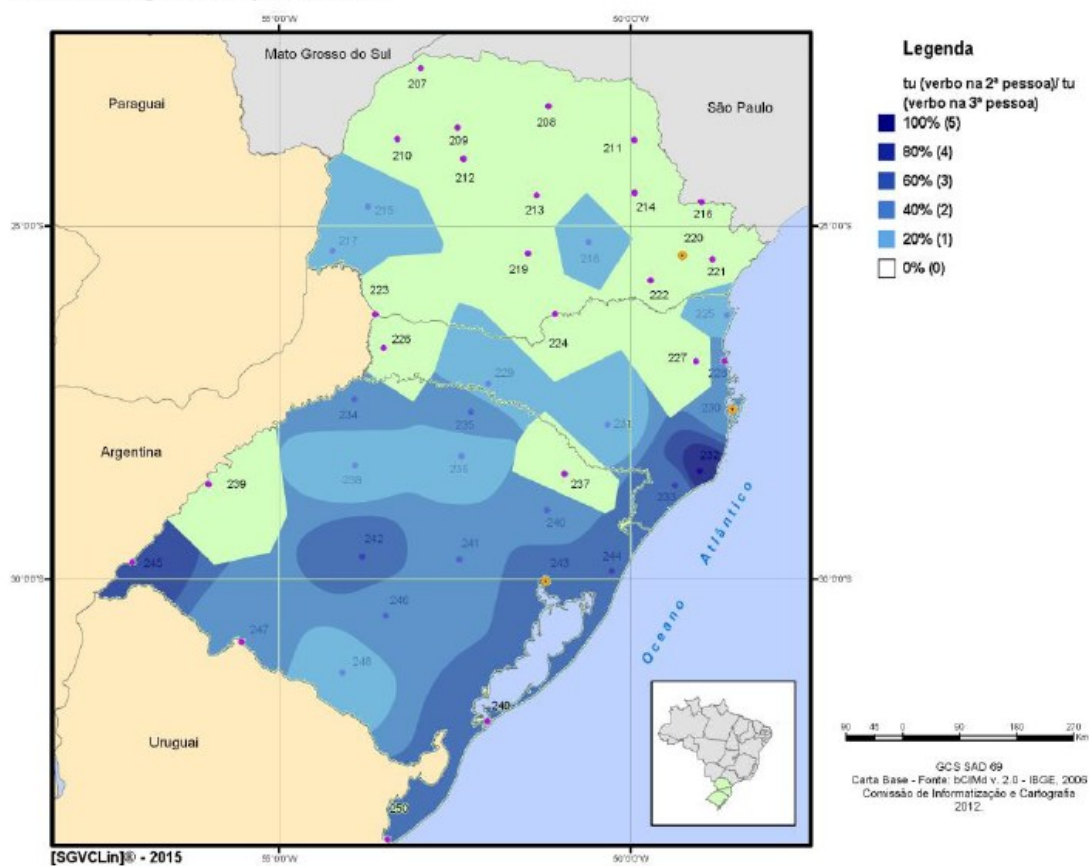
forma com o pronome *nulo*. A Figura 20 apresenta a distribuição diatópica, que ilustra o comportamento dos falantes em cada um dos municípios que compõem o *corpus*.

Figura 20 – Distribuição diatópica das variantes para o pronome-sujeito nos dados do ALiB – Região Sul



Os autores destacam os pontos 210 (Umuarama), no Paraná, cujo gráfico de pizza está todo amarelo, sinalizando 100% das escolhas dos falantes pela variante *cê*, o ponto 226 (São Miguel do Oeste), em Santa Catarina, na cor vermelha, em que ocorreu a omissão do pronome como sujeito em 100% das respostas dos informantes e a totalidade da cor azul, representando a escolha pelo pronome *tu* (com verbo na 3ª pessoa) em duas localidades do Rio Grande Sul. Na Figura 21, os autores apresentam a incidência do pronome *tu* (com verbos na 2ª e 3ª pessoa):

Figura 21 – Área de ocorrência do *pronome tu* com verbos 2ª e 3ª pessoa
Arealidade gradual - pronome tu

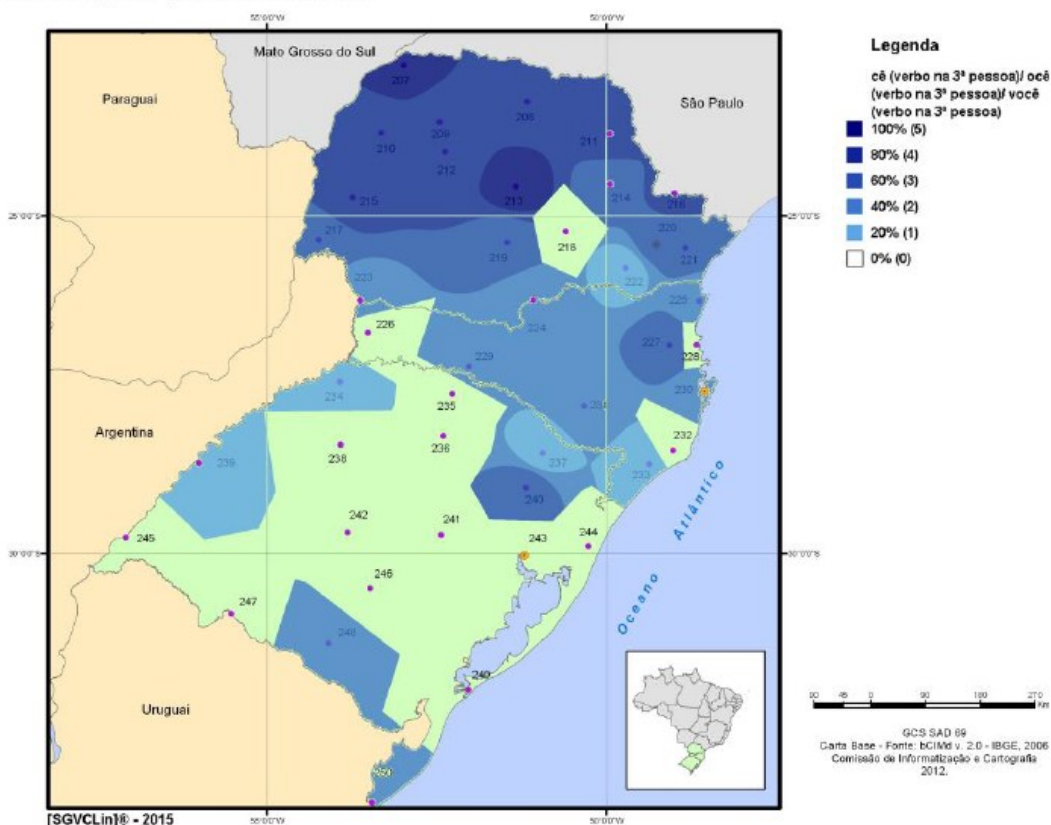


Fonte: Romano e Margotti (2016, p. 246).

Em comparativo a essa Figura, os autores elaboraram a Figura 22 com a frequência da utilização do pronome *você* (somado as suas variantes *ocê* e *cê*).

Figura 22 – Área de ocorrência do pronome *você* com verbo em 3ª pessoa

Arealidade gradual - pronomes *você / ocê / cê*



Fonte: Romano e Margotti (2016, p. 247).

Observando os dados analisados e a comparação realizada com os dados do ALERS, foi possível chegar à conclusão de que existem duas áreas com padrões distintos de escolha pelos pronomes em posição de sujeito. O estado do Paraná demonstra uma prevalência do pronome *você* (e suas variantes *ocê* e *cê*) e, no Rio Grande do Sul, a predominância é do uso do *tu*. Nesse contexto, Santa Catarina se caracteriza como uma área de transição.

Conclui-se, assim, que os fundamentos teóricos e conceituais apresentados fornecem uma base sólida para a compreensão do tema e das questões de pesquisa abordadas neste trabalho. A partir dessa fundamentação, torna-se necessário detalhar os caminhos metodológicos adotados para a realização deste estudo, que garantem o rigor científico e a consistência na obtenção e análise dos dados. A seguir, a seção de metodologia descreve as etapas, técnicas e ferramentas utilizadas, bem como as justificativas para as escolhas realizadas ao longo do processo de investigação.

6) METODOLOGIA

Nesta seção, é apresentada a metodologia utilizada nesta pesquisa, baseada na fundamentação teórico-metodológica da Dialetologia Pluridimensional e Relacional (Thun, 1998) e da Geolinguística brasileira (Cardoso, 2010), iniciando pelo *corpus*, seguido da rede de pontos, do perfil dos informantes, dos itens pesquisados, bem como do tratamento dos dados.

6.1) O CORPUS

O *corpus* utilizado nesta pesquisa foi coletado pela equipe do Projeto ALiB (Cardoso et al., 2014a, 2014b), com acréscimo de dados ainda não publicados, e, por esse motivo, fez-se necessária a prévia autorização do Comitê Nacional para utilizá-lo. Assim, com a devida autorização, foram analisadas as transcrições e, quando necessário, os áudios das entrevistas realizadas com 472 informantes, distribuídos por 118 cidades brasileiras, sendo nove delas pertencentes ao estado do Mato Grosso, seis no Mato Grosso do Sul, oito em Goiás, 11 em Minas Gerais, 38 em São Paulo, duas no Rio de Janeiro, 17 no Paraná, dez em Santa Catarina e 17 no Rio Grande do Sul, conforme Figura 23.

Figura 23 – Distribuição das localidades na Região Sulista de Nascentes

Estados	Localidades
Mato Grosso	Aripuanã (103), São Félix do Araguaia (104), Diamantino (105), Poxoréu (106), Vila Bela da Santíssima Trindade (107), Cuiabá (108), Barra do Garças (109), Cáceres (110) e Alto Araguaia (111).
Mato Grosso do Sul	Coxim (112), Corumbá (113), Paranaíba (114), Campo Grande (115), Nioaque (116) e Ponta Porã (117).
Goiás	Porangatu (118), Aruanã (120), Formosa (121), Goiás (122), Goiânia (123), Jataí (124), Catalão (125) e Quirinópolis (126).
Minas Gerais	Unaí (130), Pirapora (132), Uberlândia (135), Patos de Minas (136), Campina Verde (137), Passos (140), Formiga (141), Lavras (144), São João del Rei (145), Poços de Caldas (147) e Itajubá (149).

São Paulo	Jales (150), Votuporanga (151), São José do Rio Preto (152), Barretos (153), Franca (154), Andradina (155), Araçatuba (156), Ribeirão Preto (157), Lins (158), Ibitinga (159), Mococa (160), Presidente Epitácio (161), Adamantina (162), Araraquara (163), Teodoro Sampaio (164), Presidente Prudente (165), Marília (166), Bauru (167), Moji Mirim (168), Assis (169), Bernardino de Campos (170), Botucatu (171), Piracicaba (172), Campinas (173), Bragança Paulista (174), Taubaté (175), Guaratinguetá (176), Itapetininga (177), Sorocaba (178), São Paulo (179), Caraguatatuba (180), Itararé (181), Capão Bonito (182), Itanhaém (183), Santos (184), Ribeira (185), Registro (186) e Cananéia (187).
Rio de Janeiro	Barra Mansa (205) e Parati (206).
Paraná	Nova Londrina (207), Londrina (208), Terra Boa (209), Umuarama (210), Tomazina (211), Campo Mourão (212), Cândido de Abreu (213), Piraí do Sul (214), Toledo (215), Adrianópolis (216), São Miguel do Iguaçu (217), Imbituva (218), Guarapuava (219), Curitiba (220), Morretes (221), Lapa (222) e Barracão (223).
Santa Catarina	Porto União (224), São Francisco do Sul (225), São Miguel do Oeste (226), Blumenau (227), Itajaí (228), Concórdia (229), Florianópolis (230), Lages (231), Tubarão (232) e Criciúma (233).
Rio Grande do Sul	Três Passos (234), Erechim (235), Passo Fundo (236), Vacaria (237), Ijuí (238), São Borja (239), Flores da Cunha (240), Santa Cruz do Sul (241), Santa Maria (242), Porto Alegre (243), Osório (244), Uruguaiana (245), Caçapava do Sul (246), Santana do Livramento (247), Bagé (248), São José do Norte (249) e Chuí (250).

Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados do Projeto ALiB.

Vale lembrar que a rede de pontos do ALiB tem um total de 250 localidades, distribuídas por todo o país. No entanto, como esta tese abrange apenas a área reformulada por Romano (2015) do falar sulista de Nascentes (1953), serão estudados 118 pontos, o que corresponde a 47,2% das localidades incluídas no Projeto ALiB.

6.2) OS INFORMANTES

Cada localidade analisada neste trabalho conta com dados de quatro informantes, sendo nascidos no local investigado e filhos de pais também nascidos na mesma área, divididos em duas faixas etárias: de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos, de ambos os sexos, e com Ensino Fundamental. Além disso, possuem uma profissão definida que não exija grande mobilidade e que esteja inserida no contexto social local.

Nas capitais, foram realizadas oito entrevistas, sendo quatro delas no perfil informado acima e outras quatro com informantes de nível superior. No entanto, os dados

referentes aos falantes com nível superior não foram utilizados neste estudo, pois acarretariam uma divergência referente ao número total de informantes para estas localidades.

6.3) ITENS PESQUISADOS

O Projeto ALiB conta com três tipos de questionários, a saber: questionário fonético-fonológico (QFF); questionário semântico-lexical (QSL); e questionário morfossintático (QMS). Além desses questionários, há também algumas questões de prosódia, de pragmática, temas para discursos semidirigidos, perguntas de metalinguística e, por fim, a leitura do texto *Parábola dos sete vimes*, realizada pelos informantes.

Para esta tese decidiu-se pela escolha de dois questionários do ALiB: o QFF e o QMS. Assim, foram selecionados dois fenômenos do português brasileiro:

(i) o fenômeno fonético-fonológico da palatalização nas consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/ nas questões 003) *prateleira*; 006) *tesoura*; 030) *tomate*; 049) *elefante*; 055) *noite*; 056) *dia*; 101) *advogado*; 104) *inocente*; 106) *mentira*; 116) *dente*; 126) *desmaio*; 131) *tio*; 150) *perdida*; e 157) *hóspede*¹⁰. A ocorrência do processo de palatalização está fortemente relacionada à posição da sílaba na palavra e sua tonicidade – isto é, se a sílaba é tônica ou átona –, e sua posição relativa ao acento primário (pretônica inicial, pretônica medial ou postônica final). Bisol (2005) destaca que essa variação posicional é de grande importância para o entendimento dos padrões de mudança fonética no PB. Em sílabas tônicas, há uma maior proeminência articulatória e perceptiva, o que frequentemente inibe a palatalização de /t/ e /d/. Isso ocorre porque a tonicidade reforça a manutenção dos traços fonéticos originais, dificultando processos de enfraquecimento ou mudança. Já as sílabas átonas são mais suscetíveis a processos de redução e assimilação, favorecendo a palatalização. A menor proeminência articulatória dessas sílabas facilita a coarticulação, levando à africacão ou fricativização de /t/ e /d/ diante de /e/ e /i/. No entanto, a ocorrência da palatalização varia conforme a posição da sílaba átona em relação ao acentoônico:

- Pretônica inicial - A sílaba que antecede imediatamente a tônica, em posição inicial de palavra, apresenta alta propensão à palatalização devido ao menor esforço articulatório no início do enunciado;

¹⁰ Devido ao grande número de respostas não obtidas (NO), essa questão foi desconsiderada das análises.

- Tônica inicial – Em posição inicial, as sílabas tônicas tendem a manter a articulação plena de /t/ e /d/, porém em certos léxicos existe uma certa tendência a ocorrer palatalização;
- Tônica medial – Neste contexto fonético, a palatalização é mais frequente do que em tônicas iniciais (Bisol, 2005);
- Postônica final - Sílabas átonas após a tônica, especialmente em final de palavra, tendem a apresentar palatalização de forma mais consistente, devido ao enfraquecimento articulatório em posição final.

Para uma melhor análise, as questões, quando possível, foram agrupadas, conforme os seguintes critérios:

- Palatalização na sílaba tônica inicial: *dia* e *tio*;
- Palatalização na sílaba tônica medial: *mentira* e *perdida*;
- Palatalização na sílaba postônica final: *tomate*, *elefante*, *noite*, *inocente* e *dente*;

(ii) um fenômeno morfossintático, especificamente o uso dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* na posição de sujeito, na questão 24 do QMS: “quando se vê um amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?”¹¹

6.4) TRATAMENTO DOS DADOS

Após o levantamento, os dados foram inseridos numa planilha eletrônica. Nesta etapa, foram consideradas até cinco respostas fornecidas por cada informante. Vale salientar que ocorreram casos em que os informantes não forneceram a resposta ou o inquiridor não realizou a pergunta. Assim, esses casos foram considerados como respostas não obtidas (NO).

Com as planilhas preenchidas, foi realizada a parametrização do banco de dados no *Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas* (SGVCLin) – (Romano, Seabra, Oliveira, 2014) e a inserção dos dados no sistema para a geração de relatórios com totalizadores absolutos e porcentagens, possibilitando a criação das tabelas e gráficos utilizados na análise dos fatores de recorrência, regionalidade e variância.

Partindo desses relatórios, foi realizada uma análise descritiva dos fenômenos encontrados de forma quantitativa, demonstrando as ocorrências absolutas e

¹¹ Para os três estados da Região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), foram utilizados os dados do levantamento cedidos por Romano e Margotti.

regionalizadas, seguida de uma análise qualitativa, com os pressupostos para os fenômenos e hipóteses de ocorrências.

Baseando-se nas análises, foram elencados os tipos de cartas linguísticas a serem apresentadas, a saber: (i) carta monodimensional, com gráficos em formato de pizza, nas quais é possível observar as variantes documentadas em cada ponto; (ii) cartas de arealidade, nas quais se representam os espaços geográficos ocupados por determinada variante; e (iii) cartas de arealidade gradual, nas quais é possível observar a intensidade com que cada variante ocorre no espaço geográfico.

De acordo com Margotti (2002, p.3), “através de um mapa linguístico é possível visualizar, simultaneamente, as variantes linguísticas do fenômeno enfocado relativamente ao espaço geográfico estudado, o que vale dizer de todas as variedades dialetais de uma determinada área”. Assim, além de gerar as cartas descritas anteriormente para cada uma das variantes obtidas no estudo, foram geradas, quando necessário, cartas com combinações de variantes para demonstrar o comportamento conjunto e suas concomitâncias. Também foram realizadas análises qualitativas referentes ao comportamento georepresentativo de cada variante.

7) DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentam-se, neste capítulo, a descrição e a análise dos dados obtidos por meio de entrevistas realizadas in loco pela equipe do Projeto ALiB nas localidades que delimitam o subfalar sulista proposto por Nascente (1953) e reformulado por Romano (2015). Busca-se com esta análise, descrever de forma inédita, no que tange a essa extensa área geográfica, o comportamento da fala dos informantes em relação a dois fenômenos do português brasileiro: (i) o fenômeno fonético-fonológico da palatalização nas consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/; e (ii) o fenômeno morfossintático, especificamente o uso dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* na posição de sujeito. Para isso, primeiramente, demonstram-se os resultados obtidos referentes aos dados fonético-fonológicos e, posteriormente, os morfossintáticos; em seguida fez-se a análise comparativa dos resultados encontrados com vistas a delimitar áreas dialetais para as variáveis estudadas.

7.1) ANÁLISE DOS DADOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS

O Questionário Fonético-Fonológico (QFF) do ALiB é composto por 159 questões que possibilitam o estudo de diversos fenômenos fonético-fonológicos. No entanto, para este trabalho, como mencionado anteriormente, será estudado o fenômeno da palatalização de /t/ e /d/ diante das vogais /e/ e /i/. Para tanto, são analisadas 13 questões do QFF, a saber: 003) *prateleira*; 006) *tesoura*; 030) *tomate*; 049) *elefante*; 055) *noite*; 056) *dia*; 101) *advogado*; 104) *inocente*; 106) *mentira*; 116) *dente*; 126) *desmaio*; 131) *tio*; e 150) *perdida*.

É importante mencionar que as questões QFF 003 (*prateleira*), QFF 006 (*tesoura*), QFF 126 (*desmaio*) e QFF 101 (*advogado*), devido a suas características distintas dos padrões estabelecidos para os agrupamentos, foram analisadas separadamente.

Por fim, para complementar a análise dos dados, fez-se uso de cartas linguísticas e relatórios de produtividade das variantes, gerados com o *software* SGVCLin (2014), presentes no Volume 2 desta tese.

A análise inicia-se a partir das questões que tiveram seus resultados agrupados, seguindo os padrões definidos anteriormente.

7.2) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA TÔNICA INICIAL

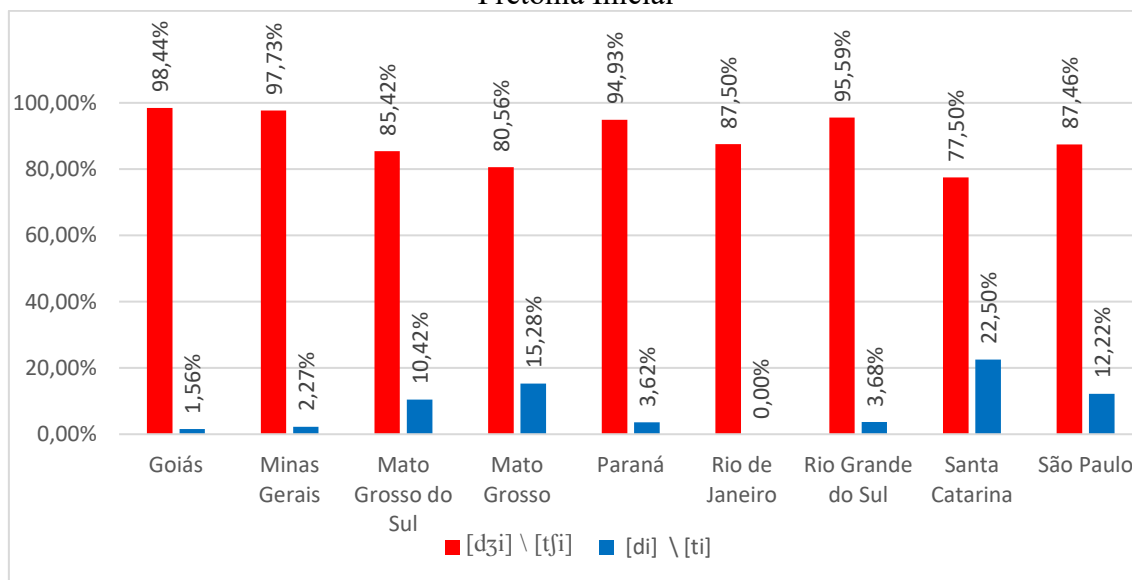
Para o fenômeno da palatalização na sílaba tônica inicial, serão utilizados os dados referentes às questões QFF 056 (dia) “E depois da noite, o que é que vem?” e QFF 131 (tio) “O que é que o irmão de seu pai ou de sua mãe é seu?”.

Conforme Relatório 3 (vol. 2), para essas questões, foram obtidas 953 respostas, sendo que as formas palatalizadas [tʃi] e [dʒi] predominam por toda a região do falar sulista, ocorrendo, respectivamente, em 46,48% e 43,44% do total de respostas. As variantes não palatalizadas [di] e [ti] foram registradas em 6,41% e 2,52% dos dados. O rótulo NO obteve baixa produtividade, somando apenas 1,15% do total computado.

Observando a Carta 3 (vol. 2), fica nítido que as formas palatalizadas [tʃi], em vermelho, e [dʒi], em azul, ocupam praticamente toda a região estudada. Em menor número, as formas [di] e [ti] possuem uma concentração maior na região centro-oeste do estado de São Paulo, sul de Mato Grosso e litoral norte do estado de Santa Catarina.

No Gráfico 1, observa-se que, no Mato Grosso do Sul, essas formas possuem índice quase similar a São Paulo, porém, na Carta 3 (vol. 2), verifica-se melhor a distribuição entre os pontos.

Gráfico 1 – Gráfico de Produtividade por Estados para Palatalização na Sílabas Pretônica Inicial



Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios 1a e 2a

A arealidade gradual de [tʃi] e [dʒi] estão demonstradas na Carta 3a (vol. 2), enquanto que a de [ti] e [di] pode ser observada na Carta 3b. As formas palatalizadas

predominaram em todo o Centro-Sul do Brasil, obtendo 100% de produtividade em diversos pontos do mapa: 103 (Aripuanã - MT), 126 (Quirinópolis - GO), 169 (Assis - SP), 210 (Umuarama - PR), 231 (Lages - SC), 241 (Santa Cruz do Sul - RS), entre outros. Já as variantes não palatalizadas, apesar de estarem presentes em algumas localidades, não se mostraram tão produtivas quanto as formas palatalizadas, que apareceram com menor força, sendo que apenas nos pontos 177 (Itapetininga - SP) e 182 (Capão Bonito - SP) obtiveram uma produtividade de quase 100%.

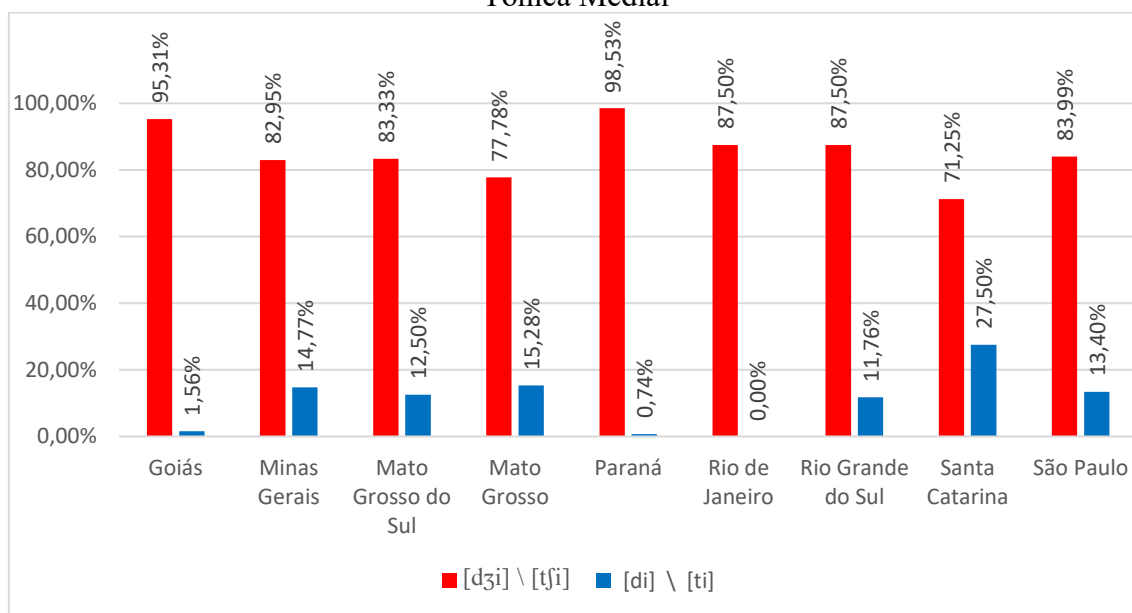
7.3) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA TÔNICA MEDIAL

O fenômeno da palatalização na sílaba tônica medial foi analisado por meio das questões QFF 106 (mentira) “Uma pessoa lhe conta um fato que você / o(a) senhor(a) acha que não é verdade. Você / o(a) senhor(a) diz que é uma _____?” e QFF 150 (perdida) “Quando não se acha uma coisa, a coisa fica _____?”.

O Relatório 6 (vol. 2) traz a produtividade das variantes para as questões mencionadas. Das 946 respostas, as formas palatalizadas [tʃi] e [dʒi] foram as mais produtivas, ocorrendo em 45,03% e 40,70% dos registros. Já as variantes não palatalizadas [di] e [ti] somaram, 7,29% e 4,44% do total computado, respectivamente. As respostas não obtidas (NO), por sua vez, ocorreram em 2,54% dos inquéritos.

A distribuição diatópica, representada na Carta 6 (vol. 2), refere-se ao agrupamento das questões *mentira* e *perdida*. Aqui, as variantes apresentam comportamento semelhante ao da questão anterior, sendo que as formas palatalizadas [tʃi], em vermelho, e [dʒi], em azul, predominam por todo o território analisado, sendo mais recorrentes em Goiás (95,31%) e no Paraná (98,53%). As formas não palatalizadas [ti] e [di] obtiveram maior produtividade nos estados de Minas Gerais (14,77%), Mato Grosso (15,28%) e Santa Catarina (27,50%), conforme demonstrado no Gráfico 2:

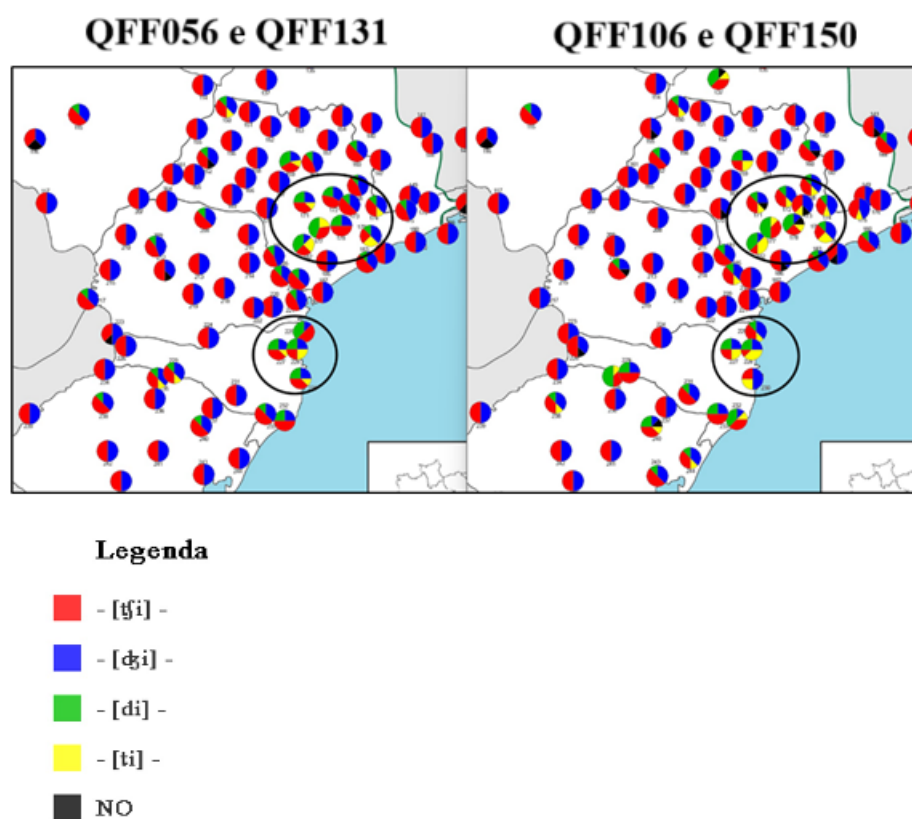
Gráfico 2 – Gráfico de Produtividade por Estado para Palatalização na Sílabas Tônica Medial



Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios 4a e 5a

É possível verificar a semelhança entre os agrupamentos das questões QFF 056 (dia) e QFF 131 (tio), apresentada anteriormente, com os dados deste agrupamento quando se comparam as concentrações das respostas referentes a [di] e [ti] em ambas as análises, segundo o exposto na Figura 24.

Figura 24 – Áreas comuns de [di] e [ti] – Regiões Sul e Sudeste

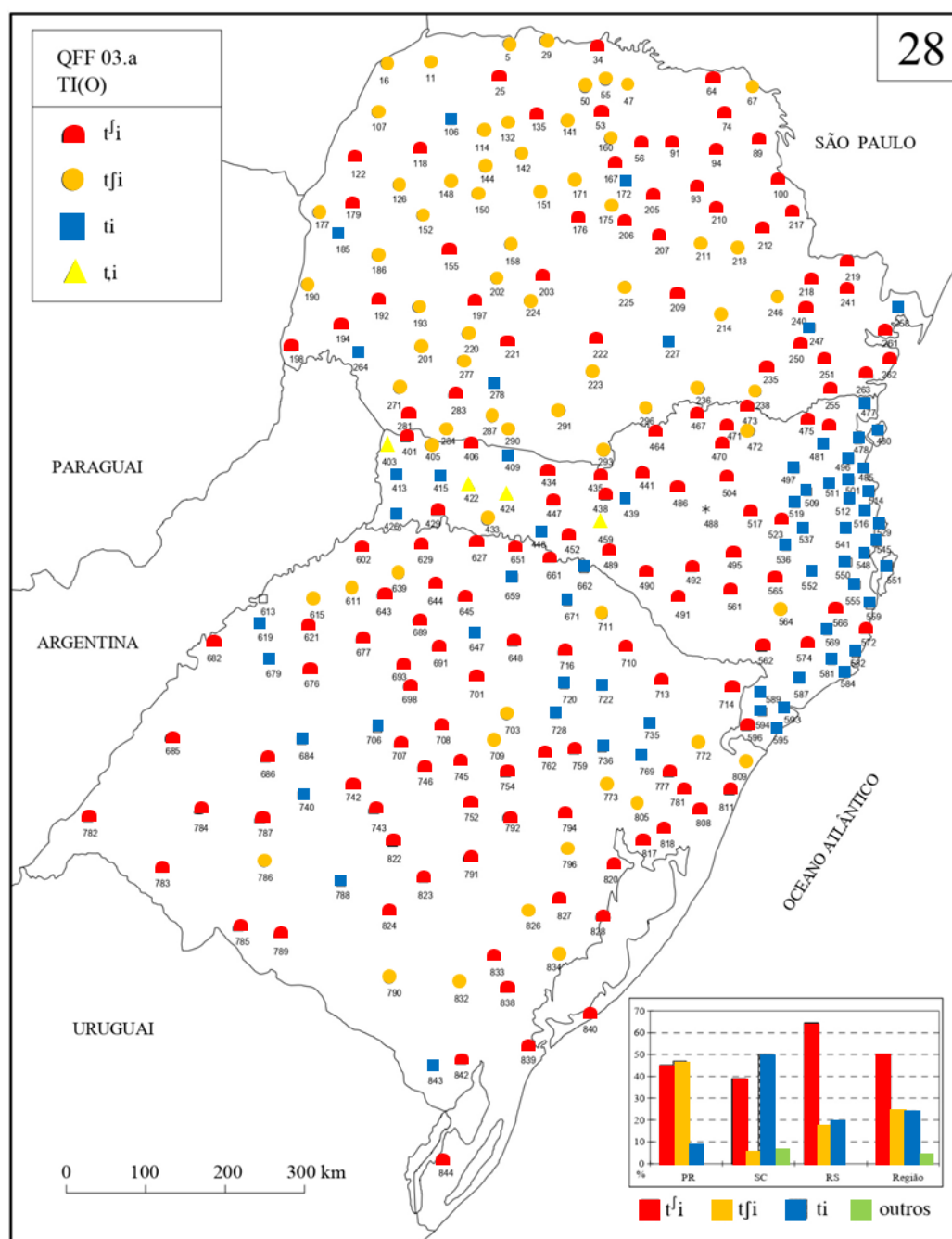


Fonte: Elaborado pela autora com base nas Cartas 3 e 6

Fica nítida a semelhança das áreas que compreendem o Centro-Oeste do estado de São Paulo e o litoral norte de Santa Catarina. Em ambas existe uma predominância nas respostas dos falantes para as formas não palatalizadas. Estudos realizados nas áreas de colonização açoriana, como no litoral catarinense, já demonstraram que a tendência à palatalização é menor, o que já havia sido documentado nos dados do ALERS (Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil, 2011), conforme mostra a Figura 25, onde é possível observar a grande predominância da forma não palatalizada para *tio* no litoral de Santa Catarina.

Figura 25 – Levantamento fonético-fonológico para a questão: “O que é seu o irmão de seu pai ou de sua mãe?”

ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

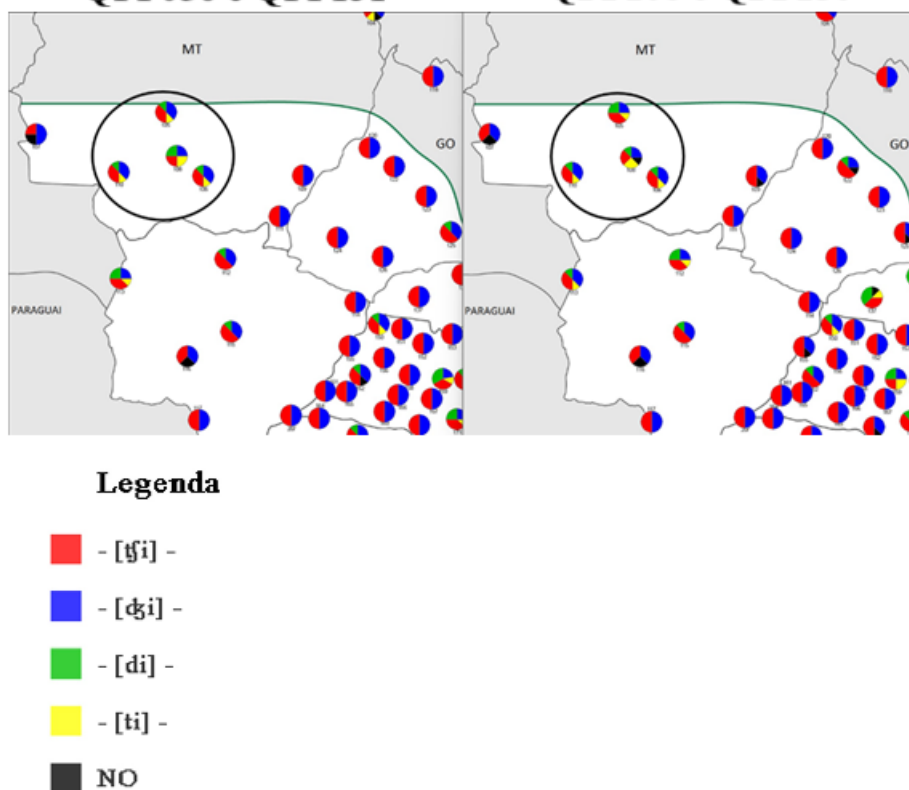


Fonte: ALERS (2011, p187) – adaptado

Vale observar que a carta apresentada traz os dados referente à palatalização, representados pelas cores vermelho, laranja e amarelo. Porém, neste estudo, a diferença entre as formas de palatalização não está sendo considerada, portanto, o comparativo referente à Figura 25 limita-se aos pontos onde ocorreram, ou não, a palatalização.

O mesmo ocorre para a região Centro-Sul do estado do Mato Grosso, como demonstrado na Figura 26.

Figura 26 - Áreas comuns de [di] e [ti] – Região Centro-Oeste
QFF056 e QFF131 QFF106 e QFF150



Fonte: Elaborado pela autora com base nas Cartas 3 e 6

Conforme exposto na Carta 6a (vol. 2), as formas palatalizadas [tʃi] e [dʒi] estão distribuídas por todas as localidades estudadas, aparecendo em todos os pontos e sendo 100% produtivas em 124 (Jataí - GO), 208 (Nova Londrina - PR), 246 (Caçapava do Sul - RS) etc. Por outro lado, as variantes não palatalizadas [ti] e [di] aparecem, no mapa, com menos intensidade, sendo mais produtivas nos pontos 135 (Uberlândia - MG), 177 (Itapetininga - SP), 182 (Capão Bonito - SP) e 235 (Erechim - RS). É importante mencionar que as formas não palatalizadas analisadas na Carta 3b também foram mais produtivas nos pontos 177 e 182, o que sugere uma preferência dos falantes dessas regiões pela não palatalização.

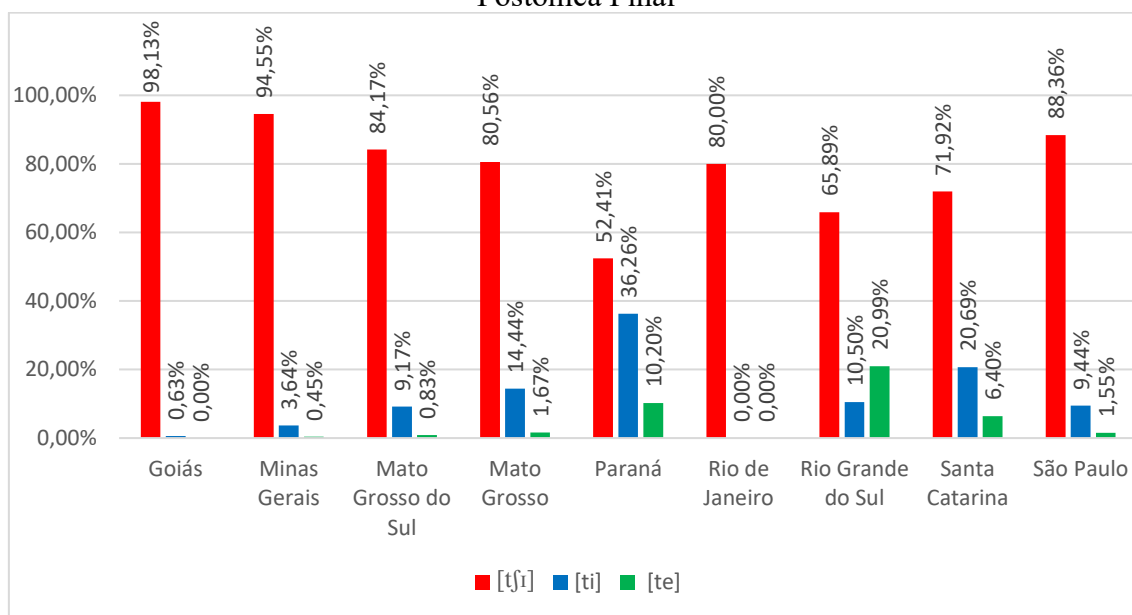
7.4) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA POSTÔNICA FINAL

Para analisar o fenômeno da palatalização na sílaba postônica final, foram agrupadas as seguintes questões QFF 030 (tomate) “aquilo vermelho que vende na feira e que se usa para preparar o molho do macarrão?”; QFF 049 (elefante) “um animal grande que sempre se vê em circo, tem uma tromba assim (*mímica*)?”; QFF 055 (noite) “Quando fica tudo escuro e as pessoas vão dormir é a _____?”; QFF 104 (inocente) “Quando um indivíduo é acusado, mas ele não praticou aquele crime, se diz que ele é o quê?”; e QFF 116 (dente) “E isto? *Apontar*”.

A produtividade das variantes referentes às questões do QFF cuja palatalização ocorre na sílaba postônica final está descrita no Relatório 15 (vol. 2). Do total de 2392 respostas, a forma palatalizada [tʃi] ocorreu em 78,72% dos dados, seguida das variantes não palatalizadas [ti] e [te], que obtiveram 13,59% e 5,77% dos resultados, respectivamente. Por fim, o rótulo NO ocorreu em apenas 1,92% das entrevistas.

Conforme exposto na Carta 12 (vol. 2), a distribuição diatópica referente ao agrupamento das questões *tomate*, *elefante*, *noite*, *inocente* e *dente* segue o mesmo padrão das questões apresentadas anteriormente, isto é, a forma palatalizada [tʃi], em vermelho, predomina por todo o território, porém, é mais recorrente nos estados de Goiás (98,13%), Minas Gerais (94,55%) e São Paulo (88,36%). Já a variante não palatalizada [ti], em azul, obteve maior produtividade no Paraná (36,26%) e em Santa Catarina (20,69%), enquanto que a forma [te], em verde, apareceu com mais frequência no Rio Grande do Sul (20,99%), no Paraná (10,20%) e em Santa Catarina (6,40%). Os percentuais para todos os estados podem ser conferidos na Gráfico 3:

Gráfico 3 – Gráfico de Produtividade por Estado para Palatalização na Sílabas Postônica Final



Fonte: Elaborado pela autora com base nos Relatórios 7a, 8a, 9a, 10a e 11a

A arealidade gradual das variantes [tʃi], [te] e [ti] pode ser observada nas Cartas 12a, 12b e 12c (vol. 2), respectivamente. A palatalização ocorreu com 100% de intensidade em diversos pontos do mapa: 109 (Barra do Garças - MT), 147 (Poços de Caldas MG), 157 (Ribeirão Preto - SP), 209 (Terra Boa - PR), 241 (Santa Cruz do Sul - RS), entre outros. A forma [te], apesar de ser produtiva em algumas localidades, não obteve 100% de produtividade em nenhum ponto, sendo mais recorrente nos pontos 239 (São Borja - RS) e 245 (Uruguaiana - RS). Já a variante [ti] apareceu com mais força nos pontos 213 (Cândido de Abreu - PR), 220 (Curitiba - PR) e 221 (Morretes - PR) e obteve uma extensão territorial maior em comparação a outra forma não palatalizada, conforme demonstrado nas Cartas 12e e 12f (vol. 2), mostrando a preferência na utilização da elevação vocálica de [e] pelos falantes, principalmente no centro-oeste e leste do estado do Paraná.

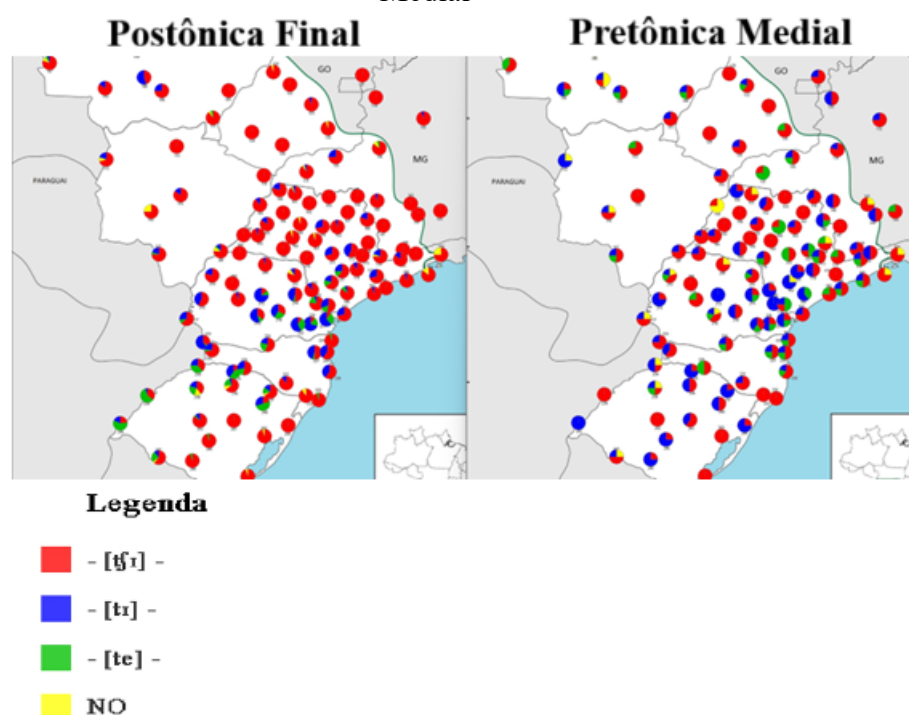
7.5) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA PRETÔNICA MEDIAL

Para o fenômeno da palatalização na sílaba pretônica medial, foi analisada a questão QFF 003 (prateleira) “aquilo assim (*mímica*), onde se colocam objetos em casa (latas de mantimentos na cozinha, enfeites na sala...) ou produtos para vender nos supermercados, mercearias, etc.?”.

O Relatório 13 (vol. 2) traz a produtividade das variantes para essa questão. Foram obtidas 489 respostas, sendo que a forma palatalizada [tʃi] predomina com 58,08%, seguida por [te] (27,40%) e [ti] (10,43%). O rótulo NO apresentou 4,09% do total de respostas.

A distribuição diatópica dos resultados apresentados na Carta 13 (vol. 2) exibe a ocupação de quase todo o território pela variante mais produtiva, em vermelho, porém, com uma concentração localizada no interior do estado de São Paulo e sul de Goiás. Guardadas as suas devidas proporções, essa distribuição assemelha-se ao que foi analisado no agrupamento da questão postônica final, como demonstra a Figura 27.

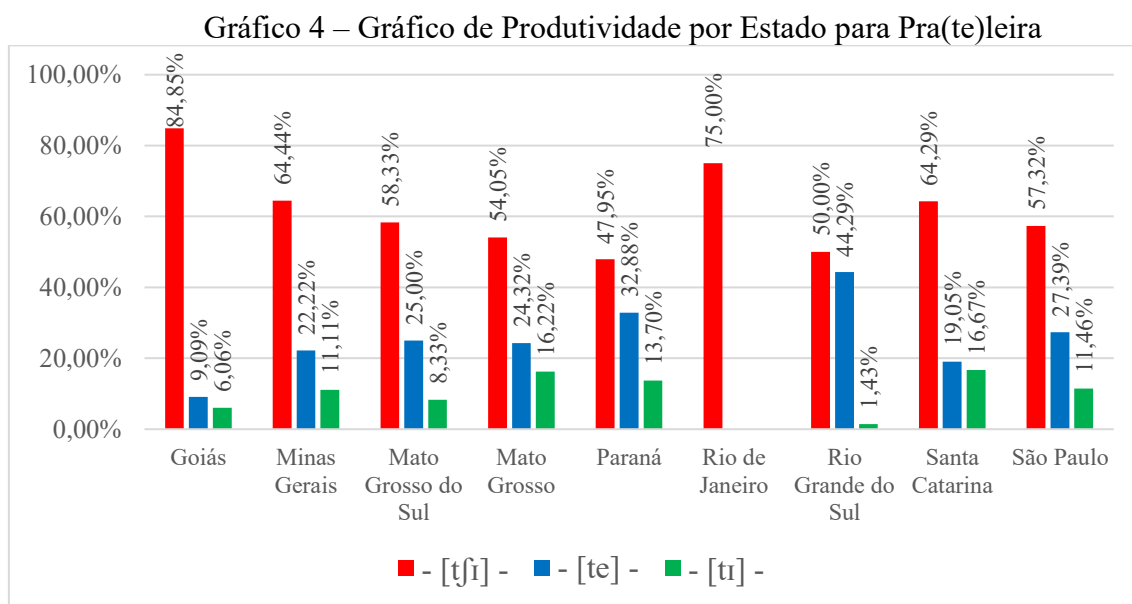
Figura 27 – Semelhança entre os agrupamentos Postônica Final e Pretônica Medial



Fonte: Elaborado pela autora com base nas Cartas 12 e 13

Pode-se notar a influência exercida pela posição da sílaba em relação à tendência à palatalização. Nos dados demonstrados para os léxicos com sílaba em posição postônica final, a incidência do fenômeno em vermelho é muito maior que os obtidos nas respostas relativas à *prateleira* (pretônica medial). Apesar de que a utilização da oclusiva alveolar desvozeada seguida da vogal média [e], em azul, tenha obtido o segundo maior índice na análise da pretônica medial com uma dispersão extensa pelo território, nos dados da postônica final, obteve apenas o terceiro lugar na porcentagem de escolha e a distribuição diatópica ficou mais concentrada nos estados do Paraná e Santa Catarina.

Individualmente o estado de Goiás (84,85%) foi onde ocorreu em maior número a palatalização referente à pretônica medial, seguido de Minas Gerais (64,44%) e Santa Catarina (64,29%). O Rio Grande do Sul (44,29%) foi o estado com a maior produtividade da forma não palatalizada [te], em azul. Já Santa Catarina (17,67%), seguida do Mato Grosso (16,22%), obtiveram os maiores resultados em relação à elevação vocálica [ti], em verde. O exposto detalhado pode ser observado no Gráfico 4.



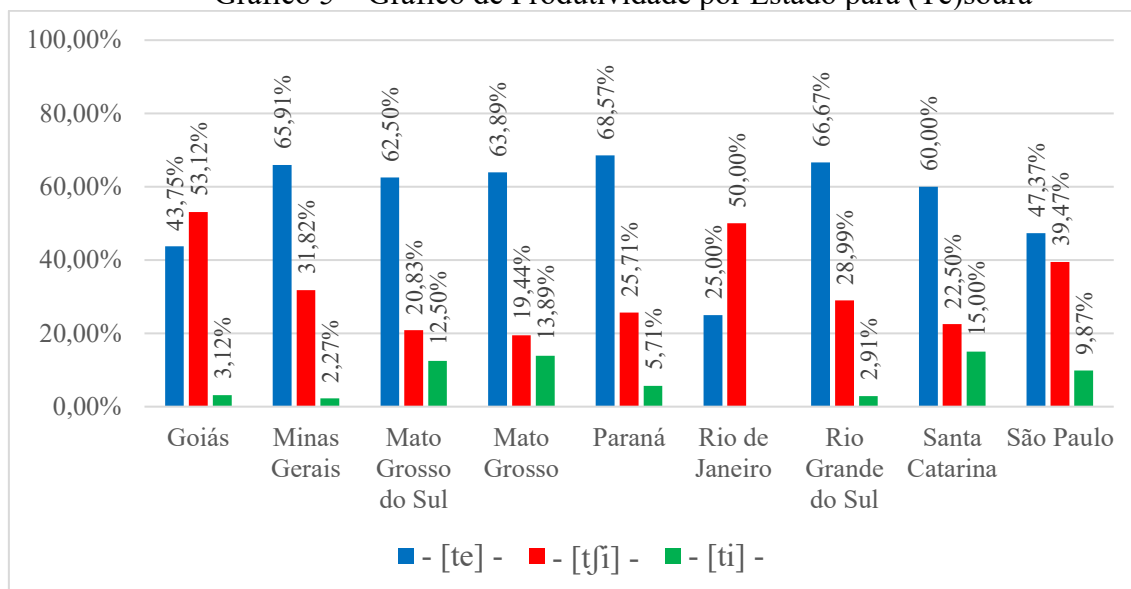
Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório 13a

7.6) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA PRETÔNICA INICIAL

A análise dos dados referente à palatalização na sílaba pretônica inicial será feita inicialmente pela QFF 006 (tesoura) “o objeto com que se corta o tecido?”. Conforme o Relatório 14 (vol. 2), a forma não palatalizada obteve maior índice de resposta, com 57,47% do total das 475 ocorrências. Já a forma [tʃi] teve o percentual de 32,42% dos dados, enquanto que [ti] apenas 7,79%. Também foram registrados 2,32% de respostas não obtidas, representadas por NO.

Na Carta 14 (vol. 2) é possível observar que a concentração da forma mais recorrente [te], em vermelho, se limita aos três estados da Região Sul, em que em apenas alguns pontos isolados não obteve mais da metade das respostas dos informantes. Já no estado de São Paulo, é visível a concorrência entre as duas formas, palatalizada [tʃi], em azul, e a não palatalizada, como demonstrado no Gráfico 5.

Gráfico 5 – Gráfico de Produtividade por Estado para (Te)soura



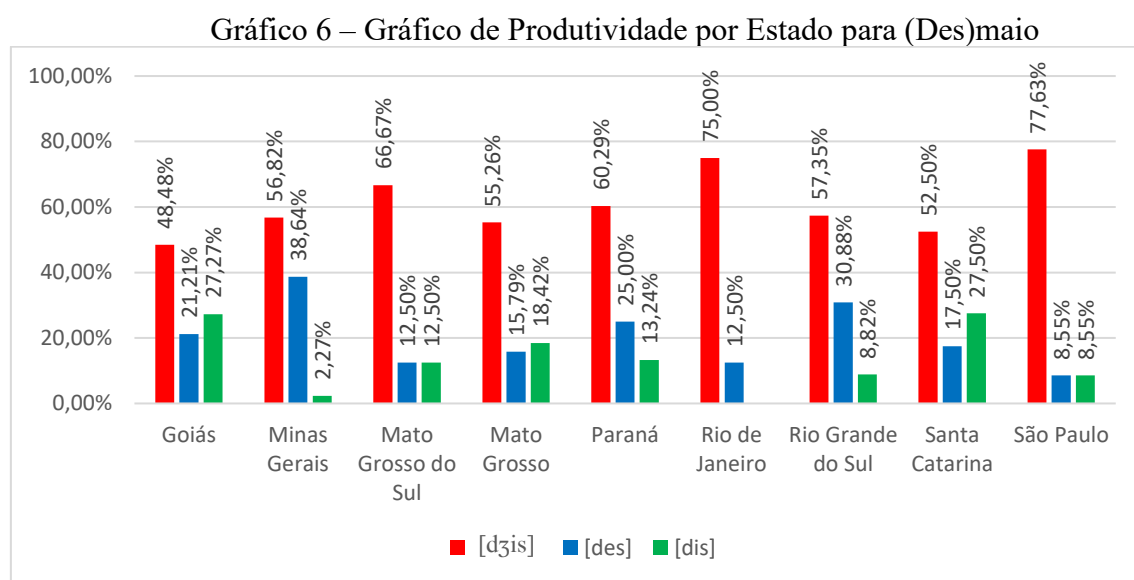
Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório 14a

Dos oito estados analisados, seis tiveram um índice acima dos 60% para a forma não palatalizada, sendo o Paraná, Rio Grande do Sul e Minas Gerais os com maior incidência, respectivamente. Como já mencionado, em São Paulo, as duas variantes ocorrem com índices similares comparados a outros estados, o mesmo também se aplica ao estado de Goiás.

Uma das possíveis explicações para o verbete *tesoura* ter apresentado um resultado que destoa dos outros analisados é a qualidade vocálica do segmento seguinte. Apesar de [e] ser uma vogal anterior e palatalizante em alguns contextos, não provoca palatalização do /t/ com a mesma intensidade que [i], ou seja, se o falante não realizar o içamento vocálico, sua tendência é de não palatalizar o [t] neste vocábulo. Outra possível explicação está relacionada à influência do /s/ pós-vocálico, visto que, em *tesoura*, o /s/ está em posição intervocálica, preservando o som de /s/ ou /z/, o que não induz a palatalização.

A segunda questão com palatalização na sílaba pretônica inicial é QFF 126 (desmaio): “Quando uma pessoa se sente mal, a vista fica turva, ela vai caindo no chão, sem sentidos, o que é que se diz que ela teve?”. Para tal, foram obtidas 475 ocorrências, demonstradas no Relatório 15 (vol. 2). Dessas ocorrências, 63,79% foram da forma palatalizada [dʒis], já a forma [des] registrou apenas 19,37% e [dis], 12,42%. Já 4,42% dos dados foram de respostas não obtidas (NO).

Na Carta 15 (vol. 2) observa-se que mesmo em menor número, [des], em azul, possui uma maior concentração nos estados da Região Sul, ao passo que [dʒis] tem uma maior concentração no estado de São Paulo, em que obteve em vários pontos a totalidade das respostas dos informantes. Já o estado de Mato Grosso apresentou a maior diversidade de respostas. No Gráfico 6, é possível observar mais detalhadamente esses resultados:



Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório 15^a

Nos dados individuais por estado, São Paulo foi o que obteve a maior incidência de palatalização (77,63%), seguido do Mato Grosso do Sul, com 66,67%. Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraná foram os que tiveram as maiores porcentagens referentes à forma não palatalizada [des], registrando 38,64%, 30,88% e 25%, respectivamente. Já Santa Catarina se difere dos dois outros estados do sul, apresentando 27,50% para a variante [dis] em comparação aos 17,50% de [des]. Na Carta 15^a (vol. 2), é nítida a maior concentração do uso da forma palatalizada de *desmaio* no estado de São Paulo, principalmente no litoral sul, ao norte, na divisa com Minas Gerais, e no entorno da capital. Outros pontos de grande concentração estão dispersos em Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul.

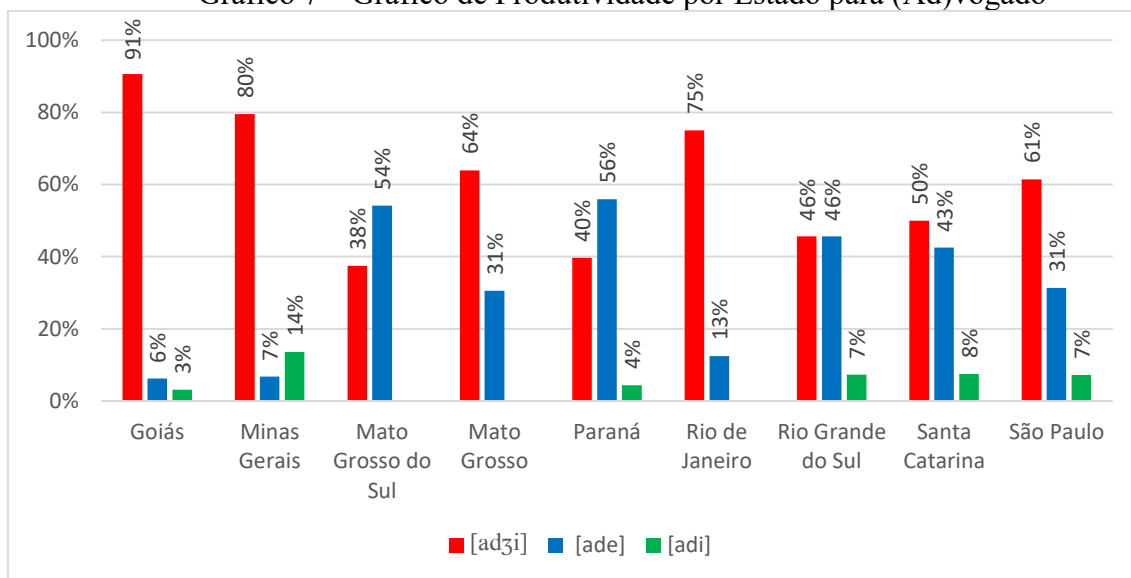
7.7) PALATALIZAÇÃO NA SÍLABA PRETÔNICA COM EPÊTESE VOCÁLICA

O fenômeno da palatalização na sílaba pretônica com epêtese vocálica foi analisado por meio da questão QFF 101 (advogado): “Que profissional se pode contratar para defender os interesses na justiça?”

Conforme os dados apresentados no Relatório 16, para essa questão, foram computadas 473 respostas em que foi registrado de forma categórica o emprego da epêtese vocálica com a inserção de vogais suarabáticas para desfazer o encontro consonantal impróprio. Dessa forma, foram geradas três variantes distintas, sendo que a forma palatalizada [adʒi] em que ocorre a inserção da vogal alta [i], adicionando o gatilho para palatalização, obteve um pouco mais da metade dos registros, totalizando 57,93% do valor total. Em segundo lugar, com 34,67% dos resultados, apareceu a variante com a epêtese da vogal suarabática média [e] e a não realização do fenômeno. Por fim, a variante também não palatalizada [adi] obteve 6,13% do total computado. O rótulo para respostas não obtidas (NO) foi pouco frequente, obtendo apenas 1,27% dos registros.

Pode-se observar na Carta 16 (vol. 2) que a variante palatalizada [adʒi], em vermelho, apesar de ser a mais produtiva, ocorreu com mais frequência nos estados de Goiás (90,62%), Minas Gerais (79,55%), Mato Grosso (63,89%) e São Paulo (61,44%). A forma não palatalizada com epêtese [ade], em azul, por sua vez, também foi bastante produtiva, predominando no Paraná (55,88%), Mato Grosso do Sul (54,17%), Rio Grande do Sul (45,59%) e em Santa Catarina (42,50%). Por fim, a forma não palatalizada [adi], em verde, ocorreu com menos frequência em toda a região analisada, sendo mais recorrente em Minas Gerais (13,64%) e não aparecendo nenhuma vez nos estados do Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Rio de Janeiro, conforme detalhamento do Gráfico 7.

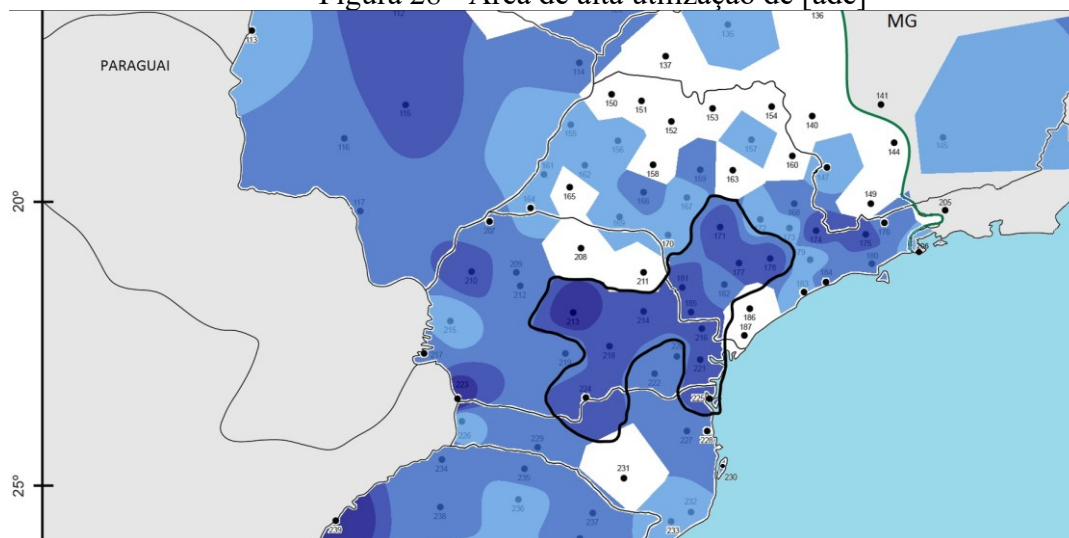
Gráfico 7 – Gráfico de Produtividade por Estado para (Ad)vogado



Fonte: Elaborado pela autora com base no Relatório 16a

As Cartas 16a, 16b e 16c trazem a arealidade gradual das variantes, respectivamente. A forma [ad3i] obteve 100% de produtividade em diversas localidades: 111 (Alto Araguaia - GO), 118 (Porangatu - GO), 125 (Catalão - GO), 152 (São José do Rio Preto - SP), 208 (Londrina - PR), entre outros. A variante [ade], por outro lado, obteve 100% de produtividade em apenas três pontos: 213 (Cândido de Abreu - PR), 223 (Barracão - PR) e 239 (São Borja - RS). Para essa variante, é possível observar uma área quase contínua, com frequência de utilização similar que se estende do centro-oeste de São Paulo até o centro-oeste do estado do Paraná, envolvendo a região costeira deste último, conforme detalhado na Figura 28.

Figura 28 - Área de alta utilização de [ade]



Fonte: Elaborado pela autora com base na Carta 16b

Já a forma [adi] não obteve 100% de produtividade em nenhuma localidade, sendo que apenas no ponto 137 (Campina Verde - MG) ocorreu na resposta de três dos quatro informantes.

Por fim, em todas as análises realizadas, os dados referentes ao estado do Rio de Janeiro não foram considerados, mesmo que exibidos, devido à baixa incidência de pontos que poderiam gerar distorções na interpretação dos dados.

Os dados aqui descritos referentes ao fenômeno fonético-fonológico da palatalização na região compreendida como *falar sulista* proposto por Nascentes (1953) e reformulado por Romano (2015) evidenciam que a proposta de Nascentes em relação ao *falar sulista* não se sustenta devido à heterogeneidade dos dados. Apesar da predominância da palatalização realizada pelos falantes, fenômeno comum no PB, é referente às formas não palatalizadas que pode-se estabelecer distinções de áreas de comportamento de fala. Conforme identificado por Romano (2015), existem subáreas de falares distintos dentro do que é compreendido como falar sulista.

A seguir, serão realizadas as análises referentes aos dados obtidos no questionário morfossintático.

7.8) ANÁLISE DOS DADOS MORFOSSINTÁTICOS

O Questionário Morfossintático (QMS), do ALiB, é composto por 49 questões dentre as quais 10 são relativas ao uso de pronomes. Quanto aos pronomes pessoais, a questão 024 tem como objetivo registrar a utilização de *tu/você* na função de sujeito: “quando se vê um

amigo com uma mala e se quer saber para onde ele vai, como é que se pergunta?”. Foi utilizada como variável dependente a *forma escolhida pelo falante ao se dirigir à segunda pessoa* do discurso, considerando pelo enunciado da pergunta, que o tipo de relação do interlocutor com a segunda pessoa do discurso é simétrica (*status* de igual para igual ou com valor afetivo), explicitado por *quando se vê um amigo...*

Obtiveram-se 514 registros da fala de 472 informantes. A excedência dos registros se deve à consideração de até cinco ocorrências entre as escolhas dos pronomes nas respostas, a exemplo da fala da informante a seguir¹²:

INF.- Vai viajá? (nulo, verbo na 3ª pessoa)

INQ.- Não... mas... se dirija ao seu amigo... faz de conta que você está na frente dele... como é que você pergunta pra ele? Oh...

INF.- Onde você vai com essa mala? (você, verbo na 3ª pessoa)

Os dados apresentaram sete variantes de escolha da utilização do pronome como sujeito para se referir à segunda pessoa do discurso, sendo elas: *você* e suas alterações *ocê* e *cê*, com o verbo na terceira pessoa; *tu* com o verbo na segunda e na terceira pessoa; e o sujeito nulo (0), também com o verbo na segunda e terceira pessoa. Apenas em dois casos foram registradas ocorrências como não obtidas: a primeira na fala do informante 3, no ponto 184 (Santos), e a segunda foi registrada nos dados do informante 3, ponto 206 (Parati), o que se deve ao fato de o inquiridor, por algum motivo, ter deixado de formular a pergunta. O número de ocorrências para cada variante está demonstrado no Relatório 17 (vol. 2).

A variante mais produtiva foi *você* e sob ela estão agrupadas as suas variantes *ocê* e *cê*, com verbo na terceira pessoa, com 65% do total de registros. O agrupamento das variantes *tu*, com verbo na segunda e terceira pessoa totalizaram 11%.

Um dado que chama a atenção é o agrupamento do *pronome nulo* (zero pronominal) com verbo na segunda e terceira pessoa (23%). A omissão do pronome, nesses casos, pode ser baseada em duas hipóteses: a primeira pode ser justificada pelo que afirmam Abreu e Mercer (1988) em que, na insegurança quanto à utilização das formas socialmente marcadas (formal ou informal), o interlocutor opta por suprimi-las, e a segunda vem da identificação da segunda pessoa do discurso na formulação da pergunta pelo inquiridor (um amigo) gerando uma tendência ao apagamento do pronome pelo interlocutor. No intuito de verificar se a hipótese da escolha pelo *pronome nulo* por parte

¹² Informante 2 do ponto 124 (Mulher, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Jataí/GO). Siglas: INF. (informante) e INQ. (inquiridor/a).

dos interlocutores, que realizaram alternância com uma das formas *tu/você* e suas alterações, tenha gerado alguma distorção nos dados, realizou-se uma segunda rodada de análise em que foram consideradas apenas as respostas em que o falante optou somente pelo *pronome nulo* e/ou nos casos em que utilizou o *pronome nulo* e alternou com outra forma. O *pronome nulo* foi desconsiderado, como no exemplo dos dados do informante abaixo,¹³ em cuja primeira resposta, ele utilizou o *pronome nulo* e, na sequência, realizou a alternância com o pronome *você*:

INQ.- Por exemplo, você vê um amigo seu com uma mala né, e quer saber onde ele vai, como você perguntaria pra ele?

INF.- Vai viajar?

INQ.- Como?

INF.- Vai viajar? Aonde que você vai? Tá indo pra onde?

Para estes casos, foram consideradas apenas as formas de alternância do *pronome nulo*. Neste caso específico, cabe a ressalva, contudo, que o inquiridor utilizou o pronome *você* na formulação da questão, que de algum modo pode ter influenciado também na resposta do informante. Porém, não foram identificadas alterações significativas que corroborassem a hipótese, conforme exposto na Figura 29.

Figura 29 - Comparativo das variantes para a questão 24 do QMS nos dados da Região Sulista de Nascentes, considerando apenas as alternâncias

Variantes	Todos os Registros		Apenas Alternâncias	
	Número de ocorrência	Porcentagem	Número de ocorrência	Porcentagem
cê (verbo na 3ª pessoa)/ ocê (verbo na 3ª pessoa)/ você (verbo na 3ª pessoa)	336	65%	336	68%
0 (verbo na 2ª pessoa)/ 0 (verbo na 3ª pessoa)	122	24%	100	20%
tu (verbo na 2ª pessoa)/ tu (verbo na 3ª pessoa)	54	11%	54	11%

¹³ Informante 1 do ponto 113 (Homem, faixa etária I: 18 a 30 anos, de Corumbá/MS).

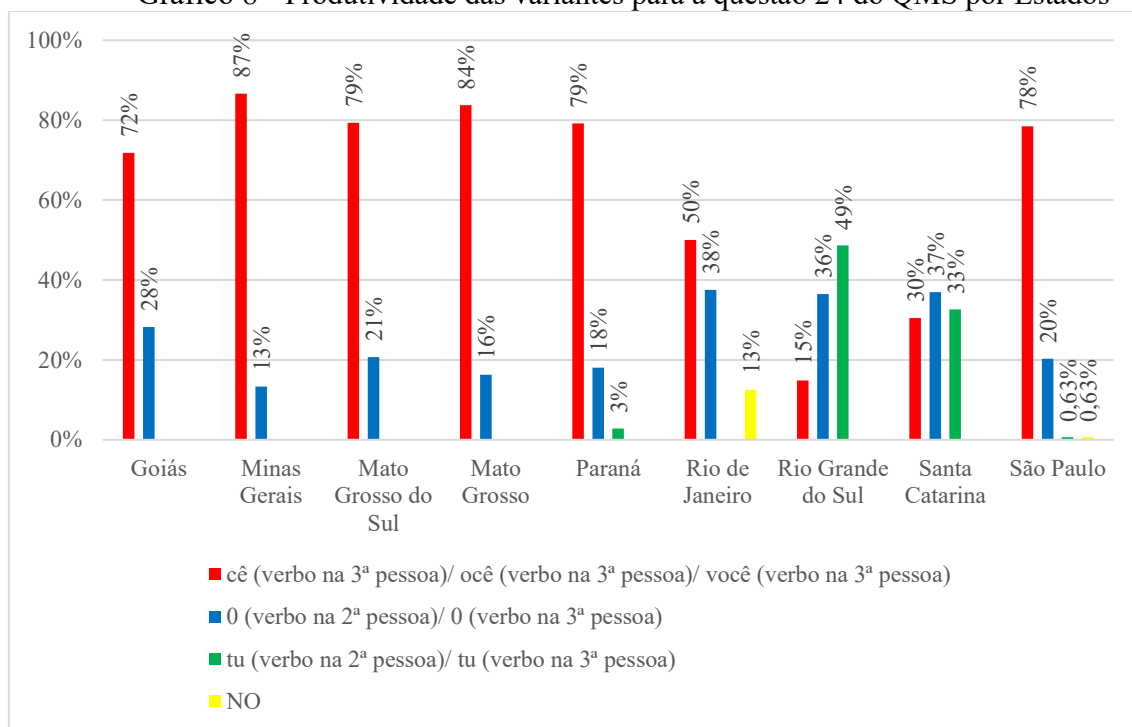
não obtida	2	0,39%	2	0,41%
Total	514		492	

Fonte: Elaborada pela autora, com base nos dados do Projeto ALiB.

Dessa forma, optou-se pela utilização de todos os registros para a conclusão das análises.

Conforme Relatório 17, os 514 registros estão distribuídos, na região analisada, da seguinte maneira: 39 ocorrências de *cê*, *ocê* e *você* em Goiás, 45 em Minas Gerais, 29 no Mato Grosso do Sul, 43 no Mato Grosso, 72 no Paraná, oito no Rio de Janeiro, 74 no Rio Grande do Sul, 46 em Santa Catarina e 158 em São Paulo. O Gráfico 8 apresenta os dados percentuais das variantes em cada um dos nove estados analisados neste estudo.

Gráfico 8 - Produtividade das variantes para a questão 24 do QMS por Estados



Fonte: Elaborada pela autora, com base no Relatório 17a

Conforme exposto no Gráfico 8, a variante *você*, em vermelho, aparece em todos os estados, sendo mais recorrente em Minas Gerais, com 87% dos dados, e menos recorrente no Rio Grande do Sul, com 15% dos registros. O *pronome nulo* (zero pronominal), em azul, também consta nos dados de todos os estados, sendo mais comum em Santa Catarina, com 37% dos registros, e menos comum em Minas Gerais, com 13% das respostas. A variante *tu*, em verde, apareceu em quatro dos nove estados, obtendo

maior produtividade no Rio Grande do Sul, com 49% das respostas, e apenas 0,63% dos dados, em São Paulo.

Para melhorar a compreensão e o entendimento da disposição geográfica das variantes, foram elaboradas as cartas de arealidade. A Carta 17d (vol. 2) demonstra o domínio da variante *você* e suas alterações na região do Falar Sulista. Na carta, fica nítida a predominância geográfica da variante *você* e suas variações, presente em todos os estados analisados, exceto em três pontos de Santa Catarina e em grande parte do Rio Grande do Sul. Em sua maioria, os falantes optaram ora pela utilização de *cê*, ora pela variante *você*, representada pela cor azul.

Caracterizada como uma variante já empregada desde a colonização, conforme Faraco (2017), ainda não pode ser considerada de uso categórico. Porém, vale salientar que, apesar de não constar como pronome sujeito para designar a segunda pessoa do discurso por gramáticas tradicionais, a extensão de sua utilização pelos falantes não pode ser ignorada.

Sendo assim, pode-se considerar a hipótese de que a designação da escolha pelo pronome *tu* possivelmente não é uma característica marcante do linguajar sulista e que, aparentemente, a variante *você* pode vir a se tornar uma escolha que não caracterize apenas um dialeto, mas sim uma escolha de preferência do português brasileiro. Na Carta 17a (vol. 2), observa-se a frequência da variante *você* e suas alterações por meio da carta de arealidade gradual. A intensidade de uso da variante *você* (*ocê* e *cê*) é maior nos estados que compõem a Região Sudeste e Centro-Oeste. Em Santa Catarina, é possível observar uma área de equivalência desigual, pois existem áreas de nenhuma utilização da variante *tu*, mescladas com áreas de alta intensidade, ou seja, o estado seria a área de expansão gradual da variante advinda das regiões com hábito de utilização do *você*. Isso pode ser explicado inicialmente pela produção de material didático realizado no eixo Rio-São Paulo e a influência midiática, como rádio e televisão. Já o Rio Grande do Sul é o estado que ainda preserva mais a utilização da forma pronominal *tu*.

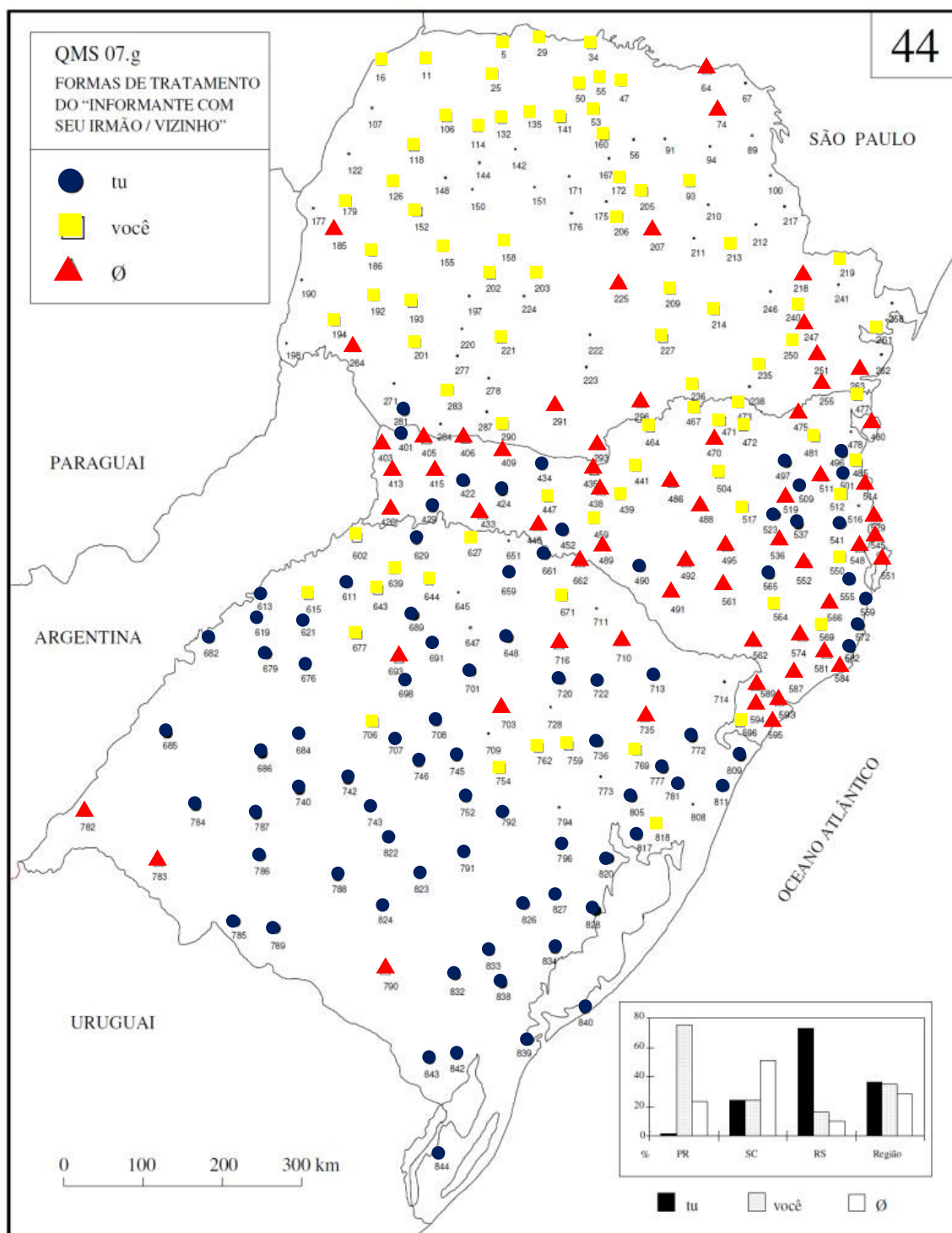
Para compreender melhor a restrição da escolha das variantes de *tu* (verbos na 2ª e 3ª pessoa) foi gerada a Carta 17f (vol. 2). Apesar de apresentar três pontos distantes do Rio Grande do Sul, nos quais foram registradas escolhas pela forma *tu*, foca-se, aqui, na área de maior predominância, considerando a fala dos informantes dos pontos 180 (Caraguatatuba), 215 (Toledo) e 217 (São Miguel do Iguaçu) como fenômenos isolados. O mapa revela que a distribuição areal do pronome *tu* compreende praticamente todo o Rio Grande do Sul, desde o Litoral até o Meio Oeste Catarinense. Um ponto importante,

que pode ser observado na carta, corresponde ao emprego em maior número e extensão da variante *tu* com a conjugação verbal em discordância. Levando em consideração a característica e a metodologia deste estudo, existe uma dificuldade na identificação do porquê esse fenômeno acontece. Acredita-se que, para essa identificação, um estudo mais aprofundado faz-se necessário, o que extrapolaria o escopo de pesquisa aqui proposto.

Comparando o uso dos pronomes *tu/você*, pode-se observar que existe uma sobreposição de preferências dos falantes por uma das formas, principalmente no estado de Santa Catarina, conforme a Carta 17h (vol. 2).

Em um comparativo, observa-se que o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS, 2011a), em seus estudos, já havia verificado essa área de interinfluências em Santa Catarina, conforme exposto na Figura 30.

Figura 30 - Levantamento dos pronomes *tu* e *você* no tratamento do informante com seu irmão ou vizinho.
ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)



Fonte: ALERS (2011, p. 401) - adaptado.

Para uma melhor visualização, os pontos correspondentes às ocorrências do pronome *tu* foram representados pela cor azul, *você*, de amarelo, e o pronome nulo, de vermelho. A Figura 37 demonstra que, no estado de Santa Catarina, ocorre a maior

heterogeneidade quanto ao uso do pronome, ainda que o *pronome nulo* represente a maioria dos dados levantados pelo ALERS para esse estado. A diversidade de escolhas em relação ao pronome no estado catarinense pode ser atribuída a este por ser um espaço de transição, como apontado por Romano e Margotti (2016). Já a omissão do pronome na fala dos moradores deste estado também está ligada a essa condição de área transicional, onde o falante omite o pronome devido a dúvida de qual forma ser utilizada. Na Carta 17c (vol. 2), pode-se observar a intensidade do pronome *tu* nessa região.

A maior faixa de intensidade, observada na Carta 17c, inicia-se no Litoral Sul de Santa Catarina e se estende por toda a costa até a divisa com o Uruguai. Isso pode ser atribuído ao resquício da colonização dessa área. Historicamente, o Litoral Catarinense e o gaúcho foram ocupados, em sua maioria, por imigrantes oriundos do arquipélago de açores e, conforme Loregian (1996), os descendentes destes colonos possuem uma preferência à utilização da forma pronominal *tu*.

Outro dado interessante que se pode observar, relacionado ao pronome *tu*, é que, em sua maioria, as respostas dos entrevistados estão com sua conjugação do verbo na 3ª pessoa. Esse emprego da conjugação do verbo pode ser atribuído a uma hipótese formulada por Menon (1995, p. 97):

A minha hipótese é a de que os falantes “interiorizaram” a forma verbal com morfema *ø* como marca de segunda pessoa e a variação recai simplesmente no uso do pronome. Assim, no paradigma verbal já teria havido a mudança de forma e a variação continuaria a existir a nível de escolha – determinada pelo dialeto que o falante utiliza – entre dois pronomes possíveis: *tu* ou *você*.

Tomando essa hipótese como base e considerando as análises realizadas até o momento, é possível inferir que o emprego do pronome *tu*, como referência à segunda pessoa do discurso, assim como sua forma verbal de concordância de segunda pessoa, possa estar indicando sinais de um possível declínio no uso. Assim como aconteceu com *vós*, que acabou se tornando, de certo modo, arcaico na sua utilização, sendo substituído por *vocês* ou outras formas de tratamento. A comprovação da veracidade dessa hipótese depende de estudos futuros, que podem levar a uma reestruturação global dos quadros pronominais das gramáticas tradicionais.

Após essas inferências, faz-se necessário demonstrar o uso do *pronome nulo* (zero pronominal), com verbo tanto na segunda como na terceira pessoa. Para tal foi elaborada a carta de arealidade, conforme Carta 17e (vol. 2).

Como mencionado anteriormente, as supressões da forma pronominal podem ter sido ocasionadas pelo contexto da pergunta realizada pelo inquiridor ou a incerteza do falante perante a escolha de qual forma utilizar. Observando a Carta 17e (vol. 2), nota-se que esse fenômeno está presente em quase toda a área analisada, porém existe uma extensa faixa que parte do sentido sul do triângulo mineiro, passando pelo oeste do estado de São Paulo, sul de Mato Grosso do Sul e noroeste do Paraná e mais um ramo adentrando o nordeste do estado de São Paulo onde o fenômeno está ausente. Destacam-se como eventos isolados o ponto 277 (Blumenau-SC), em vermelho, em que a segunda resposta da informante 4 foi a escolha do *pronome nulo* com o verbo na 2ª pessoa. Em verde, estão os pontos em que foram produzidas ambas as variantes, são eles: 178 (Sorocaba - SP), 228 (Itajaí - SC) e 229 (Concórdia - SC). A frequência do uso pelos falantes do *pronome nulo* está exposta na Carta 17b (vol. 2).

Observa-se, que a intensidade da frequência com que os falantes optaram pelo *pronome nulo* está bem esparsa. Porém, a região central do estado do Rio Grande do Sul apresentou, em cinco pontos, grande produtividade desse fenômeno. A omissão do pronome por parte do informante pode levantar a questão: *será que a escolha pelo morfema $\emptyset$ indica uma predileção do falante a utilizar o pronome você?*

Para responder a essa pergunta, seria necessária uma análise mais aprofundada e também uma base de dados maior, visto que, em muitos casos, os falantes utilizaram a conjugação verbal para 3ª pessoa do singular, precedida do pronome *tu*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a tradicional noção de um "falar sulista" homogêneo, proposto por Nascentes (1953), não se sustenta diante da complexidade geolinguística revelada pelos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e por outros estudos, tanto geolinguísticos quanto sociolinguísticos. A análise integrada de fenômenos fonéticos e morfossintáticos demonstra que a região compreendida entre São Paulo e o Rio Grande do Sul constitui, na realidade, uma mistura dialetal dinâmica, onde padrões linguísticos distintos coexistem e se sobrepõem. Essa configuração reflete processos históricos profundos - desde as bandeiras, as disputas entre portugueses e espanhóis pela definição das fronteiras territoriais, as rotas dos tropeiros até os fluxos migratórios do século XIX - que moldaram de maneiras distintas o perfil linguístico de cada sub-região.

Isso posto, retomam-se agora as perguntas de pesquisa que guiaram este estudo:

1) Os dados do ALiB referentes às variáveis controladas nesta pesquisa corroboram a heterogeneidade dialetal na região do subfalar sulista?

De acordo com diversas pesquisas dialetológicas (Koch, 2000; Altenhofen, 2002; ALERS, 2011; Margotti, 2004; Romano, 2015, entre outras), na região do subfalar sulista proposta por Nascentes (1953), há diversas áreas dialetais ou subfalares, razão por que a tese de Nascentes já não se sustenta, ao menos como área homogênea. Os dados do Projeto ALiB corroboram plenamente a heterogeneidade dialetal na região. Enquanto áreas como o Rio Grande do Sul e o litoral catarinense preservam traços conservadores, o interior paulista e sul mineiro exibem inovações fonéticas que os aproximam do dialeto "paulista". Essa variação reflete rotas históricas distintas: o tropeirismo, por exemplo, levou traços linguísticos do Sul para o Sudeste e Centro-Oeste (Romano, 2015), enquanto a colonização açoriana, no litoral, introduziu arcaísmos portugueses (Loregian, 1996).

2) As variantes fonéticas atestam as áreas dialetais eventualmente apontadas por outros estudos realizados sobre variantes lexicais?

Também a variação fonético-fonológica na Região Sul (ALERS, 2011; Margotti, 2004; Monareto, 2009; Bassi, 2016, entre outros) aponta a existência de subfalares diversos, principalmente relacionados aos contatos com línguas e variedades linguísticas

de imigração (português açoriano, italiano, alemão, polonês, entre outras) e com a língua hispânica em áreas fronteiriças. A distribuição geográfica da palatalização de /t/ e /d/, por exemplo, não segue um padrão uniforme, apresentando áreas de maior e menor ocorrência. Essa distribuição geográfica não coincide inteiramente com as divisões lexicais tradicionais, sugerindo que os processos de mudança fonética seguem dinâmicas próprias.

3) As variantes morfossintáticas validam a formação de áreas dialetais sobrepostas às áreas indicadas pelas variantes lexicais e fonéticas?

Estudos sobre o uso de *tu* e *você* como sujeito no espaço geográfico do falar sulista de Nascentes (Rocha, 2020; Coelho, 2019; Romano e Margotti, 2016, entre outros) indicam ao menos três cenários distintos: *tu* tem uso predominante no Rio Grande do Sul e em algumas áreas do planalto e oeste catarinenses; *você* predomina no Paraná, São Paulo, sul de Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e sul do Mato Grosso; *tu* e *você* formam uma área mista em parte de Santa Catarina, principalmente nas áreas que ficam a leste. Essa distribuição não coincide exatamente com os padrões fonéticos, indicando que diferentes níveis de língua podem seguir dinâmicas de variação independentes.

4) No comparativo das análises fonéticas e morfológicas podem ser identificadas novas áreas dialetais do falar sulista?

A comparação entre os dados fonéticos e morfossintáticos permite propor uma reconfiguração da divisão dialetal da região do falar sulista, ratificando as constatações de Romano (2015) e de outros estudos anteriores, a exemplo de Koch (2000), Altenhofen (2002), Chofard e Margotti (2019) etc. Identificam-se não apenas os tradicionais dialetos "paulista" e "sulista", mas também áreas intermediárias e de transição, além de dialetos associados a comunidades específicas. Essa nova configuração dialetal reflete os complexos processos históricos de ocupação do território, incluindo as rotas tropeiras, os fluxos migratórios e os contatos linguísticos ao longo dos séculos.

Por fim, este trabalho representa uma contribuição aos estudos dialetológicos do português brasileiro ao demonstrar, por meio de dados do Projeto ALiB, que a variação linguística no chamado "falar sulista" é muito mais complexa do que sugeriam as propostas tradicionais. Ao integrar análises fonéticas e morfossintáticas, a pesquisa oferece um panorama mais preciso para compreender a formação dos dialetos no Centro-Sul do Brasil, destacando como processos socioculturais distintos – como bandeirismo,

imigração externa e interna, tropeirismo e disputas para definição de fronteiras internacionais – moldaram padrões linguísticos específicos em micro e macrorregiões. Os resultados reforçam a necessidade de abandonar classificações rígidas e adotar abordagens dinâmicas que considerem a língua como um sistema em constante transformação. Além disso, o estudo abre caminho para pesquisas futuras, contribuindo não apenas para a Dialetologia, mas também para os estudos sobre mudança linguística e contato entre línguas no português brasileiro. Espera-se que este trabalho sirva como inspiração para futuras investigações sobre outras regiões do Brasil, promovendo uma visão mais abrangente e integrada da diversidade linguística nacional.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernardete; PAGOTTO, Emílio. Palatalização das oclusivas dentais no português do Brasil. In: ABAURRE, Maria Bernardete; RODRIGUES, Ângela Cecília de Souza. (orgs.). *Gramática do português falado. Volume VIII: novos estudos descritivos*. Campinas, SP: UNICAMP, 2002.
- ABREU, Maria Thereza dos Santos; MERCER, José Luiz da Veiga. O tratamento em Curitiba: o pronome zero. *Ilha do Desterro*, Florianópolis, n. 20, p. 19-30, 1988.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. A percepção do falante sobre sua própria língua. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; FARACO, Carlos Alberto. (Orgs.). *Língua falada e escrita: aproximações teóricas*. Londrina: EDUEL, 2008.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Léxico e áreas dialetais: o que podem demonstrar os dados do ALIB. In: *ANAIS - VI Congresso Internacional da Abralin / Dermeval da Hora* (org.). – João Pessoa: Ideia, 2009. Vol. 2, p. 4219-4233.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Variação e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.
- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolf; ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS). Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 [2002a].
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: Casa Editora O Livro, 1920.
- ANDRADE, Carolina Queiroz; ALVES, Cibelle Corrêa Béliche; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Considerações sobre o significado social da variação dos pronomes de segunda pessoa do singular: variedades maranhense e brasiliense. *Ciência Geográfica* - Bauru - XXVI - Vol. XXVI - (3): Janeiro/Dezembro – 2022.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de.; MENEZES, Cleusa Palmeira Bezerra de. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984; v. 1, 2.
- BASSI, Alessandra. *A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu – abordagem geolinguística*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BATTISTI, Elisa. Variação, mudança fônica e identidade: A implementação da palatalização de /t/ e /d/ no português falado na antiga região colonial italiana do Rio Grande do Sul. *Diadorim* (Rio de Janeiro), v. 8, p. 103-123, 2011.

BIDERMAN, Maria Tereza. *O falar caipira: aspectos linguísticos e culturais*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O caipira e o rural urbano: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Cortez, 2004.

BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *A Geografia lingüística no Brasil*. São Paulo, Ática: 1991.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Introdução à prosódia: teoria e análise*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 9. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* GELNE: Grupo de estudos linguísticos do Nordeste, v. 4, n. 2, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade. Sobre a dialectologia no Brasil: para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto 2006. p. 15-26.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editora, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*. Salvador: EDUFBA, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Documentos 4: Projeto Atlas Linguístico do Brasil/* Suzana Alice Marcelino Cardoso; Jacyra Andrade Mota; Marcela Moura Torres Paim; Silvana Soares Costa Ribeiro (orgs.). Salvador: Vento Leste, 2013.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: introdução*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014a. v. 1. 210p.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: cartas linguísticas I*. 1. ed. Londrina - PR: Editora da Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2014b. v. 1. 367p.

CHAMBERS, Jack; TRUDGILL, Peter. *La Dialectología*. Madrid: Visor Libros, 1994.

CHOFARD, Amanda; MARGOTTI, F. W. *O português falado no Sul do Brasil: um balanço das áreas dialetais a partir de itens lexicais do ALiB*. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.43, p. 01-357, jul.-set., 2019.

CHOFARD, Amanda. *Contatos intervaretais das variedades sul-rio-grandense e paulista nos dados do Projeto Atlas Lingüístico da Rota dos Tropeiros*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl. *A expressão do sujeito no português falado em Santa Catarina: uma abordagem diacrônica*. Florianópolis: UFSC, 2001.

COELHO, Izete Lehmkuhl. A trajetória de mudança dos pronomes ‘tu’ e ‘você’ em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880-1990). *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, 5 (Especial): 130-161, jan. | jun. 2019.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas Lingüístico do Brasil: Volumes 1 e 2*. Salvador: EDUFBA, 2014.

DEUS, Viviane Gomes de. *Nordeste versus Sul: o tratamento do interlocutor no português do Brasil a partir de dados do projeto ALiB*. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

DIÉGUES JÚNIOR, Manuel Correia. *Geografia do Brasil: regiões brasileiras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

DUTRA, Eduardo de Oliveira. *A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *LaborHistórico*. Rio de Janeiro: UFRJ, vol. 3, n. 2, p. 108-113, 2017.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1995.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: UFBA - Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994, p. 11-21.

GARCIA, Rodolfo. *Dicionário de brasileirismos*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 76, 1912.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLLOWAY, Thomas. *Imigrantes para o café: São Paulo e o recrutamento de trabalhadores europeus*. São Paulo: Hucitec, 1980.

HORA, Dermeval da. A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ e as restrições sociais. *Graphos*, João Pessoa, v.2, n.1, p. 135-141, 1997.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do Vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino et al. *Atlas Linguístico do Brasil: v. I. Introdução*. Londrina: EDUEL, 2014. p. 37-78.

KOCH, Walter. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002. 2 v.

KRUG, Marcelo Jacó. *Identidade e comportamento linguístico na percepção da comunidade plurilíngue alemão-italiano-português de Imigrante-RS*. 2004. 132 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem no Contexto Social) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

KRUG, Marcelo Jacó; HORST Cristiane. Dialetologia pluridimensional e relacional: entrevista com o professor Dr. Harald Thun. *Working Papers em Linguística*. KRUG, Marcelo Jacó e HORST, Cristiane. Geolinguística Brasileira e Pluridimensionalidade. Florianópolis, v.23, n.1, p. 8-16, 2022.

LABOV, Willian. *Sociolinguistic patter*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LOREGIAN, Loremi, *Concordância verbal com o pronome tu na fala do sul do Brasil*. Dissertação (Mestrado me Letras/Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, Loremi. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. *Estudos Linguísticos XXXIV*, Irati, p. 362-367, 2005.

MARGOTTI, Felício Wessling. A perspectiva da Geolinguística Pluridimensional. *Anais do Colóquio Nacional Letras em Diálogo e em Contexto: Rumos e Desafios*. Instituto de Letras. UFRGS, 2002.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.

MARTINS, Flávia Santos; MARGOTTI, Felício Wessling. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. *Investigações* (Online), v. 25, p. 249-270, 2012.

MARTINS, Germano Ferreira. *A alternância tu/você/senhor no município de Tefé - Estado do Amazonas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

MENON, Odete Pereira da Silva. O sistema pronominal do português do Brasil. *Revista Letras*. Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MILLIET, Sérgio. *A cidade colonial*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural em variedades do português: uma abordagem sincrônica e diacrônica*. 2009. 308 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NASCENTES, Antenor. *O idioma nacional*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livr. Machado: Livr. Alves, 1933. v. 4.

NASCENTES, Antenor. *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953 [1922].

NASCENTES, Antenor. Divisão dialectológica do território brasileiro. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, abr./jun, p.213-219, 1955.

NASCENTES, Antenor. O tratamento de você no Brasil. *Letras*. Curitiba, n. 5/6, p. 114-122, 1956.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, Casa de Rui Barbosa, vol. I, 1958, vol. II. 1961.

PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Brasiliense, 1945.

PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>. Acesso em: 25 nov. 2023.

RIBEIRO, João. *A língua nacional*. Rio de Janeiro: Editora, 1933.

RIBEIRO, José et. al. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

RIBEIRO, Júlio. *Traços Geraes de Linguistica*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1880.

RIBEIRO, Marana de Almeida Moreira. *A palatalização das oclusivas dentoalveolares antes de /i/ no interior baiano*. 2018. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ROCHA, Patrícia Graciela. *O sistema de tratamento do português de Florianópolis: um estudo sincrônico*. Tese de Doutorado. Florianópolis (UFSC): 2012.

ROMANO, Valter Pereira. *Percurso historiográfico e metodológico da Geolinguística. Papéis*, Campo Grande, UFMS, 2014.

ROMANO, Valter Pereira. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no Centro-Sul do Brasil*. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

ROMANO, Valter Pereira; MARGOTTI, Felício Wessling. "Você vai viajar?" ou "Tu vais viajar?" A arealidade do pronome-sujeito na região Sul do Brasil. In: *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini* / organizado por Vanderci de Andrade Aguilera e Maranúbia Pereira Barbosa Doiron. Cascavel – PR.: EDUNIOESTE; Londrina: EDUEL, 2016, 349p.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah Maria. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

RÜDIGER, Rogério. *Falares açorianos no Brasil: contribuições para a geolinguística histórica do sul do país*. Porto Alegre: UFRGS, 2007.

SCHERRE, Marta. *Concordância nominal e verbal: paralelismo e variação*. São Paulo: Contexto, 1998.

SEABRA, Rodrigo Duarte; ROMANO, Valter Pereira; OLIVEIRA, Nathan. 2014. *[SGVCLin] - Software para Geração e Visualização de Cartas Linguísticas*. Versão 1.1. Mídia em CD-ROM e manual explicativo impresso.

SILVA, Hélen Cristina da. *Pelas veredas do /r/ retroflexo*. 2016. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Londrina: Universidade de Santiago de Compostela, Londrina, 2016.

SILVA, Thaís Cristófar; BARBOZA, Clerton; GUIMARÃES, Daniela; NASCIMENTO, Katiene. Revisitando a palatalização no português brasileiro. *Revista de Estudo da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 20, ed. 2, p. 59-89, 2012.

SOUZA, Márcia Regina Capelari de. *Colonização açoriana e formação de comunidades no litoral catarinense*. Curitiba: UFPR, 1996.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. *Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes*. Tese. (Doutorado em Língua e Cultura). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2018, 483f.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XX siècle. In: RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs.). *Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologie Romanes*. Bruxelles, 1998, p. 367-409.

TRUZZI, Oswaldo. *Italianos no Brasil: imigração e integração*. São Paulo: Contexto, 2000.

ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; RIBEIRO, José; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço para um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Presença Edições; Instituto Nacional do Livro; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.